



UMA
VIDA NO
ESCURO.

MEMÓRIAS

ANNA
LYNDSEY



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



UMA VIDA NO ESCURO
MEMÓRIAS

Anna Lyndsey

TRADUÇÃO DE DENISE BOTTMANN



Copyright © Anna Lyndsey 2015

Publicado originalmente no Reino Unido em 2015 por Bloomsbury

Todos os eventos relatados neste livro são reais. A autora usa um pseudônimo e mudou detalhes que pudessem identificar as pessoas citadas a fim de proteger a privacidade de familiares, amigos e conhecidos. As conversas foram reconstituídas de memória. Veja a *Nota da autora*.

TÍTULO ORIGINAL

Girl in the Dark

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO

Maria Carella

ARTE DE CAPA

Emily Mahon

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-883-6

Edição digital: 2016

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Adobe Garamond

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Parte um

Entra luz

Casa

Ficha médica

Livros que falam

Andando

Pete

Vida doméstica

Sonhos

Sonho 1

Abril de 2005

Maio de 2005

Junho de 2005

Junho de 2005 — Mais tarde

Jogos para o escuro

Jogos para o escuro I: Transformação

Energia

Tempestade

Música

Sonho 2

Outubro de 2005

Novembro de 2005

Dezembro de 2005

Natal de 2005

Janeiro de 2006

Fevereiro de 2006

Fevereiro de 2006 — Mais tarde

Jogos para o escuro 2: Círculo de palavras
SAS

Amigos de telefone

Casos de amigos de telefone 1: Véronique

Casos de amigos de telefone 2: Thomas

Mãe

Jogos para o escuro 3: O mestre da mente

Outras pessoas

Tricô

Sonho 3

Abril de 2006

Maio de 2006

Eclipse

Junho de 2006

Ponto de fuga

Autonomia

Correspondência 1

14 de julho de 2006

Correspondência 2

Jogos para o escuro 4: Quadrado de palavras

Física

Bicho

O cheiro do mundo

Um animal extraordinário

Saúde e segurança

Coisas verdes

Metáfora

Paralelos

Sonho 4

Pensamentos estranhos

Os meios para um fim

Jogos para o escuro 5: Escriba

O futuro impensável

Parte dois

Remissão

Chuva

Astronomia

A remissão prossegue 1

Viagem

A remissão prossegue 2

Encontro

Caixa para transporte

Palavra

Grande atração

Mottisfont

Chapéus

Jardinagem

Assistente

Música

Pés

Férias

Serpente

Jogos para o escuro 6: Percorrendo o alfabeto

A mente desabastecida

Sapos

Jogos para o escuro 7: Crazy Daisy.

Remissão 2

A mudança

Abecedário

Terror

Casamento

O eterno retorno

O tempo se curva

Inesperado

Final

Nota da autora

Apêndice

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Aos meus visitantes

PARTE UM

Entra luz

É muito difícil deixar um quarto totalmente escuro.

Primeiro, forro as cortinas com um material corta-luz, um tecido grosso que parece plástico e que tem um tom estranho de bege. Mas a luz se infiltra sem a menor dificuldade: por cima, passa pelo espaço entre o trilho e a parede; embaixo, pelas ondulações das dobras do tecido.

Então acrescento uma persiana de enrolar, também corta-luz, por dentro da moldura da janela. Mesmo assim, a luz escapa pelas laterais e passa, tremulante, pela fenda no topo.

Decido atacar as vidraças. Recorto folhas de papel-alumínio e pressiono-as nos vidros, colando-as com fita adesiva na moldura da janela. Mas o papel-alumínio enruga e rasga, recusando-se a se manter liso. Ainda há frestas nos cantos, além de furos e rasgos no meio. Passo ainda mais fita adesiva, grudando um pedaço de fita por cima do outro e sobrepondo mais folhas de papel-alumínio, formando camadas e mais camadas. Em vez de folhas lisas emendadas com pedaços únicos de fita, a coisa está virando uma instalação de arte fora de controle. Mas não posso parar. A luz está *rindo* de mim, está me provocando, escondendo-se e me fazendo pensar que consegui completar uma área para, assim que avanço para o próximo pedaço, se esgueirar por algum burquinho que passou despercebido. O dia lá fora é um oceano pulsante pressionando meus muros de contenção, e preciso vedar um dique que vaza constantemente, enfrentando o seu poderio.

Por fim, considero que terminei. Abaixo a persiana sobre a colcha de retalhos doida que fiz com papel-alumínio, fecho as

cortinas e ponho uma toalha enrolada na fresta inferior da porta. Sento-me na cama cuidadosamente e espero meus olhos se adaptarem.

E consigo. Finalmente consigo. Está escuro.

Deito-me em minha caixa escura, o novo receptáculo de minha vida. Sou tomada de cansaço e alívio.

Casa

A casa onde fica o quarto escuro não é grande. É toda de tijolos vermelhos e coberta por telhas, uma construção típica dos anos 1980. No andar térreo há um vestíbulo, um lavabo, uma sala e uma cozinha; no andar superior, três quartos pequenos e um banheiro. A garagem é geminada com a da casa vizinha, que é a imagem espelhada da casa onde estou.

Do jardim da frente, olhando para cima, meu quarto escuro é o do lado direito. A casa é a única entre suas companheiras que tem um olho fechado. Dentro daquele globo ocular escuro vive uma garota pálida.

Quando saio do quarto escuro, vejo três portas fechadas no patamar da escada — elas ficam sempre assim. A escada desce em curva e desemboca na penumbra, pois uma cortina cobre a porta de vidro da entrada. Aprendi a não me precipitar escada abaixo. Desço com cuidado, segurando o corrimão e apoiando o pé com firmeza a cada degrau.

Entro na sala. Dos dois lados, as cortinas estão fechadas. São cortinas normais e, por isso, o ambiente não fica completamente escuro. Em tão pouca luz, as poltronas e o sofá formam enormes sombras arredondadas que parecem elefantes deitados. As molduras metálicas dos quadros refletem brilhos estranhos, e as figuras retratadas não são visíveis. Em volta da mesa de jantar, as costas e os braços das cadeiras desenhavam uma composição de linhas verticais e horizontais. Num canto, um abajur de pé sustenta uma cabeçorra sinistra.

Vou até a cozinha e no mesmo instante começo a me mover mais depressa. Apesar das venezianas fechadas filtrando a luz

que entra pelas janelas, o cômodo é muito mais claro do que o restante da casa. Agarro a chaleira, enfio-a debaixo da torneira para enchê-la e em seguida encaixo-a na base elétrica e aperto o botão. Viro-me depressa para um armário e tiro uma caneca e um prato. Dou um passo para o lado e, em outro armário, pego um saquinho de chá. Com o prato, uma faca e um pacote de biscoitos de aveia, volto para a penumbra. Arrumo tudo na mesa de jantar e fico esperando até ouvir as borbulhas na chaleira. Quando ouço o clique da chaleira desarmando, disparo outra vez até a cozinha e, com a ligeireza e a economia de gestos de uma bailarina, sirvo a água do chá, tiro o queijo da geladeira e saio do cômodo levando os dois.

Então, à mesa coberta de sombras, como com rapidez e concentração.

Porque sei que não tenho muito tempo. No instante em que saio do quarto escurecido, um relógio começa a contar: minha pele inicia seu desagradável diálogo com a luz. No começo, a conversa se dá em sussurros muito suaves, que viram murmúrios mais insistentes. Tenho vontade de gritar: “Ignore! Não precisa reagir, não se envolva!” Mas logo minha pele levanta a voz em resposta e a briga começa. A situação vai ficando mais acalorada, e a prudência manda separar os protagonistas. Não há bolhas nem manchas — não exibio sinais visíveis do conflito. Mas dolorosamente, e com ferocidade sempre crescente, um fogo invisível queima por toda a superfície de meu corpo.

Levo a pele de volta para a toca. No escuro, ela recupera o equilíbrio.

Ficha médica

(...) A paciente passou a apresentar sintomas não apenas nas áreas expostas, mas também por baixo das roupas (...) resultando em severas reações dolorosas que ocorrem em todas as áreas do corpo (...)

DIAGNÓSTICO:

O diagnóstico atual é de dermatite seborreica fotossensível. A condição sem dúvida pode causar esse tipo de reação muito severa, sendo uma síndrome bem documentada, embora rara, que com frequência mostra-se extremamente incapacitante, como no caso presente, devido à necessidade de evitar até mesmo os níveis mais baixos de exposição a fontes significativas de luz (...)

CAPACIDADE FUNCIONAL ATUAL:

A sensibilidade da paciente à luz é muito severa, e ela é tão sensível à luminosidade (como é o caso de um pequeno grupo de pacientes com a mesma condição) que se encontra gravemente incapacitada, dado que precisa evitar em níveis extremos todas as fontes de luz, as quais evidentemente são ubíquas a qualquer ambiente normal... De fato, no ano de 2006 a situação piorou tanto que, há um longo período de muitos meses, a paciente está confinada a um quarto escurecido na casa onde mora e não consegue tolerar qualquer outro ambiente devido ao problema de pele (...)

PROGNÓSTICO PROVÁVEL:

De acordo com a experiência com nossos outros pacientes e a literatura acerca de pessoas com esse tipo de reação imediata a fontes luminosas, o prognóstico é muito variável, mas sem dúvida existe um subconjunto significativo de pacientes cujos problemas persistem a longo prazo, às vezes com grande severidade (...)

Livros que falam

Meus ouvidos viram meu canal de ligação com o mundo. Na escuridão, ouço histórias de suspense, narrativas policiais, romances, dramas familiares, ficção barata, romances históricos, contos de fantasmas, literatura clássica, novelas eróticas e livros de história. Ouço livros bons e livros ruins, maravilhosos e péssimos. Não discrimino. Sem parar, hora após hora, consumo todos na escuridão.

Os livros que ouço são aleatórios; dependem exclusivamente do que está disponível na biblioteca quando a pessoa que os traz para mim passa por lá. Anoto os títulos em uma lista em ordem alfabética, para não receber os que já ouvi. Tirando isso, meu ritmo de consumo é tão rápido, e a minha necessidade, tão intensa, que não posso ser muito exigente. Há apenas duas proibições na lista, formando um contraste curioso: “Nada de James Patterson ou de Miss Read.” Posso passar sem as minuciosas descrições de assassinatos em série do primeiro, e as narrativas da segunda, que relatam a vida de uma professorinha do interior, são de uma presunção e de uma malevolência que me deixam irritada e letárgica.

No mais, deixo que os autores me levem por onde quiserem.

Na minha vida anterior, eu lia rápido, dando uma olhada na página para ter uma impressão geral, procurando as passagens marcantes com o olhar cético, em busca de um resumo. Às vezes, (confesso) *eu pulava descrições inteiras*. Agora sou uma ouvinte cativa e preciso ingerir cada palavrinha. Deito-me e deixo que o enredo vá se construindo lentamente à minha volta, peça por peça. Colaboro de boa vontade, deixando-me seduzir

devagar, afinal, não quero mais dos autores que uma longa e duradoura distração. Passei a odiar as interrupções na narrativa, a temer a voz que anuncia “Aqui termina este lado. A história continua na próxima fita”. Pego a fita seguinte, rasgo o apertado envoltório plástico com as unhas, enfio-a no aparelho e aperto a tecla. Sou como uma paciente à base de morfina cuja dose foi interrompida, desesperada para reiniciar o abastecimento que amortece a dor. Supram-se as lacunas, façam-se as trocas depressa: nesses breves silêncios, sei que o desespero pode voltar depressa e com um peso esmagador.

Nessa promiscuidade literária inédita e desenfreada, faço algumas descobertas agradáveis. Não tendo o menor interesse por corridas de cavalos, antes de tudo isso eu jamais pegaria um dos suspenses equestres de Dick Francis para ler. Mas, como companheiras na escuridão, suas histórias prendem a atenção de maneira muito satisfatória. Numa delas, o protagonista, um jóquei que virou contador, é sequestrado e mantido no escuro por dias a fio, na parte de trás de uma van, tendo por companhia apenas algumas garrafas de água e um pacote de queijo processado. Como minha situação é um pouco melhor do que a dele, achei a história vagamente encorajadora. Os livros celebram a obstinação do homem comum: o herói continuará a lutar contra um problema, e, ainda que leve uma pancada na cabeça, seja amarrado e sofra consequências desagradáveis, nunca chegará a ser liquidado.

No escuro, embora eu ouça fitas e CDs, prefiro as fitas. É menor a chance de apertar o botão errado e ficar perdida entre as faixas, saltando alguns capítulos sem querer ou iniciando o livro em um modo diferente, em que as faixas tocam em ordem aleatória ou uma delas se repete infinitamente. Para desfazer o erro, é preciso descer com o aparelho portátil e espiar o mostrador minúsculo enquanto testo as teclas na penumbra.

Fico íntima das vozes que falam comigo do canto do meu quarto escuro. Tem o machão, cuja fala carrega um pouco dos maneirismos da classe trabalhadora, que lê um monte de livros de ação. Tem o sujeito de voz profunda, envolvente como chocolate, cujos personagens masculinos são enérgicos e viris, mas cujas mulheres, apresentadas em falsete, soam levemente imbecis. Há o lúgubre e elegíaco Michael Jayston, especializado na melancolia fatigada de P. D. James e John le Carré; e ainda Miriam Margolyes, capaz de criar tantos personagens, com vozes tão distintas, que é difícil acreditar que seja uma pessoa só narrando, e não uma trupe inteira.

Quando termino um livro, percebo que não consigo começar outro logo em seguida. Cada história precisa de tempo para se assentar em minha mente, para ser digerida como um jantar de muitos pratos. Avançar rápido demais seria até um desrespeito com os personagens — afinal, passei horas na companhia deles, conheci suas histórias, acompanhei momentos importantes de suas vidas. Algumas perguntas persistentes ainda ecoam dentro da minha cabeça. Ninguém percebeu a troca dos corpos? Por que se come tanta pizza na ficção policial americana?

Durante esses intervalos, sintonizo na Radio 4. Sempre se pode contar com ela para proporcionar um banho incessante de dedicação a trivialidades, um suave bálsamo para a alma.

Andando

Quando vou para o escuro, volta e meia fico perdida. Mesmo que o quarto seja pequeno e mobiliado com objetos simples — uma cama, uma estante de livros, um guarda-roupa, uma escrivaninha —, a escuridão pode causar uma desorientação total, uma sensação pavorosa. Nos primeiros dias, me pego tateando superfícies que não consigo identificar, buscando freneticamente alguma pista do que são. Muitas vezes, minha mente tem absoluta certeza de que estou sentada no chão virada para um lado do quarto, mas minhas mãos me dizem outra coisa. Solto um grito. A dissonância cognitiva é avassaladora, como uma laceração física no cérebro.

Mas depois é raro isso acontecer. Eu me acostumo. Ando com segurança pela caixa escura, não hesito em apoiar a mão na superfície firme e acolchoada da cama, seguro a cadeira que fica no canto do ambiente pelas estacas curvas de suas costas, estendo o braço para o metal frio da maçaneta da porta, que range de um jeito que mais parece um miado.

Às vezes, perco uma meia ou a escova de cabelos, mas não entro mais em pânico: tateio cada lugar provável calmamente, passando devagar de um para o outro, e em geral encontro o objeto.

Aos poucos, começo a fazer algo que não é de minha natureza: crio rotinas. As meias ficam sempre *aqui*, os óculos, *ali*. Um dia, reorganizo a gaveta de roupas íntimas, deixando as calcinhas à esquerda e os sutiãs à direita. Isso acaba com a frenética busca matinal, e pergunto-me por que não o fiz antes. Mas sei a resposta. É muito simples: esperança. A esperança me

deteve. Cada pequena adaptação ao ambiente físico é uma admissão de que as coisas não estão melhorando, de que não é um horror passageiro, de que talvez...

Mas este é o pensamento inconcebível.

Agora, há apenas uma situação em que posso ficar desorientada. Às vezes, em uma de minhas tentativas de continuar me exercitando, de manter o sangue circulando, marcho no mesmo lugar. Depois de alguns minutos, muitas vezes descubro que me virei noventa graus e que a cama, em vez de estar ao lado, está à minha frente.

Num livro de suspense, a desventura de um personagem me traz a explicação. Um homem perdido no Saara conclui que a melhor maneira de sair dali é andar em linha reta, sempre em frente. Depois de muitos quilômetros, ele percebe que está no mesmo lugar de onde saiu. As pernas humanas não têm exatamente o mesmo comprimento, e podemos pensar que estamos andando reto em frente, mas aos poucos, sem perceber, fazemos uma curva, traçamos um círculo, e terminamos no mesmo ponto em que começamos.

Pete

Na casa das cortinas fechadas e do quarto vedado mora outra pessoa.

É Pete, o homem que amo. É na casa dele que moro, foram os cômodos dele que escureci, deixando apenas uma fração da luminosidade, foi seu quarto vago que requisitei para transformar em minha toca.

O meu amor me salvou. Esse amor me envolve com braços fortes quando choro de desespero, me proporciona uma ideia de rotina semanal, empresta alguma estrutura aos meus dias sem forma. Traz um riso diário, uma razão para continuar resistindo...

... e me destrói com a culpa. Pois estou criando duas vidas na sombra, mas apenas uma precisa estar ali. Estou sugando a luz da vida de Pete, transformando-o numa criatura da penumbra, do limiar. Um sujeito solteiro, mas que não é solteiro. Alguém que, em eventos sociais, senta-se sozinho entre os casais, tendo ao lado uma estranha presença ausente.

Debato internamente durante os longos períodos que passo sozinha. Embrenho-me em investigações éticas extensas e conduzo análises filosóficas detalhadas. Tento descobrir que comportamento seria moralmente correto nessas condições. Devo deixar Pete?

Seria difícil, em termos práticos. Exigiria tempo, pesquisa e uma cuidadosa organização, mas seria possível. Eu precisaria encontrar outro lugar para morar, com outro quarto escurecido. Um lugar onde eu vivesse sozinha, com pessoas próximas que eu pagaria para fazerem minhas compras, ou um lugar com alguém preparado para cuidar de mim, para fechar as portas

antes de acender as luzes e puxar as cortinas antes de eu entrar num cômodo. Alguém em quem pudesse confiar, pois eu estaria à sua mercê.

Martelo minha mente em busca de uma resposta. Estarei agindo mal em ficar, em me abster da responsabilidade e do esforço de ir embora, em continuar a absorver esse homem encantador sem nunca lhe dar filhos, companhia em público ou um lar acolhedor?

É sobre essa questão que me debato, hora após hora. Até que ouço a chave na porta e os passos na escada. Ouço o chamado “E aí, gata!”, o som dos pés no quarto ao lado enquanto ele tira os sapatos e a gravata e calça os chinelos. Então ele bate à minha porta, falo para ele entrar e corro para abraçá-lo.

E todas as minhas reflexões éticas viram pó diante de sua mera presença. Porque juntos, mesmo na escuridão, iluminamos o quarto. Porque a culpa represada em mim se rompe e se dissolve diante de uma explosão ridícula de felicidade. Porque o amo e sei que não posso deixá-lo, sou incapaz disso, a menos que ele me peça para ir embora.

E ele não pediu.

E este é o milagre com o qual vivo todos os dias.

Vida doméstica

— O que tem para o jantar? — pergunta Pete, vindo me encontrar numa sexta à noite, depois de chegar do trabalho.

Não preparei a comida, mas já pensei em tudo e adiantei algumas etapas.

— Tem um resto de salada numa tigela na geladeira — respondo —, e descongelei um pouco de salmão defumado. Se você puder cozinhar umas batatas...

— Parece fácil — declara Pete, e desce a escada.

Ele não é bom na cozinha. Tento sempre dar instruções simples e que ao mesmo tempo garantam uma alimentação razoavelmente variada e saudável para nós dois.

— OK! — grita ele, lá de baixo, quando a comida fica pronta.

Pete apagou as luzes principais da sala e acendeu um pequeno abajur que tem uma lâmpada de 25 watts e fica atrás da estante da TV. O móvel está em um dos lados da sala, e a mesa de jantar fica do outro, de forma que a luz é suficiente apenas para nos enxergarmos e vermos o que estamos comendo.

— E então, como foram as coisas hoje? — pergunta ele.

(Às vezes, até as breves escapadas do escuro reacendem a queimação, e o ardor pode levar dias para diminuir. Às vezes, preciso comer no quarto, numa bandeja.)

— Ah, tudo normal — respondo. — Estou ouvindo um livro meio doido sobre uma turma de amigos que querem ser banqueiros internacionais, só que um deles é psicopata. Está na cara quem é, mas os personagens levam um tempão para descobrir. Aí me cansei da história e parei de ouvir um pouco, e escutei um programa incrível no rádio. Um cara estava na Índia

tentando gravar o rugido do tigre de Bengala e, quando conseguiu, o som era incrível, bem profundo e ressoante, tipo...

Tento rugir como um tigre de Bengala.

— Certo, amor, obrigado, já me sinto lá.

— Bem, você sabe, é mais ou menos assim... não tenho fôlego para imitar. Ele também falou que os tigres são muito territorialistas e gostam de patrulhar, então muitas vezes são vistos margeando as estradas do parque nacional.

— Realmente, já vi umas fotos de tigres andando perto das estradas lá no clube de fotografia. Tem um cara que vai para a Índia mês que vem para fotografá-los. Vai ficar num esconderijo durante horas, cinco noites seguidas, mas, como ele já vive atrás de moitas esperando pássaros, deve estar acostumado.

O mundo animal não é o assunto favorito de Pete. Prefere fotografar paisagens, principalmente árvores.

— Como foi o trabalho? — pergunto.

— Fiz alguns cálculos de manhã — responde ele —, mas aí o servidor caiu e não deu mais. Depois o Carranca veio me ver. Estava ainda mais calado do que o normal. E tive uma reunião com o Chefe Esbugalhado.

— Nossa. E ele olhou feio para você?

— Não dessa vez. Mas deu uma das olhadas clássicas para o Executivo. Falou bem assim: “Estou de olho em VOCÊ”, e esbugalhou os olhos por cima dos óculos.

— Que medo.

— Pois é. Quer sobremesa?

— Uma fruta, por favor. Acho que tem umas uvas na geladeira.

Quando terminamos o jantar, vou para minha toca e ele lava os pratos.

Às oito, sintonizo no *Any Questions*, e Pete se junta a mim no escuro. Depois de uma semana puxada no escritório, ele gosta de relaxar ouvindo os políticos se massacrarem na Radio 4. *Any*

Questions não é meu programa favorito, mas ouvi-lo é algo que podemos fazer juntos. Deito ao lado de Pete na cama estreita, volta e meia reclamando:

— Eles desviaram completamente do assunto!

— Só falam chavões.

— Esse idiota ainda está falando? Vou enfiar a cabeça debaixo do travesseiro, me cutuca quando ele terminar.

— Tente não ficar muito irritada, querida — diz Pete, me abraçando. — Ainda estamos na primeira pergunta.

Assim se passa nossa noite de sexta-feira.

Sonhos

Ah, o que não faço nos sonhos!

Em meus sonhos, viajo de trem e escalo montanhas, toco em concertos e nado em rios, levo documentos importantes em missões de vida ou morte, vou a reuniões que se transformam em coreografias de musicais. Meu corpo está confinado à escuridão, mas sob minhas pálpebras fechadas há cor, som e movimento. Num glorioso contraste com o dia, a noite projeta filmes loucos no cinema particular que é a minha mente.

Meus sonhos são povoados de gente, como que para compensar a solidão das horas despertas. Conhecidos; famosos; pessoas de momentos obscuros do passado que eu pensava ter esquecido; pessoas que não conheço, geradas espontaneamente em algum canto do meu cérebro; pessoas que são encarnações inquietantes dos meus medos e esperanças mais profundos. Elas se misturam em grupos estranhos — minha tia e o locutor de rádio John Humphrys; uma garota da escola; uma ex-colega de trabalho. Em retrospecto, é um tanto esquisito, mas na hora tem a lógica irrefutável dos sonhos.

Despertar é sempre horrível: de repente sou sugada por um sorvedouro, numa longa corredeira escura, desabando sem qualquer elegância no colchão. “Pare!”, grito para o sonho que se vai, “Quero continuar com você!”. Mas o sonho segue depressa, desaparecendo no horizonte, e me agarro apenas aos fragmentos de memória soltos na esteira que se desvanece.

Prisioneiros e animais de zoológicos dormem muitas horas por dia. Como eles, tornei-me uma devota, uma sibarita do sono, uma grande conhecedora de seus intensos prazeres secretos. O

sono rompe as correntes da vida, abre os grilhões mais íntimos da minha pele, me liberta para percorrer as paisagens bravias da mente desgovernada. Toda noite, entro pela mesma porta, mas encontro algo novo. Mergulho as mãos nas águas maravilhosas dos sonhos. Às vezes, encontro coisas agradáveis, às vezes, escorpiões, mas sempre, por algumas horas, recebo o livramento.

Sonho 1

Estou num trem saindo da estação Waterloo. Está lotado de pessoas indo para o trabalho, e tenho sorte de conseguir um lugar à janela. Olho para os sulcos e saliências dos trilhos, que se juntam numa larga faixa marrom ao se aproximarem do terminal. Por entre os prédios de escritórios, vislumbro o esqueleto prateado da London Eye.

Estou sonhando com o caminho até o trabalho. Quando o trem para na plataforma 2, um mar de ternos escuros me empurra para fora do vagão e me conduz pela plataforma. Todos parecem decididos e determinados, levando pastas e bolsas, caminhando na mesma direção. Impelida por eles, desço a escada até a York Road e sigo até a Hungerford Bridge.

A paisagem de Londres se abre ao meu redor — o Southbank Centre atrás e à direita, as Câmaras do Parlamento rio acima, na outra margem, Embankment Gardens, a estação Charing Cross, o Hotel Savoy. O Tâmesa, enorme e cinza, passa pelo centro da cidade formando um vale esplendoroso de luz, vastidão e ventos impetuosos, um antídoto para os escritórios abafados e as ruas engarrafadas.

Em meu sonho, o céu está coberto de nuvens brancas que passam depressa, e as águas do rio agitam-se com golfinhos e baleias que rodopiam e se divertem, irrompendo de repente na superfície, com a água escorrendo pelas laterais lisas de seus corpos cinzentos.

Atravesso a ponte depressa, confiante e esperançosa. Sei que estive ausente do trabalho, mas tenho certeza de que estou melhor agora. Entro no escritório passando pelas enormes portas

douradas que se abrem quando me aproximo. Meus colegas parecem iguais. “Que bom ver você de novo”, dizem. “Tem muita coisa acontecendo. O ministro precisa de um memorando para as dez. Separamos uma mesa no canto para você, onde as luzes podem ficar apagadas.”

“Muito gentil”, penso. Vou até minha mesa, ajeito-me na cadeira e ligo o computador.

Mas não consigo fazê-lo funcionar. Na tela surgem coisas que não digitei. Arquivos e programas abrem e fecham aleatoriamente. O mouse não obedece à minha mão e o cursor corre sozinho pela tela. Milhares de e-mails são despejados sobre mim.

Acordo em pânico. “Preciso arrumar aquele computador”, penso. “Mas pelo menos fui trabalhar. Foi ótimo.” Então abro os olhos no escuro e percebo que não fui a lugar algum, e então me lembro que nem moro mais em Londres.

E penso na vida que tinha antes, uma vida bastante comum, com o equilíbrio normal entre frustração e satisfação, o complemento normal entre luz e sombra. E me lembro do princípio da escuridão, de quando ela criou suas primeiras raízes, bem no centro daquela vida.

Abril de 2005

Estou trabalhando no computador, digitando depressa. À minha volta, estende-se um mar de mesas, pontuado pelos corpos encurvados de seus ocupantes. As extremidades das fileiras são marcadas com arquivos de um rosa-shocking horroroso, resultado da estranha tentativa da gerência de conferir um ar vibrante e divertido à nova disposição da sala apinhada.

Dedos digitam nos teclados, bocas murmuram aos telefones, impressoras arfam e arrotam papel. O teto baixo e pontilhado pelos quadrados de luz fluorescente pesava sobre nós. De tempos em tempos, alguém atravessa a sala para debater discretamente algum assunto com os colegas. Uma declaração enigmática interrompe periodicamente o burburinho modulado:

“Avisar ao Departamento de Imprensa que é só isso que podemos adiantar.”

Ou: “Ei, onde está o Chris agora à tarde?”

Ou: “Essa porcaria de RH vai me deixar louco.”

Estamos na central do Ministério do Trabalho e Pensões, uma semana antes das eleições gerais de 2005.

Todos acham que o Partido Trabalhista vai ganhar, embora com pouca margem. Tony Blair aproveitará a oportunidade para mudar a equipe, e teremos outro ministro das Pensões, que precisará ser preparado para o cargo. Estou escrevendo uma breve explicação para esse político ainda desconhecido que deve estar fazendo algum comício em Glasgow, em Bolton ou em Northampton, discursando de um palanque enfeitado com balões e rosetas vermelhas, respondendo a perguntas embaraçosas sobre a guerra no Iraque.

Parágrafos claros fluem para a tela. Sei o que o ministro precisa saber e sei como explicar as partes complicadas de uma maneira que até um idiota conseguiria entender. Fatos e argumentos estão bem acessíveis e ordenados em minha mente.

E dentro de outra parte da minha cabeça há caos, pânico e terror.

O tempo todo. Sem parar. Pensamentos se retorcem sob a aparência calma e profissional como um porão cheio de cobras negras. *Não posso perder o emprego. Não sei por quanto tempo vou conseguir continuar desse jeito. Preciso seguir em frente. Como vou conseguir? Não posso perder o emprego.*

Adoro meu emprego — às vezes é esquisito, frustrante e surreal, mas sempre é interessante: tem a curiosa mistura linguística de metáforas esportivas e jargões de negócios, os estranhos procedimentos parlamentares, o ego dos políticos e as antigas, antiquíssimas certezas do poder.

E adoro a localização — pertinho, só um pouco a leste da desolação pétrea de Whitehall, que visitamos com frequência para ver os ministros ou os gentis funcionários da Fazenda, ou quando estamos a caminho do próprio Palácio de Westminster. No horário de almoço, posso dar um pulinho em Covent Garden, onde vagueio como um zumbi por entre as lojas de roupas, enchendo os olhos com cores e estampas para dissipar as tensões do dia. Num restaurante minúsculo de dois italianos, peço meu prato preferido para o almoço: batata assada com patê de atum e azeitonas pretas, servido em porções generosas com uma colher reluzente. E os Embankment Gardens ficam ainda mais perto, uma faixa estreita de natureza urbana, onde, sob a pressão de um prazo ridiculamente apertado para encontrar a solução de algum problema, passeio entre os canteiros coloridos e as grandes árvores maduras, e consigo encontrar uma solução.

Meus pais, ambos músicos profissionais, eram trabalhadores autônomos, e minha infância foi pontuada por crises periódicas,

nas quais meu pai anunciava dramaticamente que a orquestra (ele era violoncelista na Filarmônica de Londres) estava prestes a afundar e que acabaríamos morando num abrigo. Isso nunca chegou a acontecer — a orquestra continuava cambaleando entre uma brutal redução de verbas e a seguinte —, mas é provável que a experiência como um todo tenha tido algum efeito psicológico em mim, criando uma predisposição a entrar no serviço público em busca da monotonia de um emprego estável e um plano de aposentadoria.

Eu acabara de comprar um apartamento, depois de anos de tentativas e negociações infelizes (consertos no forro, vizinhos psicopatas, telhas de amianto, financiamentos que não podiam ser prolongados — os percalços usuais que surgem para todos aqueles que tentam comprar um apartamento velho com um único quarto nas áreas pouco nobres do sul de Londres). Finalmente, todas as esquisitices que coletei ao longo dos anos, sem ter onde pôr — o relógio dourado que imitava um sol, o bule de chá com estampa de leopardo, cortinas *vintage*, o piano de armário —, começaram a sair das caixas, dos guarda-louças e do quarto de hóspedes da minha mãe para encontrar seus devidos lugares. Todo o meu estoque de projetos de decoração tornou-se possível — sempre quis uma cozinha pintada de amarelo, uma parede repleta de cartões postais artísticos e uma cama grande de ferro fundido cheia de firulas.

Por isso, não posso perder o emprego. Não posso perder o emprego. Não posso perder esse apartamento, a realização de um sonho tão desejado.

No começo, só acontecia de vez em quando. Eu tinha um dia ruim, mas depois as coisas voltavam ao normal. Aos poucos, os dias ruins ficaram mais frequentes, foram se juntando e acabaram se emendando um no outro. Os dias bons viraram exceção, ilhotas de esperança cada vez mais reduzida.

Agora, até as ilhotas desapareceram.

Então o que é isso, essa coisa estranha, sem precedentes? É só isso: quando me sento diante de uma tela de computador, meu rosto arde.

Arde?

Arde como a pior das queimaduras de sol. Arde como se alguém estivesse apontando um lança-chamas para a minha cabeça.

À esquerda do monitor do computador fica minha solução imediata e desesperada: um ventiladorzinho elétrico apoiado numa lista telefônica, posicionado de forma a soprar continuamente em meu rosto. No instante em que me desvio do ar, a dor volta com tudo.

Fui ao médico e expliquei o problema. O clínico geral, intrigado e preocupado, me pôs numa lista de espera para consultar um dermatologista. Nesse meio-tempo, quando eu devia estar em licença médica, sou possuída pela estranha ilusão de ser indispensável. Acredito sinceramente que, se eu não estiver no trabalho, o documento importante sobre as pensões não será tão bem redigido; o novo ministro, privado de minha exímia perícia, não conseguirá apreender as questões com clareza; ninguém tomará qualquer decisão, e perderemos as datas de implantação.

Não quero deixar minha equipe na mão. E não quero nem pensar na possibilidade de que o misterioso processo em curso no meu corpo venha a me separar do emprego que adoro — o emprego que passou a me definir nos últimos dez anos, que sustenta todas as estruturas da minha vida.

Se o véu do futuro pudesse se erguer por um milésimo de segundo e eu conseguisse captar um único vislumbre do pavoroso túnel à frente, ficaria imune a qualquer protesto de consciência, qualquer sentimento de lealdade, qualquer censura aos relapsos que fogem de suas obrigações. Sairia correndo daquele escritório, desceria a John Adam Street, subiria os degraus da Hungerford Bridge e atravessaria o rio até o local

onde vivem os desabrigados como se perseguida por um demônio. Lá, largaria de vez o emprego, o financiamento da casa e a vida confortável e ficaria com aquelas pessoas, dormindo num papelão, embrulhada num cobertor, mas ainda teria a liberdade da cidade e o céu sobre a cabeça.

Só que não conheço meu futuro, sou sensível apenas às pressões do presente. Assim, mantenho-me no emprego, digitando freneticamente, com o ventilador resfriando meu rosto de leve.

Maio de 2005

“Sejam bem-vindos” diz o presidente da reunião, um sujeito afável e careca com óculos grandes de armação preta. Ele é conhecido pela abordagem calma e gentil, aspectos de que precisará muito, já que nesta reunião trinta gerentes de setor tentarão classificar suas equipes por ordem de desempenho para figurar nos relatórios de fim de ano.

A reunião é realizada numa sala subterrânea, sem janelas, com paredes feitas de divisórias de plástico branco encardido, um carpete cinzento sujo e lâmpadas fluorescentes de uma luminosidade atroz. Mesas cinza estão dispostas próximas às paredes, formando um quadrado vazio. Os presentes se abastecem com um café de cheiro ácido e olham com desconfiança para os demais. Sinto-me estranhamente contente por estar ali, pois isso significa passar várias horas longe do computador, horas durante as quais meu rosto terá uma folga. Mesmo que tenham escolhido uma sala especialmente horrível de propósito, decerto para nos incentivar a chegar logo a um consenso, não acontecerá rápido.

— Mas ele se destacou mesmo? Tive algumas reuniões com ele e devo dizer que lhe falta certo brilho.

— E se você o comparar a Anthony, que realmente brilhou este ano...

— Na verdade, minha equipe tem tido vários problemas para lidar com Anthony. Parece impossível fazê-lo cooperar conosco. E ele sempre está em horário de almoço.

— Sem dúvida, o fator decisivo deveria ser se ele se alinha ou não com os valores do Ministério.

— Ah, pelo amor de Deus, assim não vamos chegar a lugar nenhum.

— Bom, o que você sugere?

É uma tarefa impossível. Os integrantes da equipe em avaliação, embora sejam do mesmo nível hierárquico, cumprem funções totalmente diferentes e em partes diferentes do Ministério. Os gerentes dos demais setores conhecem alguns funcionários e desconhecem outros; viram outros de relance numa sala de reuniões lotada ou num pub, e com base nisso formaram opiniões totalmente subjetivas. Certos gerentes se mostram defensores espertos e insinceros da própria equipe, outros são honestos demais e logo ficam na defensiva.

Na verdade, é uma reunião infernal. Após três horas, ainda tento acompanhar a discussão e intervir onde posso para ajudar minha equipe, mas algo estranho começa a acontecer e exige cada vez mais atenção. Não há computadores nessa caixa subterrânea excessivamente iluminada, mas ainda assim meu rosto arde em chamas. Percebo que estou inclinada para a frente, com os cotovelos na mesa e as mãos no rosto, tentando proteger um pouco a pele ou, ao menos, dar um contato reconfortante. Há garrafas de água espalhadas pela sala e bebo um copo atrás do outro.

Por fim, a discussão se encerra. Chegou-se a um acordo, ou as pessoas simplesmente desistiram. O ar na sala tem um cheiro rançoso de café, suor e irritação.

— Muito obrigado a todos — diz o presidente da mesa.

Saio correndo para a porta.

Minha colega, Tina, está a meu lado, dizendo:

— Puxa, foi dureza.

Mas não estou em condições de responder.

Saio do escritório e pego o trem para casa. Quando chego, desabo na cama. Minha mente está totalmente vazia — por ora,

desisti de procurar explicações ou fazer associações. Estou tomada pela realidade da dor.

Não preciso esperar muito. Em poucos dias, a resposta se imprime em minha consciência como uma marca: meu rosto começou a reagir também à luz fluorescente.

Começo a ver que não dá para continuar. Dois pensamentos correm como trens em minha mente, avançando em direções conflitantes: Estou em agonia. Preciso continuar.

Eles vão se chocar.

* * *

ÀS TRÊS DA TARDE, vou falar com meu chefe. Explico que a dor ficou insuportável e que preciso ir para casa, tirar alguns dias de folga. De todo modo, ia mesmo sair de férias na semana seguinte. Meu chefe é muito compreensivo.

— Não se preocupe, a gente se vira — diz ele. — Vá logo e trate de se cuidar.

Desligo o computador, ponho a bolsa a tiracolo e atravesso a enorme sala cheia de murmúrios. No saguão, passo pela segurança e atravesso as portas de vaivém da entrada do prédio, saindo na John Adam Street, voluptuosamente vazia sob o céu luminoso do fim de maio. Inspiro o perfume inebriante do verão urbano — asfalto quente e lixo fermentando somado a algo floral e vibrante, como se o próprio ar estivesse florescendo. Em geral, basta esse cheiro para elevar meu ânimo, para encher minha mente de possibilidades. Mas dessa vez passo pelo esplendor da tarde como um cadáver ambulante.

A meio caminho da Villiers Street, olho para a minha mão e percebo, surpresa, que estou segurando a caneca que uso no escritório, com chá até a metade. É uma caneca de um tom alegre de verde com a estampa de um desenho bobo, presente

da equipe anterior quando fui transferida para o cargo atual. Paro de andar e a encaro, aturdida, sem saber o que fazer. Então vejo um ralo na calçada. Despejo o chá ali, deixando pingar as últimas gotas antes de guardar a caneca na bolsa.

O corpo tem uma sabedoria inconsciente que a mente renega. Ao segurar a caneca, minha mão entende que na verdade não voltarei, mas ainda me agarro às minhas últimas esperanças.

Junho de 2005

Estou num barco, deslizando entre o céu branco e o mar de um cinza sedoso. É fim de uma manhã no começo de junho, e o sol alto brilha intensamente por trás da cúpula de mormaço. Com os cotovelos apoiados na amurada de madeira, deixo o vento soprar no rosto e olho para a primeira das Farne Islands, ao longe, uma estranha curva negra boiando no Mar do Norte.

Viro a cabeça para o lado e sorrio ao ver Pete com a câmera erguida, tirando uma foto minha e da ilha. Estou usando um chapéu de palha muito bem amarrado com uma echarpe colorida, para que não saia voando. Como minha pele é muito clara e tenho cabelos castanhos com um leve tom de ruivo, sempre tive que me proteger sob chapéus de abas largas enquanto as outras pessoas andavam por aí de cabeça descoberta ou com um simples boné. Quando fiz um curso de verão num campo de preservação ambiental na Alemanha, acharam minha aparência tão curiosa que me fotografaram para o jornal local: uma inglesa excêntrica com um chapéu enorme.

Pete e eu estamos de férias em Northumberland. Com toda a crise que vivia, eu já não tinha muita certeza se deveria ir ou não, mas todos disseram que seria bom sair de Londres. “Você logo vai se sentir melhor ao ar livre, com tempo para esfriar a cabeça e acabar com o estresse.”

Ah, o estresse, a grandiosa causa de tudo. E estou realmente começando a relaxar à medida que o pequeno barco cintilante e cheio de turistas se afasta da costa de Northumberland rumo a ilhas toscas e desconhecidas, estranhas cidadelas ornitológicas. A tensão desliza, caindo de meus ombros como um casaco rígido

e desconfortável, o nó de pânico na mente se afrouxa, as cobras se desenlaçam suavemente e se afastam em movimentos sinuosos. Sob a influência do vazio, da vastidão, minha mente também se esvazia e encontra, se não paz, pelo menos uma espécie de trégua.

O barco chega à ilha principal, batendo de leve no píer que fica ao lado de uma pequena praia. Nela há um centro de atendimento a turistas e um deque de madeira por onde precisamos seguir para observar as diversas colônias de aves.

“As primeiras aves que vocês verão são as andorinhas do ártico”, anuncia o barqueiro. “É o período de nidação, então elas podem apresentar um comportamento agressivo.”

Deparamos com as andorinhas no momento que atravessamos a praia. Elas guincham e voam em torno de nossos tornozelos — o branco de seus ventres espalhando-se até as caudas em tesourinha, as asas cinza, o bico cor de sangue e o capuz negro que vai até os olhos.

— Como é esse comportamento agressivo? — pergunto a Pete quando começamos a subir por uma trilha entre moitas exuberantes pontilhadas por ninhos de andorinhas.

— Ah, elas mergulham direto para cima da gente — responde ele, indiferente. — Não se preocupe. Aconteceu comigo na Islândia.

Naquele momento, sinto um baque surdo na lateral da cabeça e um bater de asas quando a andorinha se afasta numa guinada. Depois vem outro impacto, e mais outro. Ergo os braços para tentar proteger o rosto. O ataque não é nem um pouco indolor, e fico feliz por estar de chapéu, já que aqueles bicos cor de sangue com certeza podem ser sanguinários.

Pete, já mais à frente na trilha, vira para fotografar a cena. Percebo que nenhuma andorinha do Ártico tenta atacá-lo. Abaixo a cabeça e corro para a frente, recebendo estocadas de despedida nas costas e no crânio. Fico muito irritada e perplexa

ao notar que Pete tem um efeito calmante sobre animais, ao passo que eu sempre pareço enervá-los. Durante nossos inúmeros passeios pelo campo, cães ensandecidos correm alegremente em volta dele e depois vêm me encurralar contra uma árvore.

Mas então lembro que, quando o conheci, Pete também teve um efeito calmante e tranquilizador sobre mim. Eu estava sentada no sofá de um hotel em Devon, completamente desanimada. Era a primeira noite de uma excursão voltada para caminhadas em grupo, e eu já desejava não ter ido. Tinha acabado de tentar puxar conversa com duas secretárias sem graça, e estava certa de que elas haviam me achado meio doida. O restante do grupo já se encaminhara para o jantar, e eu fitava as flores do tapete, desalentada, perguntando a mim mesma de onde viera a ideia de passar o feriado sozinha com um bando de estranhos.

— E aí, de onde você é?

Ergui os olhos e vi um homem de pé na soleira da porta, olhando para a sala. Notei que era alto e magro e que se inclinava de leve para se dirigir a mim, de um jeito bastante cordial.

— Sou de Wimbledon — respondi. — Sudoeste de Londres.

— Ah, o lugar do tênis — comentou ele.

Levantei-me devagar do sofá e fui em sua direção.

— Bem, eu digo que sou de Wimbledon porque as pessoas conhecem o nome — expliquei, com um sorriso —, mas na verdade não moro na parte chique. E você?

— Sou de Itchingford. É uma cidade em Hampshire, mais para o sul do que para o norte.

— Hum. Que nome interessante. Tomara que não seja descritivo.

— Ah, Hampshire é cheia de nomes bobos. Tem Popham, Lasham, Cosham e, claro, Nether Wallop.

— Puxa! — exclamei. — Parecem lugares bem violentos.¹

Entramos no enorme salão de jantar, onde cerca de cinquenta pessoas estavam sentadas diante de mesas compridas e o barulho das conversas reverberava das paredes. Ele me chamou para junto de seus amigos de viagem, que pareciam simpáticos, e o jantar foi bem gostoso. Tudo começou a parecer mais feliz.

As férias em Devon duraram uma semana e, como sempre acontece nesses casos, passei os cinco primeiros dias babando por outra pessoa. Era um rapaz extrovertido, bacana e superconfiante chamado Marcus, um líder nato, meu completo oposto. Era pálido, com a pele translúcida, cabelos castanho-escuros quase pretos e a cabeça tão quadrada que mais parecia esculpida daquele jeito. Na única vez em que conversamos a sós, depois de ele me ajudar a passar por cima de uma cerca, viramos inimigos em questão de minutos. Ele fez alguma piada sobre a chatice dos funcionários públicos e dei uma resposta desnecessariamente espinhosa.

Ah, mas eu o observava de longe. Estava sempre ciente de sua presença e sabia dizer, a cada instante de cada dia, onde ele estava e o que estava fazendo (o que, para falar a verdade, era especialmente fácil devido ao volume de sua voz). Como é irremediável a tolice do desejo.

No penúltimo dia, caminhamos até Dartmoor. Tudo estava envolto numa densa névoa cinza que deixava nossos rostos e casacos cobertos de gotículas e nos impedia de enxergar mais do que cem metros adiante em qualquer direção. Mas o ar era ameno e doce, carregado dos aromas de ervas do campo.

Escalei um aclive longo e suave coberto de tufo de capim amarelo até um rochedo estreito no topo, uma escultura surreal feita de gigantescos pedregulhos cinza e arredondados empilhados uns sobre os outros em colunas contíguas, como um ábaco caído. Kathy, uma loira tranquila do grupo de amigos de

Pete, ia conversando comigo. De repente, sem qualquer relação com o assunto, ela perguntou:

— Então, o que você acha de Pete?

— Bem... — respondi, um tanto surpresa —, ele parece meio calado, mas é simpático, bem simpático.

Kathy sorriu e continuou:

— Ele tem uma qued... — mas parou de repente e começou a falar do clima.

Só que eu não estava mais escutando: ouvira as palavras não ditas com a mesma clareza como se tivessem sido ditas aos berros em meus ouvidos — *uma queda por você. Ele tem uma queda por você* —, e algo explodiu dentro da minha cabeça.

Os outros já estavam no topo, e só me restavam apenas alguns metros de capim amarelo para me recompor antes de chegar lá também. Ainda sentia estranhos fragmentos cintilantes girando pelo meu cérebro, como se a lente através da qual eu enxergava o mundo tivesse se desintegrado sob um feixe de raios laser. Perguntei a mim mesma por que perder tempo com um monstro digno de Frankenstein, um sujeito visivelmente arrogante, desagradável e inconquistável, quando havia outro cara interessado em mim, alguém com quem eu gostava de conversar e que não parecia nem um pouco sem graça. Inclusive, parecia um vampiro loiro espichado, o pacote completo com o humor impassível e os dentes levemente pontudos.

Era uma pena que eu só tivesse percebido isso no fim da viagem.

Escalei uma placa de pedra angulosa e me ergui devagar no topo do rochedo pontiagudo, contemplando a (falta de) vista panorâmica. Um mosaico de tons foscos de marrom, roxo e verde se estendia sob o nevoeiro, como uma colcha de retalhos velha e encardida num sótão, coberta de pó e teias de aranha. Eu estava sozinha numa ilha em meio a um mar cinzento e sinistro que se erguia por toda a volta, tentando fundir-se com o

céu. Tentei me endireitar naquela base estreita e de repente me dei conta de que era escorregadia e que eu não sabia bem como descer. Vi Pete parado ao lado do pedregulho onde eu estava, olhando para cima, a cabeça loira contrastando com o céu cinzento.

— Quer uma ajudinha? — perguntou ele, muito sério, estendendo o braço.

Segurei sua mão e saltei.

* * *

DEPOIS DE TERMOS ficado juntos por um tempo, nos separado e reatado o namoro, já estávamos juntos de novo fazia dois anos quando conseguimos escapar das violentas andorinhas do Ártico indo para a parte mais alta da ilha baixa e sem árvores.

— Que sorte que não eram moleiros-do-ártico — comenta Pete.

— Por quê? O que eles fazem?

— Ah, os moleiros são muito bravos. Perseguem até bem longe do ninho e dão na moleira da gente.

Para um trocadilho desses, a única resposta possível é um grunhido.

A trilha de ripas de madeira cruza com uma passagem menor e, numa das esquinas da encruzilhada há algo que, à primeira vista, parece um montinho de terra e pedras. Algo estranho na textura daquilo me chama a atenção, e olho mais atentamente — percebo que o montinho de barro tem um bico comprido e dois olhos castanhos: na verdade, é uma fêmea de êider-edredão. Suas penas confortavelmente afofadas formam uma camuflagem perfeita no solo.

— Dá para ver por que são tão boas para encher acolchoados —, comento, quando paramos para admirá-la. A ave está

sentada, decerto chocando algum ovo, imperturbável e fofa como um travesseiro.

Ao longo da caminhada, vemos papagaios-do-mar entrando e saindo de tocas escavadas na relva plana, um cenário inesperadamente prosaico para uma ave de aparência tão extravagante. Paramos no alto de uma pequena enseada com as laterais íngremes cobertas de guano e inspiramos o cheiro forte de maresia, excremento e peixe enquanto admiramos as colônias de gaivotas e tordas lá embaixo. Estas últimas parecem executivos num evento formal: têm uma elegante plumagem preta, o peito branco e a tendência a ficarem em fila sobre pés enormes que mais parecem sapatos de couro.

De volta ao barco, circundamos as outras ilhas, mas não aportamos. São propriedades particulares das aves, e lá há pássaros aos milhares — empilhados em prateleiras de pedra escura, empoleirados em fileiras apinhadas no cimo de rochas íngremes, saltando entre os espaços relvados, soltando gritos agudos e esganiçados, descendo dos céus em uma queda abrupta, mergulhando, vivendo suas vidinhas intensas e insondáveis.

— Dá para entender por que as pessoas ficam obcecadas por aves. Devem ser as criaturas selvagens mais fáceis de se ver e em maior quantidade — comento.

— É verdade. Pelo menos nas partes do mundo onde não há muitas manadas de animais selvagens. E existem montes de espécies diferentes, então dá para fazer uma lista das que ainda falta ver, algo que as pessoas adoram.

— Se eu fosse um pássaro — comento, sonhadora —, acho que seria um mergulhão. Daria esses mergulhos fantásticos, despencando de centenas de metros de altura e entrando de cabeça no mar. Lembro-me de ver alguns, quando era pequena, numa viagem para a ilha de Arran com os meus pais.

Pete dá uma risada e me abraça.

— Cabeça nas nuvens, apetite voraz, adora peixe — lista ele.
— Combina.

— Que indelicado! — retruco. — E você?

Ele olha para o horizonte, pensando.

— Acho que seria uma coruja — responde com cuidado, e de repente me sinto inundada de amor por ele, como se essas cinco palavras tivessem injetado uma substância quente e viva no meu corpo e ela estivesse começando a percorrer minhas veias.

Sentamos bem juntinhos nos bancos duros e estreitos alinhados ao convés. Já se passaram três horas desde o começo da viagem, e o céu está cada vez mais cinza. O pouco colorido das ilhas se desfaz, e a paisagem marinha vira um rascunho monocromático. Um vento gelado começou a soprar, e o barco sobe e desce com as ondas conforme avança pela água revolta. Deixando a última ilha, começamos a traçar um longo arco de volta para casa.

A mudança de rumo significa uma mudança da nossa posição em relação ao vento. A corrente de ar que soprava de frente para mim cessa, e percebo algo que não tinha notado até então — ou que talvez estivesse me recusando a notar, mantendo submerso no fundo da consciência, como um cadáver flutuando inconvenientemente.

Meu rosto.

Meu rosto.

A tensão que me abandonara algumas horas antes retorna pelo convés do barco. Prende-se ao redor de meu corpo, mais firme e mais apertada do que antes.

Segui o conselho de todo mundo. Aqui estou, em meio à natureza, no vazio, cercada apenas pelos elementos: mar, ar, pedra, céu. Afastei-me do ambiente artificial do escritório, do fedor, dos prazos e das emanações sintéticas dos computadores. Aqui, não há telas ou luzes fluorescentes. Há apenas...

Apenas o sol.

O corpo humano é uma coisa incrível. Algumas partes continuam funcionando bravamente, mesmo quando outras falham. Minhas mãos se agarram à borda do banco de madeira, e meu coração pula de um lado para o outro dentro do peito. Minha visão fica turva, e mal consigo respirar. Mas a voz continua calma. Ouço a mim mesma conversando com Pete sobre aves, o jantar, as fotos que ele quer tirar do castelo Dunstanburgh, nosso quarto horroroso na pousada, todo de compensado escuro e cheio de enfeites de vidro, com vista para uma cerca viva e um poste. Ouço nossas risadas como se eu estivesse do lado de fora e fico espantada com o quanto pareço normal.

Não quero estragar o dia, esse dia encantador cheio de céus e aves. Quero mantê-lo puro e íntegro para guardá-lo na memória, um talismã contra qualquer coisa que venha a acontecer.

É só à noite, de volta à pousada esquisita, com o rosto em chamas, que cedo e solto um grunhido. Pete me abraça forte na cama de casal apertada.

— Ah, meu Deus, é o fim — gemo. — Deve ser a luz do sol. Só pode ser.

Não sabemos o que fazer. Passamos a noite sem dormir, rígidos, lado a lado — duas estátuas de cera sob a manta roxa escorregadia.

No dia seguinte, resolvo voltar para casa. Deixo Pete sozinho para aproveitar o restante das férias, visitar Dunstanburgh e Lindisfarne e tirar fotos à luz límpida de meados do verão, nessa terra de praias extensas e céu infinito. Em Alnmouth, ele me leva até o trem. É difícil saber o que de fato queremos dizer quando nos despedimos.

— Deseje-me sorte — peço.

— Boa sorte — responde ele.

E fujo daquela beleza penosa e irônica como um animal correndo para a toca. Dentro de mim está acontecendo algo que não entendo, o rompimento de um contrato que eu achava que

não poderia ser rompido, a lenta corrupção de minha própria essência.

Junho de 2005 — Mais tarde

Pete vai me visitar em Londres depois das férias. Meu estado é horrível, já estou certa de que meu rosto reage à luz. Mas a sensibilidade parece variar aleatoriamente, de modo que é difícil estabelecer quanta e qual grau de luminosidade consigo tolerar. Às vezes as cortinas precisam ficar fechadas, às vezes não há problema em sair num passeio ao anoitecer e de vez em quando até consigo entrar em alguma loja, enquanto outras vezes qualquer atividade dessas provoca um ardor terrível que dura horas. Tenho descoberto que muitos lugares são iluminados com luz fluorescente — ônibus, trens, supermercados, o consultório do clínico geral onde vou para pegar um atestado para tirar licença do trabalho. Passei a usar um chapéu de palha e uma echarpe de algodão em volta do pescoço — e posso erguê-la para proteger a parte inferior do rosto. Alivia, mas não elimina a dor da exposição.

Sei que seria bom deixar essa Londres malcheirosa e parar de tentar me virar sozinha. Não sei em que pé está minha relação com Pete — é provável que esteja acabando, já que tudo na minha vida parece estar chegando ao fim. Mas não tenho tempo para rodeios e sutilezas, como supostamente se deve proceder num namoro de dois anos. Um impulso feroz de autopreservação cresceu dentro de mim, devorando grande parte do meu orgulho.

Estamos sentados na pequena cozinha que fica nos fundos de meu apartamento térreo. Há refrigerantes na mesa de pinho, e lá fora o verão arde numa exuberância de azuis e verdes fosforescentes.

Seguro a mão dele do meu canto da mesa. Existe uma possibilidade específica que preciso confirmar ou eliminar.

— Vou pedir uma coisa — anuncio. — Por favor, sinta-se à vontade para recusar. Vou entender perfeitamente.

— Certo — responde ele. — O que é?

As palavras estão na ponta da língua, à espera, pressionando para sair. Como é estranho, penso, com um distanciamento súbito, que meras vibrações de ar possam mudar o curso de uma vida.

Respiro fundo e permito que as palavras saiam.

— Posso passar um tempo na sua casa? — Olho para um ponto acima da cabeça dele, para as prateleiras da cozinha, com pilhas de pratos e travessas. — Desculpe perguntar.

Ele não responde. É claro que estou pedindo mais do que um quarto. Estou pedindo que ele me ajude a interagir com o mundo exterior e que passe a cuidar de uma namorada que está rapidamente virando uma aberração.

— Posso pensar nisso? — pergunta ele.

— Mas é claro — aperto sua mão. — Então, o que vamos jantar?

Levanto-me e sinto as pernas tremendo tanto que mal conseguem sustentar meu peso.

Mais tarde, naquela noite, não consigo dormir. Revejo mentalmente as alternativas para o caso de ele dizer não, concentrando-me em pensamentos pragmáticos dos mais impiedosos. Tento me anestesiar das verdadeiras consequências do que acabei de fazer — se ele disser não, significa que tudo acabou e que vou enfrentar o futuro sozinha.

Conversamos amenidades durante o café da manhã. Tento adivinhar o que se passa na cabeça dele por suas ações, mas não consigo imaginar que palavras se escondem dentro de sua boca.

Por fim, ele declara:

— Pensei no seu pedido. Na verdade, quase não dormi essa noite. Em todo caso, decidi que sim.

Uma enorme onda de alívio se abate sobre mim.

— Obrigada — respondo, e levanto-me de um salto para abraçá-lo.

— Acho que deveríamos fazer um período de experiência — continua ele —, só para ver como será. Uns dois meses, mais ou menos?

Sinto um aperto de medo lá no fundo. É isso. Não estou mais inundada de prazer. Mas devia ter esperado algo do gênero. Pete é organizado, ordeiro, cauteloso, um contraste com minha natureza mais espontânea. Um complementa o outro, e é por isso que as coisas têm dado certo.

Então o abraço mais uma vez, expulso minhas apreensões e digo:

— É uma ideia sensata. Quem sabe o que pode acontecer? Depois de algumas semanas na mesma casa podemos virar uns cachorros loucos.

— *Au-au* — diz ele, e beija meu pescoço.

* * *

SE AO MENOS pudéssemos ver o futuro...

A reação do meu rosto é ruim, mas quem sabe minhas limitações não fiquem restritas a chapéus, lenços e evitar sair em certos horários? Não temos o menor indício da estranha inversão que nos aguarda. Dali a um ano o alívio do meu rosto transferirá o problema, intensificado, para o resto do corpo, aprisionando-me irremediavelmente na escuridão.

Então vamos olhar para trás e considerar esse momento uma época áurea. E, se pudéssemos voltar a esse dia, sabendo o que

viria pela frente, tenho certeza absoluta de que Pete não me acolheria. Quanto a mim, sei que jamais me atreveria a pedir.

Jogos para o escuro

A necessidade é a mãe do engenho.

No escuro, os únicos materiais disponíveis são a voz, a mente e a memória, junto com a imaginação, que, a depender de como a pessoa se sente, pode ser vigorosa ou vacilante. É por isso que os jogos no escuro usam palavras. E as palavras são pequenas centelhas na escuridão, porque fazem algo se acender na consciência, como numa tela de computador. Cada uma é um pequeno estímulo, uma alfinetada mental, uma daquelas descargas elétricas que nos mantêm vivos.

Jogos para o escuro I: Transformação

É um jogo para se jogar sozinho, à noite, quando não conseguir dormir. Disciplina a mente, exigindo o tipo de concentração que exclui qualquer outro pensamento.

Pense em duas palavras com o mesmo número de letras.

Mentalmente, transforme uma palavra na outra mudando uma letra por vez. Cada nova combinação de letras também deve formar uma palavra.

Às vezes, chega-se a um beco sem saída e é preciso refazer os passos para tentar outro caminho. Outras vezes, o jogador descobre que deu uma volta enorme e complicada quando havia um caminho muito mais curto.

BLACK [preto] pode se tornar WHITE [branco]. BODY [corpo] pode se tornar SOUL [alma]. DEATH [morte] vira LIVES [vive].

BLACK	BODY	DEATH
SLACK	BODE	HEATH
SLICK	BOLE	HEATS
SLICE	BOLL	HEAPS
SPICE	BOIL	HELPS
SPINE	SOIL	HELLS
SHINE	SOUL	HALLS
SHITE		MALLS
WHITE		MALES
		SALES
		SAVES

LAVES
LIVES

E realizei uma grande proeza, a única transformação de seis letras que eu já fui capaz de fazer. Numa noite de verão quente e abafada, consegui converter BUTTER [manteiga] em CHEESE [queijo].

BUTTER
BATTER
BATTED
BAITED
WAITED
WHITED
WHITES
WHINES
SHINES
SPINES
SPICES
SLICES
SLICKS
CLICKS
CLOCKS
CHOCKS
CHECKS
CHEEKS
CHEERS
CHEERY
CHEESY
CHEESE

Energia

Na minha escuridão, fico cheia de vitalidade. Seria capaz de correr quilômetros em campo aberto, dançar a noite inteira, dar cambalhotas na areia lavada pelo mar. Meu cérebro parece sem obstruções, a mente desanuviada. Meus membros estalam com vida e energia, minhas redes neuronais zumbem.

A única coisa que me aprisiona é minha pele — quisera eu poder arrancar dos ossos essa membrana traiçoeira.

A escuridão pode sentir a anomalia em seu cerne — um amontoado de matéria energizada pulsando contra o aperto do confinamento, como um coração pulsante preso dentro de uma lata de alumínio.

Mas a escuridão tem sua própria sabedoria serena. Lenta e sutilmente, modera essa energia inútil. Ela tem métodos para restaurar o equilíbrio.

Os olhos se fecham quando não há o que ver, é uma reação natural. Quando os olhos estão fechados, o estado de alerta diminui, os pensamentos se interiorizam, a respiração desacelera. O corpo relaxa, contesta a necessidade de ficar na vertical, deseja medir seu comprimento na cama ou no chão. Afinal, é deitado que um corpo se sente mais seguro na escuridão, menos propenso a se desorientar, a confundir os móveis ou bater nas paredes.

Em meu quarto vedado, a escuridão sussurra para meu corpo com mil línguas gentis. “Descanse”, diz, passando os dedos suaves por minhas pálpebras, puxando-me com mãos insistentes. Ela tem mil bocas gentis para pressionar minha carne e sugar minha energia com imensa ternura.

Muitas vezes, sucumbo. Parece tão fácil, tão natural, ceder a essas carícias sábias e compassivas. Mas sei que devo resistir. Não quero definhar e ficar com os músculos flácidos, os ossos fracos, o coração desabituaado a bombear sangue, a não ser na horizontal. Sei dos riscos da inatividade, e qualquer hospitalização seria uma agonia torturante para mim, sob o brilho das luzes fluorescentes e a incompreensão da equipe médica. Não sei o que uma exposição prolongada à luz forte me causaria, é bem possível que a reação fosse fatal. Não quero ter que conferir.

Então sei que preciso ME MOVER. Por sorte, na vida de antes, eu buscava as verdades do corpo. Por um tempo, sofri com uma dor lombar causada por uma queda de um ônibus, e acabei encontrando alívio no pilates e na Técnica de Alexander.

Na escuridão, trabalho minha força. Faço os exercícios abdominais inferiores depois de cuidar do assoalho pélvico. Deito de costas com um joelho dobrado e ergo o calcanhar da outra perna ainda estendida, sentindo o tendão vibrar com o retesamento inesperado. Exercito os quadríceps segurando um joelho contra o peito e estendendo a outra perna na horizontal, sem encostar no chão, mantendo-a logo acima do carpete. Fortaleço a área dos ombros fazendo prancha e pratico exercícios de abertura dos dedos dos pés. Outras vezes, fico deitada em um quase supino, de joelhos dobrados, a cabeça apoiada em alguns livros, curvando e esticando as costas, esticando e dobrando os joelhos.

Tempestade

Sento-me no escuro e escuto a tempestade. Ouço o estrépito áspero da chuva batendo nas paredes e o estrondo surdo do vento, uma frequência estranha e perturbadora que faz meu crânio vibrar.

Uma lufada mais intensa do vento altera o ritmo da chuva, que passa a bater mais rápido e mais forte nas paredes, esparramando-se nas vidraças. Ouço o gotejar de uma calha transbordando, então outro, descompassado do primeiro. Objetos não identificáveis se espatifam e rolam no chão da rua lá fora. Um portão escapa do ferrolho e fica abrindo e fechando, um barulho enlouquecedor como o de alguém batendo palmas sem o menor ritmo. Correntes de ar em direções aleatórias percorrem a casa, tentando arrancar as molduras das janelas e sugando as portas fechadas. A casa se agita ao meu redor, como se estivesse prestes a se levantar para dançar.

Meus ouvidos se deleitam na barulheira grandiosa que se avoluma, meu sangue borbulha com a energia da tempestade. O mundo lá fora desperta da indiferença habitual e tenta me alcançar. Passa as garras afiadas pelas grades da minha jaula. Encosta a bocarra nas paredes e ruge.

O meu corpo aprendeu a ficar sentado no quarto, em silêncio. Aprendeu a não gritar, não chorar, não se encolher. Mas meu espírito rodopia como o vento, avoluma-se como a chuva. A selvageria externa fala à selvageria interna.

“Posso ouvir! Estou aqui, continue, não pare”, grito por dentro.

Quando o tempo está ruim, é natural se abrigar e ficar em casa. Enquanto dura o temporal, tenho a ilusão de normalidade.

Posso fazer de conta que é por escolha própria que estou entre essas quatro paredes, que estou apenas esperando o tempo melhorar e, quando o céu clarear, vou sair pela porta, descer a rua, sentir o cheiro de terra molhada, chutar poças d'água com o bico da bota, olhar as gotinhas deslizando pelas folhas cintilantes.

Aos poucos, a chuva diminui e o vento amaina. A casa se assenta, as correntes de ar cessam. Resta apenas o gotejar de uma calha tamborilando uma pequena coda à sinfonia que se foi, e, em breve, até mesmo isso chega ao fim.

Música

Tenho ouvidos — por que não ouço música?

E tenho música também: trouxe meus CDs e fitas de Londres, e alguns estão enfileirados na prateleira de baixo da escrivaninha, ao alcance de onde estou sentada, outros foram misturados aos de Pete num armário no andar de baixo.

É uma coleção eclética. Criada ouvindo música clássica, eu tinha uma queda por obras corais e orquestrais grandiosas — as sinfonias completas de Mahler, a *Missa Solemnis* de Beethoven, a *Missa em Si Menor* de Bach. Também gostava de música de câmara que reúne piano e cordas numa combinação feliz, como o “Trio Arquiduque” e o quinteto “A truta” — mais alegres e menos austeros do que os quartetos de cordas ou pianistas solo. Quando cresci e saí de casa, incorporei outros favoritos, cada um deles apresentado por determinada pessoa em determinado momento; que, em conjunto, formavam uma história codificada da minha antiga vida. Tenho álbuns de Pulp, The Waterboys, Cowboy Junkies, ABBA e Rolling Stones. Tenho até alguns do AC/DC.

E dentro do meu radinho, à distância de um botão, escondem-se fluxos infindáveis e imprevisíveis, e nunca se sabe quando os ouvidos toparão com algo novo, atraente e inesperado.

Tentei. Mas, por alguma razão, a música ouvida na solitária escuridão tem um poder devastador. Sem ser diluída por outros estímulos, ela se apodera dos centros emocionais do cérebro tão rápida e completamente que bastam alguns compassos para que meu cuidadoso estoicismo se desfaça em lágrimas incontroláveis.

Este é o efeito de toda e qualquer música. As que amava e as que nunca ouvi antes. As curvas e torneios melódicos, a mais simples alternância de acordes são dedos esquadrinhando minha mente, destampando lembranças, rasgando as mortalhas de saudades impossíveis, concentrando os holofotes em alegrias passadas. A música me desalinha, reduz minha cautelosa arrumação emocional, minha administração da agonia, a um caos ululante.

Não quero ficar encolhida no chão do quarto convulsionando em lágrimas. É inútil e pouco estético, deixa-me agitada e aborrecida, não faz bem para minha pele. Então dispenso os prazeres líquidos da música, que só servem para me inundar das coisas que perdi e, em vez dela, escolho as pedras enxutas das palavras.

Sonho 2

Estou sentada na cama de um quarto estranho. As paredes estão revestidas de papel de parede florido — uma profusão de rosas cor-de-rosa sobre um fundo creme. A cama é de solteiro e ao pé dela há uma janela por onde vejo uma paisagem escocesa enevoada — um pequeno canto de jardim margeado por flores laranja e cercado por muros de pedra bruta — e, mais adiante, um campo cinza-arroxeadado atenuado pela bruma branca.

O quarto cheira a móveis velhos, lençóis mofados, garoa fina, tapete gasto, romances policiais surrados e poeira. É o cheiro de um lugar que nem sempre é ocupado, mas que contém tudo o que é necessário para a felicidade temporária. Percebo que estou num quarto da minha infância, no chalé que alugávamos todo ano para as férias em família.

Na cama, estou apoiada em vários travesseiros e tenho nos braços algo muito pesado.

Olho e vejo que é um bebê, e sei que é meu e que dei à luz há pouco tempo. O bebê tem a pele clara e olhos grandes e castanhos, como eu. Também tem a cabecinha coberta por um cabelo incrivelmente ruivo, uma labareda uniforme. Fico surpresa e me pergunto de onde vem esse cabelo, mas então me lembro das fotos de David, irmão de Pete, quando era pequeno — o cabelo tinha o mesmo vermelho vivo, como o de um semáforo.

“Então esse bebê não é tão implausível”, penso. E, quando acordo e ele se desfaz, lembro-me da época em que não seria implausível na vida real, da época depois do primeiro desastre, mas antes do segundo, da sucessão de meses promissores, um período de adaptação e esperança.

Outubro de 2005

Quando me sento diante dela, a mulher me olha nervosa. Envolve a criança sentada ao lado com um braço protetor. “Não se preocupe”, digo em tom amigável. “Não é contagioso. É só uma sensibilidade à luz.”

É outubro e estou no trem com destino a Londres para finalmente ter uma consulta com um dermatologista. Estou com um casaco vermelho-escuro, um chapéu de cor vinho enorme com abas largas e uma máscara que eu mesma fiz. Cortei um lenço de cetim vermelho-escuro, dobrei em dois para dar mais proteção contra a luz, fiz uma bainha muito caprichada e preendi um pedaço de elástico nas duas pontas, para passar por trás das orelhas. A máscara cobre o nariz, a boca e as bochechas. Mas o ar fica úmido e abafado por baixo do tecido, embaçando meus óculos. De tempos em tempos, tiro a máscara por alguns instantes, para ventilar. Todo o conjunto combina bem.

A mulher à minha frente ignora os comentários cordiais. Depois de me encarar com ar desconfiado, fica olhando pela janela durante cinco minutos enquanto o trem segue sem pressa por subúrbios indefinidos sob um céu cinzento e monótono. Então, como que por acaso, como se a ideia acabasse de lhe ocorrer, ela pega a criança no colo e vai para o outro extremo do vagão.

Meneio a cabeça e sorrio sob a máscara. Estou ficando acostumada às reações estranhas aos meus trajés, que agora preciso usar sempre que saio, a menos que espere anoitecer. Claro que não ajuda muito o fato de estarmos em outubro de 2005, três meses após os atentados de 7 de julho, com todos em

estado de alerta diante de figuras suspeitas em transportes públicos. Um grande amigo, Jonathan, estava no vagão ao lado da bomba em Aldgate — escapou apenas com um golpe forte na coluna, mas não consegue mais usar o trem para ir ao trabalho. “Vi coisas que ninguém deveria ver”, limita-se a dizer, mas grita durante o sono.

Estamos deixando o mercado de trabalho juntos, num cuidadoso movimento de retirada: ele com um diagnóstico de estresse pós-traumático, eu com o mistério da minha pele. Trocamos impressões por telefone sobre o departamento de RH de nossos respectivos empregadores à medida que, lenta e inexoravelmente, as licenças médicas se prolongam e avançam para uma previsível demissão, seguindo os procedimentos corretos.

Estou morando com Pete em Itchingford desde julho. Tenho me alimentado bem, faço exercícios. Saio para correr pelo bairro nas noites de verão, sentindo os perfumes do anoitecer, e sempre topo com gatos sentados em poses enigmáticas ao pé de alguma cerca, espreguiçando-se junto aos canteiros ou cruzando meu caminho em carreira silenciosa. Examinei as prateleiras de Pete e ando lendo romances que não conhecia — *O zero e o infinito*, de Arthur Koestler, *Ardil 22*, de Joseph Heller, os suspenses de Adam Hall. Limpo a casa, lavo nossas roupas, testo receitas de livros que tenho há anos, mas nunca usei.

E tenho começado a me perguntar se, talvez, a perda de tudo o que eu achava que me definia — minha carreira, minha independência, a liberdade de ir aonde quisesse — não é, na verdade, a perda de um eu que me atemorizava. Tenho encontrado partes amassadas e amarfanhadas de mim, como roupas queridas que caíram por trás da gaveta de uma cômoda e ficaram esquecidas, e agora tenho chance de desamassá-las e erguê-las à luz.

Sei que não sou muito corajosa. Se isso não tivesse acontecido, mesmo que volta e meia eu imaginasse como seria a vida fora do serviço público, eu teria continuado naquela espiral para sempre, sem coragem de sair. Mas, com esse golpe brutal, foi dada a mim a chance de ver se desenvolver um eu diferente, embora, em algum lugar em outra parte do multiverso, uma especialista em políticas de governo dedicada talvez ainda possa estar se arrastando até o escritório, cada vez mais grisalha e experiente nas sutilezas do poder.

Eu era obcecada pelo apartamento que comprara, pela necessidade de criar meu espaço e viver de forma independente. Mas, ao longo do verão que acabara de passar, descobri que morar com Pete podia ser... bem, divertido. Percebi isso muito de repente, num almoço, quando olhei para o outro lado da mesa e vi o espaço diante de mim ocupado pela silhueta dele, e então algo se abriu dentro de mim, como um sorriso secreto.

É nesse verão estranho e intenso que estou pensando quando o trem entra na Clapham Junction. Enquanto passo pela multidão na plataforma, uma moça olha para minha máscara e leva a mão à boca para cochichar com a amiga: “Igualzinha ao Michael Jackson!” Sorrio outra vez sob o tecido pegajoso. “Puxa, nunca reparei”, digo para mim mesma. “Então uso um acessório de celebridades. No caso dele, será que foi por excesso de cirurgias plásticas ou só por medo de bactérias?”

A consulta em si é frustrante. A dermatologista ouve minha história e examina meu rosto com a lâmpada especial de ampliação. “Não estou gostando nada disso”, comenta. “Mas não é a minha área de especialidade. Vou encaminhá-la para uma unidade especializada em fotobiologia.”

São mais algumas semanas de espera. E, quando vou lá pela primeira vez, é só para fazer exames bioquímicos. Tiro amostras de sangue, urina e fezes, que são prontamente embaladas em papel-alumínio para diminuir a exposição à luz (vão fazer testes

para porfiria e outras doenças, e os elementos químicos correspondentes sofrem rápida degradação quando em contato com a luz). Sou avisada de que enviarão um horário de consulta para testes de luminosidade em algum dia da primavera.

Novembro de 2005

Pete passa a primeira semana de novembro trabalhando fora, pois é a Semana da Árvore — o período em que as cores do outono atingem o máximo de esplendor e, portanto, quando mais merecem o tempo e a atenção de um fotógrafo.

A Semana da Árvore pode variar, é claro, dependendo das condições climáticas — se houver uma ventania, a maioria das folhas será arrancada. Ou se o tempo estiver ameno, algumas árvores podem não ter mudado totalmente de cor. Mas os padrões não concedem licença de última hora aos fotógrafos, tudo tem de ser agendado previamente. A primeira semana de novembro costuma ser mais certa.

— Como foi no Winkworth Arboretum? — pergunto quando Pete volta certa tarde e traz para casa o tripé e os equipamentos fotográficos de dentro carro.

— Foi ótimo — responde ele, animado. — Não tinha muita gente e pude deixar o pau subir.

Dou uma risada meio grosseira e lasciva.

— Ora, ora — retruca ele, severo. — Essas mulheres de hoje em dia... Foi um comentário fotográfico legítimo.

Como todos os fotógrafos sérios sabem, a coluna central, ou o pau, é a haste adicional que fica no meio de um tripé e pode ser erguida para ganhar mais altura. A linguagem da fotografia é rica nessas metáforas estimulantes. Não é raro falarem em “pegar outro corpo” ou “botar uma cabeça nova nas pernas velhas”. Fotos de formato grande requerem a frente erguida, enquanto os que usam equipamento digital se vangloriam do tamanho espetacular dos sensores.

— Estou planejando ir a New Forest na sexta-feira — comenta Pete. — Quer vir comigo, se achar que o rosto aguenta?

Aceito, animadíssima. Só estive na área de New Forest uma vez, numa reserva de animais selvagens onde fui ver os javalis, pelos quais nutro um carinho especial depois de ter lido todos os volumes de Asterix, quando criança. Os javalis desfilavam com ar majestoso, enfiando os focinhos largos no solo cavocado. O cartaz explicativo do grande cercado de madeira enaltecia a imensa inteligência e pouca dissimulação desses animais, a ligeireza para correr, nadar e escapar de predadores. Desde os tempos antigos, explicava o cartaz, a caça ao javali era uma atividade extremamente arriscada e, portanto, altamente prestigiada. Fiquei feliz ao descobrir que sou fã de uma criatura tão superior.

Mas, na sexta de manhã, vamos à caça de outras coisas. Tomamos a estrada A339, que sobe e desce, ondulando entre dois paredões de árvores.

— Fique de olho, precisamos encontrar uma saída à direita com placa para Bolderwood — diz Pete.

— Ali, ali! — grito.

Damos uma guinada e entramos numa estrada de pista simples que passa pelas árvores como num túnel. Dentro do carro, a luz diminui. O barulho do trânsito da estrada principal desaparece à distância, e logo a única coisa que ouvimos é o rangido dos pneus e o ronronar do motor, que soa alto no silêncio da vegetação. É como se estivéssemos sendo absorvidos por um enorme organismo vivo. Eu não me surpreenderia se olhasse para trás e visse a floresta se fechando como uma ameiba após a nossa passagem.

O tempo se distende. Durante o que parecem horas, mas não devem passar de minutos, não há nada além do nosso movimento suave sob os braços erguidos das árvores.

Finalmente, paramos numa pequena área de cascalho ao lado da estrada. Saio e olho para cima, fitando um recorte de céu branco brilhante. Inspiro, e o ar pinica como água com gás. Pete abre o porta-malas e tira o equipamento de fotografia.

— Fico feliz por ter comprado esse tripé leve — comenta ele.
— É muito mais fácil de transportar.

Canto o refrão de *Messias*, de Handel, com uma ligeira adaptação fotográfica:

— O teu jugo é suave e o teu tripé é leve.

Atravessamos a estrada vazia e descemos uma trilha arenosa ladeada por tufos de capim verde-vivo. A trilha é cortada por uma viga baixa de madeira, mais ou menos na altura do joelho, para impedir a entrada de veículos motorizados.

— Será que posso pular por cima? — pergunto a Pete. — Não faço nada do tipo desde o primário, quando saltávamos com hastes e varas de bambu.

— Bom, você é que sabe — responde ele —, só não vá se estatelar logo no começo. Ia ser bem chato.

— Vou tomar cuidado — digo, pulando a viga.

O caminho vai serpenteando, como o fundo de um cânion. Uma faixa de areia clara reproduz uma faixa de céu claro. As árvores são enormes, de uma individualidade muito marcante — carvalhos grossos e nodosos, de folhas marrons; faias de troncos que parecem colunas lisas e folhagens de um aveludado delicado; bétulas douradas; belas castanheiras; coníferas esparsas com trajes sóbrios, recusando-se a ganhar curvas. As folhas no chão estalam sob os nossos pés, e às vezes ouvimos um farfalhar na beira da trilha, quando algum animal passa por perto.

— Ah, olha que árvore legal! — exclama Pete, quando nos aproximamos de uma grande faia um pouco recuada da trilha, com um dos robustos galhos cinzentos estendido para o lado, formando uma linha paralela perfeita com o solo. O galho

estende-se em linha reta por alguns metros e se encurva para cima, um lugar perfeito para se sentar.

Abro caminho entre as folhas caídas que chegam ao meu tornozelo e me sento naquele braço acolhedor.

— Perfeita! — comento, feliz. — Tem a altura certinha.

O galho é bem sombreado, abrigado sob as múltiplas camadas da copa. Tiro a máscara do rosto e enfio-a no bolso do casaco. Pete monta a câmera no tripé, então se aproxima e segura minha mão.

— Você sabe que eu amo muito você, não é?

Sinto o coração apertado, como se um carrasco estivesse aumentando a pressão do nó da forca. “Ah, meu Deus”, penso. “Por que os homens fazem isso? Por que planejam um passeio lindo, levam a gente a um lugar maravilhoso e declaram seu amor, só para depois dizer que, por diversas razões sutis e complicadas, o relacionamento precisa acabar?”

Inspiro uma última vez aquele ar efervescente e me apoio na árvore.

— Quer se casar comigo? — pergunta ele.

Por uns instantes, fico aturdida. De olhos arregalados, encaro Pete. Então, uma cascata de pensamentos loucos e contraditórios irrompe em minha mente, rodopiando em turbilhões frenéticos, espalhando pontos de interrogação em borrifadas finas. Não sei o que dizer. A pergunta que me ocorre é: “Tem certeza?” Como chegamos a este ponto por uma rota tão bizarra e pouco propícia, deve haver um milhão de explicações sobre como não é uma boa ideia. No entanto, talvez isso seja parte do verdadeiro desenho da vida — uma das consequências imprevistas que nascem das voltas bruscas que o mundo dá, um novo e estranho composto formado, inexplicavelmente, dentro de um caldeirão de dor.

Em minha mente, planetas colidem, civilizações evoluem e decaem. Novos mundos possíveis abrem-se como pétalas de

uma flor gigantesca. Na verdade, passaram-se apenas alguns segundos. Ainda não sei o que dizer. Por fim, é minha boca que responde, dizendo:

— Quero.

Dezembro de 2005

— Talvez seja uma boa eu fazer um curso de encanadora —
comento, em tom de dúvida.

— Não sei se concordo — retruca Pete. — Você precisaria
conseguir erguer uma banheira.

Estamos à mesa, que está repleta com os pratos do almoço
de domingo. Avaliamos o tipo de trabalho que eu poderia fazer,
tentando imaginar alternativas. O desafio é encontrar algo que
não dependa de um escritório moderno, que não exija muito
tempo ao ar livre e não demande longos períodos sob uma luz
fluorescente.

— Precisa ser algum tipo de serviço particular — comento —,
para que eu possa controlar o ambiente e no qual as pessoas
venham até mim.

— Psicoterapia ou aconselhamento — sugere Pete.

— Ah, eu não seria boa nisso — respondo, categórica. — De
jeito nenhum. Que tal reflexologia, cinesiologia ou alguma coisa
para a saúde física?

Agora é a vez de Pete se mostrar cético.

— Prostituta! — exclamo. — daquelas discretas, de bairro.

— Vamos tentar outra abordagem — sugere Pete. — Além de
desenvolver e implementar políticas governamentais, o que você
sabe fazer?

— Hum, tocar piano?

— Aí, é isso.

— Ensinar a tocar?

Ele assente. Eu continuo:

— Sabe que não é uma ideia totalmente absurda? E já pensei nisso. Seria um pouco esquisito, como entrar nos negócios da família, mas pode ser divertido.

— Bem, querida, parece a opção mais realista.

Analiso um pouco mais a possibilidade e descubro que algumas pessoas dão aula de piano sem qualquer qualificação, apenas alguns exames, e aprendem na prática. Mas não me atrevo a fazer esse tipo de coisa. Como tenho um espírito burocrático, sei que me sentirei muito mais confiante se fizer um curso de treinamento e obtiver um certificado.

Também descubro que a seção do Reino Unido da Associação Europeia de Professores de Piano mantém um curso de pedagogia voltado para o instrumento que começa em janeiro e inclui o comparecimento ao Royal College of Music no segundo domingo do mês, durante seis meses. Considerando a condição do meu rosto, seria difícil, mas não impossível. Tenho os requisitos necessários para frequentar o curso, pois concluí o oitavo nível (aos dezessete) e toco peças musicais do nível do diploma desde então. O prazo final da inscrição se aproxima e, como estou muito interessada e motivada, decido me inscrever — mas há um probleminha. Para ser avaliada e, assim, poder me qualificar para o certificado, devo providenciar dois alunos com os quais poderei praticar a cada semana. Para cada aluno, preciso preparar planos de aula, manter um diário de classe e escrever um extenso ensaio sobre seu progresso.

O curso é voltado para um amplo leque de níveis de experiência, então isso não é problema para os participantes que já têm prática de ensino. Eu, porém, sou novata e inexperiente, então preciso dar um jeito de arranjar dois alunos na comunidade local e começar do zero antes de meados de janeiro, ou seja, em quatro semanas.

Bolo um anúncio. “Você sempre teve vontade de aprender piano? Estou em busca de dois alunos para participar de um

projeto de ensino.” Pete joga o texto no Photoshop, deixando o fundo preto e as letras brancas, com a imagem de um teclado num dos lados. Distribuimos cópias nas lojas locais e na biblioteca. Ninguém faz nada na época das festas, então relaxo para aproveitar o Natal, esperando receber algumas respostas na época do ano-novo, quando as pessoas desgrudam do sofá e começam a olhar ao redor.

Natal de 2005

Estou encarregada da ceia!

É o primeiro Natal que Pete e eu passamos juntos. Estou doida para ser a pessoa que delega tarefas, em vez de ser a que fica zanzando como um subordinado à espera de algo para fazer, aquela que precisa permanecer por perto com ar solícito, oferecendo-se de tempos em tempos para tirar as folhinhas das couves-de-bruxelas.

Tracei um Plano de Projeto que indica os momentos em que cada coisa deve acontecer para conseguirmos atingir o objetivo de servir o almoço à uma e meia. (Parece-me muito satisfatório, e é bem semelhante ao que eu costumava fazer no serviço público. Sem dúvida, ando sentindo falta do trabalho...)

Convidamos minha mãe e meu irmão, Sam, que chegam antes que todo o comércio feche, num dos últimos trens vindos do sudoeste de Londres. O meu pai não estará conosco, pois morreu há alguns anos. Meus pais se divorciaram quando eu tinha quinze anos, o que foi uma grande surpresa para mim e Sam. Tivemos uma infância muito feliz, cheia de brincadeiras, risos e afeto, sem qualquer tensão visível entre nossos pais, até que meu pai se apaixonou por outra pessoa.

Na manhã de Natal, levanto às oito para tirar o peru da geladeira. Logo chega a minha mãe, de penhoar.

— Olá, minha filha favorita — cumprimenta ela. — Feliz Natal! Preste atenção ao que faz com esse peru. Tem aveia?

Minha mãe e Sam, embora morem separados, estão numa onda de alimentação saudável.

— No armário — respondo. — Pete comprou especialmente para você.

Ela prepara uma tigela grande de aveia com maçã picada. Então volta para a sala, senta-se diante do piano e começa a tocar uma versão improvisada de *Merry Christmas Everybody*, de Slade, garantindo que todos acordem também.

Logo, ouço chiados e um barulho de água espirrando no andar de cima, que indicam que meu irmão está tomando seu banho matinal, hábito em que é sempre muito metucioso — parece que alguém tentou dar banho num filhote de elefante no banheiro: embalagens de xampu de ponta-cabeça e retorcidas no meio, água por toda e qualquer superfície possível, as toalhas e o tapete tortos.

— Bom dia, Sam — cumprimento, quando ele desce. — E aí, tudo bem?

— Tudo bem, sim, obrigado. Tem aveia?

Aponto para o pacote. Depois de terminar o desjejum, Sam senta-se ao piano e toca uma versão alternativa de *Merry Christmas Everybody*, com acordes lentos e melosos e modulações dramáticas — bem no estilo de Brahms, seu compositor favorito. Ele termina com uma fuga.

— Muito bom, Sam — comenta Pete, que acaba de descer após uma modesta tentativa de continuar na cama depois de ter ido à Missa do Galo. — Mas será que a gente não pode ouvir outra coisa que não seja Slade?

— Ah, me desculpe — responde Sam, sempre gentil e atencioso.

Ele começa uma sequência de variações de *Hark! the Herald Angels Sing* em diversos estilos musicais, inclusive barroco e blues.

A essa altura, deve ter ficado claro por que, mesmo eu sendo uma pianista competente, sempre me senti intimidada com a enorme facilidade de minha mãe e de meu irmão, especialmente

para improvisar. Eles também têm memória musical excelente e ouvido absoluto.

— Certo — diz minha mãe, voltando à sala muito bem disposta, depois de tomar banho. — O que faço quanto ao almoço? E quando vamos abrir os presentes?

Ela entra na cozinha bem na hora em que estou tirando o peru do forno para regá-lo.

— Pare! — grita, horrorizada, e quase deixo cair a assadeira. — Isso é péssimo para as costas. Você não pode pedir ao Pete para pôr e tirar o peru do forno? E o estilo desse fogão é muito ruim. Sempre falei que você devia reinstalar a porta do forno para abrir de lado, como o meu.

— Mãe, eu estou bem — digo, colocando o peru em cima do fogão. — Só não chegue por trás de mim fazendo esse barulho todo.

— Ah, certo, mas você devia pensar a respeito da porta desse forno. Começo a descascar as batatas?

— Não precisa fazer isso até as dez e quinze, e tem algumas outras coisas em que tenho de me concentrar primeiro. Pensei em trocar os presentes às onze, depois de pôr as batatas no forno.

— E a couve-de-bruxelas?

— Não vai ter. A gente pensou um pouco: ninguém gosta, então vamos comer brócolis.

— Hum. Eu gosto de couve-de-bruxelas. Um legume de inverno muito tradicional.

Sam entra, com ar muito solícito, e pergunta:

— Posso cortar alguma coisa?

Estou ficando nervosa. Prevejo que, a menos que eu arranje alguma distração para manter o pessoal fora da cozinha até a hora em que precisar deles, alguma coisa vai dar errado.

Pete percebe o que está acontecendo e me cutuca.

— Você não queria que eles dessem uma olhada no *Little Donkey*?

É uma ótima ideia. Um pouco antes do Natal, uma amiga nossa, Alex, me pediu para fazer um arranjo para a cantiga infantil com uma parte fácil para piano, para que ela pudesse acompanhar as filhas, que precisavam aprender a música para a escola. Escrevi a melodia para a mão direita e acrescentei alguns acordes básicos de fundo, inclusive desenvolvendo uma linha de baixo imitando o barulho dos cascos da qual me senti bastante orgulhosa. O exercício obrigou meu cérebro a se estender por direções pouco usuais, pois fazia anos que não pensava em harmonia. Alex gostou do resultado, e ela e as filhas tocaram para mim pelo telefone, todas muito animadas. Mas eu também queria a opinião de especialistas.

Minha mãe e meu irmão ficam alertas na mesma hora. Empertigam as costas e contraem o nariz. Pete os leva até o piano e aponta o livreto manuscrito onde anotei minha obra-prima.

Durante os sessenta minutos seguintes, dois tremendos intelectos musicais se dedicam ao modesto arranjo.

— Há uma quinta consecutiva implícita entre o primeiro e o segundo compasso — diz um deles.

— Acho que o dó no baixo está a uma distância suficiente do ré para não dar problema — comenta o outro —, mas o uso do acorde em supertônica no compasso dois é fraco. Eu preferiria um subdominante.

— Bom, e o quinto e o sexto compassos? Aí sim temos uma oitava consecutiva implícita *séria*.

— É, devia ser um sol seguido por um lá no baixo, em vez do mi seguido pelo fá. Dá uma boa linha de baixo e contorna o problema.

— E no sexto compasso seria melhor trocar as harmonias.

Em alguns momentos, a discussão fica acalorada.

Pete e eu seguimos o Plano de Projeto, suprimindo as risadas que ameaçam irromper sempre que nossos olhos se cruzam.

O almoço sai na hora prevista e é considerado um sucesso. O veredito sobre *Little Donkey* é que o meu arranjo estava bom, de modo geral, mas que daria para introduzir algumas melhorias em diversos pontos, se eu quisesse ser mais rigorosa.

À tarde, jogamos Scrabble. Minha mãe ganha, fazendo duas palavras de sete letras.

Janeiro de 2006

Logo no começo do ano, consigo minha primeira aluna de piano. É Libby, uma menina de dez anos, séria e inteligente, com olhos azuis meio estrábicos e cabelos loiros e lisos. A mãe quer que ela tenha “a oportunidade de experimentar várias coisas, para ver do que gosta”. Libby já faz futebol e francês, e está aprendendo flauta doce.

Depois de um início tão auspicioso, estou confiante de que conseguirei um segundo aluno, mas os dias se passam e o telefone se mantém num silêncio enervante. Releio as regras do curso. Sim, são mesmo dois alunos — e, além disso, dois alunos *contrastantes*, cada um apresentando desafios pedagógicos distintos.

Começo a olhar para meu noivo, ponderando as possibilidades.

Alguns dias antes do começo do curso, Pete está descansando no sofá depois do trabalho, lendo um trecho do jornal de sábado.

— Pete — digo —, posso pedir um enorme favor?

— Que tipo de favor?

— Olha, peço mil desculpas, eu não pediria se tivesse outra alternativa, mas... você sabe que só tenho uma aluna, não sabe?

— Sei.

— E eu posso acabar fazendo o curso inteiro sem conseguir o certificado, se não tiver dois alunos, o que seria uma tremenda frustração.

— Verdade.

— Bem, eu estive pensando... você não quer ser meu segundo aluno?

— Hã?

Ele ergue os olhos do jornal bruscamente.

— Não quer ser meu outro aluno, me deixar ensinar piano a você? É só por uns meses, durante o curso.

— O quê? Eu? Aprender piano?

— É...

— Mas... mas eu não entendo nada de música.

— Eu ensino. Faz parte.

— Mas... o que eu teria de fazer?

— Bom, teremos aula uma vez por semana e, nesse meio-tempo, você precisa praticar.

— Praticar?

— É... só um pouquinho, quase todos os dias...

— Não vou praticar se estiver passando futebol na TV.

— Não, claro que não — apresso-me em dizer. — Não precisa ser todo santo dia.

— Humm. Acho que eu não seria bom nisso.

— Não faz mal se não for bom, de verdade. Em todo caso, não tem como você saber se não tentar.

Por fim, ele concorda.

Eu me inclino para abraçá-lo e encosto o rosto no cabelo dele.

— Obrigada, querido. Desculpe por toda essa loucura, e por mais essa agora.

* * *

O CURSO É DADO numa sala grande e de pé direito alto, no terceiro andar do edifício vitoriano do Royal College of Music, com duas janelas compridas com vista para o céu e para os telhados de South Kensington. Faço um acordo com os

professores e demais participantes: as luzes fluorescentes ficarão apagadas, a menos que o dia esteja especialmente nublado ou escuro. Mas há uma série de convidados ilustres que vêm apresentar palestras, falar sobre “Psicologia para professores de piano” ou “A composição e a forma musical”. E eles é que decidem o que fazer com a luz. Assim, se um palestrante já chega todo alegre, dizendo, “Bem, vamos lançar uma luz sobre nossos trabalhos!”, é a minha deixa para me esgueirar silenciosamente até o fundo da sala, no canto mais escuro, e colocar a máscara e o chapéu.

A pequena cozinha onde almoçamos e tomamos café, dois andares abaixo, é escura, apertada e precisa de luz artificial. Fico num dilema cada vez que temos um intervalo: será que vou com os outros sem a máscara, como, bebo, sou sociável e fico com dor; ou seria melhor acompanhar os outros com a máscara, sem comer nem beber, mas sendo sociável atrás do tecido enquanto eles tomam café e comem sanduíches (sempre algo meio esquisito); ou será que me retiro para algum lugar sossegado e sem luz para comer sozinha, na companhia pouco exigente de um ou dois pianos de cauda, com os pés elegantemente trabalhados pousados no tapete claro?

Experimento todas as alternativas ao longo das semanas, em sequência. Minha posição incomum coloca uma barreira estranha e invisível entre mim e os outros participantes, uma espécie de adensamento sutil da atmosfera que dificulta as interações sociais de ambos os lados.

Esta é, de longe, a parte mais estressante do curso.

Fevereiro de 2006

Faz cinco semanas que Pete está tendo aulas de piano. Planejo cuidadosamente cada aula e escrevo um relatório para os arquivos do curso.

Ensinar um adulto com formação matemática é, de fato, muito diferente de ensinar uma menina de dez anos. Quando lhe apresento o dó central, ele pergunta: “Por que não se chama lá central? Faria mais sentido”. Minhas tentativas de responder a essa pergunta levam a uma longa discussão sobre os princípios da tonalidade, da escala diatônica, do desenvolvimento das chaves e das proporções harmônicas entre as notas em termos de vibrações por segundo. O que não é muito bem o que eu havia planejado para a Lição 2.

Pete tem praticado bastante. Tento ficar o mais longe possível e, quando consigo, saio para correr. Lembro muito bem como era tentar praticar na mesma casa onde estava minha mãe, que também era minha professora — uma combinação nem sempre fácil. De vez em quando, provocada por algum erro contínuo, depois de ultrapassar sua capacidade de tolerância, ela irrompia na sala do piano dizendo: “Não, não, você perdeu a linha do meio, deixe eu mostrar”, e me tirava da banquetta. Por outro lado, quando eu terminava e ia para a cozinha, ela soltava algum comentário típico como “Você está se saindo muito bem naquele Chopin. E também gosto de como está tentando manter o tempo”.

Eu fazia a maioria dos exercícios de manhã cedo, fechando bem as grossas cortinas de veludo da sala de piano que dava

para o jardim dos fundos, enquanto meus pais dormiam no andar de cima, na parte da frente da casa.

Agora, em Itchingford, são cerca de oito da noite. Pete está praticando e eu estou no escritório, tentando não ouvir enquanto ele massacra incessantemente a mesma passagem. “Você NÃO VAI descer”, digo a mim mesma, com firmeza, e me esforço para manter a concentração em *The Perfect Wrong Note*, um livro inovador sobre o aprendizado musical que estou lendo para o curso. A repetição infrutífera não para. Cerro os dentes, mas não adianta. Tem algo esquisito — meio zumbificado — em sua maneira de tocar. Peter está se esforçando à toa, já deve estar farto. Preciso intervir — será melhor ao longo prazo.

Então desço as escadas correndo e abro a porta da sala.

Pete está sentado ao piano, ofendendo a música pela quinquagésima vez. Mas há outro barulho, uma espécie de zumbido que a princípio não consigo identificar.

Então meus olhos caem num radinho prateado em cima do piano, a antena fina e reluzente estendida ao máximo. De repente, o que estou ouvindo faz todo o sentido.

Pete está praticando, mas também está ouvindo um jogo de futebol no rádio.

— PETE! — grito. — O que você está fazendo?

Ele para de tocar e se vira para mim.

— Hã... Estou tentando ser multitarefa — responde ele, encabulado.

— Pete! — exclamo, exasperada. — Sinceramente, desse jeito não vale a pena. Você renderia muito mais se fizesse dez minutos de exercício se concentrando de verdade em vez de meia hora girando em círculos porque está ouvindo futebol ao mesmo tempo. Acredite em mim, não funciona.

— Ah, tudo bem, entendido — responde ele, desligando o rádio.

— Olhe, você já praticou bastante por hoje. Por que não para e ouve o jogo?

É o que ele faz.

Depois descubro que o futebol não tem sido totalmente inútil para os progressos de Pete ao piano. Encontro anotado no seu caderno de piano, como exercício para a notação do ritmo:



Um a zero para o Ar - se - nal



Va - mos lá Va - mos lá Va - mos lá

Fevereiro de 2006 — Mais tarde

Pete e eu decidimos dar uma festa de casamento. O plano é encontrar um local nas redondezas onde dê para realizar a cerimônia civil, receber a bênção na igreja de Pete (ele é cristão, eu não) e voltar para a recepção.

Pesquisamos vários lugares, e o que parece mais promissor é um hotel chamado The Manor, um prédio comprido, de dois andares, num terreno muito agradável. Enormes plátanos ladeiam o caminho de entrada, os troncos robustos mergulhados em tapetes de flores roxas com miolinhas douradas estendidas ao sol do começo de primavera.

O interior do hotel é revestido por painéis de madeira escura e carpete verde-musgo, com estofados claros e quadros de molduras douradas nas paredes. A iluminação é em estilo antigo — lustres discretos e arandelas despretensiosas equipadas, pelo que pude avaliar, com lâmpadas incandescentes.

O efeito geral é agradável e relaxante. Até o cheiro combina — nenhuma nota dissonante de mobília nova, detergente industrial ou fritura.

Uma recepcionista simpática, gentil, de pele bege e rosada, nos encaminha para uma sala de espera ensolarada, onde aguardamos em poltronas floridas, um diante do outro, separados por uma mesinha de centro baixa de pés entalhados imitando quatro patas. Trocamos sorrisos, pois sabemos que encontramos o lugar certo.

Então conhecemos Celia, a cerimonialista.

Celia tem cabelo preto até o meio das costas, corpo magro e anguloso e sobrancelhas negras franzidas numa carranca quase

constante. Está usando scarpins pretos reluzentes e de bico bem fino, e posta-se à nossa frente com os braços cruzados, segurando uma pasta, as pernas separadas e os pés pontudos como punhais em um ângulo oblíquo, voltados para fora. Tem manchas de um tom bem forte nas bochechas.

Dizemos a ela que o hotel nos agrada muito e que estamos pensando em nos casar em setembro.

— Não — responde ela. — Não será possível. Terá de ser mais tarde. Setembro está lotado.

— Mas... ligamos hoje de manhã e nos disseram que o dia nove ainda está livre.

— Quem falou isso?

— Não sei... a pessoa que me atendeu. A recepcionista, talvez?

Celia estala a língua e bufa.

— Ah. Bem, pode ser, mas, se for verdade, será o único dia livre.

— E estamos pensando em noventa convidados para uma refeição servida à mesa.

— Não podem ser noventa — retruca Celia. — Podem ser quarenta e cinco no Salão de Carvalho ou setenta no Salão Jardim. Ou um bufê em que os convidados se servem para cento e dez.

— Bem... — intervenho —, vamos supor que usemos os dois salões. A porta de passagem é bem larga. Poderíamos ficar junto com os parentes e amigos mais próximos no Salão de Carvalho e alojar os demais no outro, mantendo as portas abertas.

As sobrelhas de Celia franziram formando um V feroz, seus olhos dardejaram.

— Não há mesas suficientes — contrapõe. — Seria preciso alugar mais.

— Mas seria possível, não? Nós pagaríamos o custo adicional.

Relutante, ela concede que as mesas possam ser alugadas e faz uma anotação severa na pasta.

— E gostaríamos de um lugar para dançar.

Somos informados de que o hotel dispõe de uma pequena pista de dança, que pode ser montada numa das pontas do Salão Jardim.

— Na verdade, estávamos pensando mais num *ceilidh* ou numa dança tradicional, com alguém puxando os passos e as pessoas dançando por todo o lugar...

— Isso não dá — retruca Celia. — Teria problemas de segurança com o carpete.

Temos de fazer um interrogatório cruzado longo e sutil para estabelecer que não haverá problemas de segurança se alugarmos um revestimento próprio para pistas de dança que cubra o carpete do Salão Jardim. Pete acredita que essas coisas são montadas em módulos e podem ser alugadas em maior ou menor tamanho sem nenhum problema.

Essa demonstração de capacidade de pensar em soluções paralelas desperta a cólera de Celia. O ângulo dos bicos de seus sapatos aumenta e as manchas nas bochechas adquirem um tom arroxeadado.

Eu ingenuamente acreditava que, quando se resolve dar uma festa de casamento, os fornecedores se desdobram para atender às solicitações do cliente, com a segurança de saberem que ele está decidido a gastar uma boa quantia e que, assim, eles podem cobrar um preço astronômico para valer a pena. Mas Celia não opera segundo esse princípio. Ela acredita na incessante sujeição dos sonhos à disciplina.

Depois, no carro, Pete e eu nos entreolhamos.

— Caramba — comenta ele, apoiando a cabeça no encosto do banco e inspirando fundo.

— Que figura extraordinária — murmuro.

Mas insistimos, porque o hotel é bonito, a iluminação é adequada e as outras pessoas com quem tratamos por lá são simpáticas e afáveis. Celia continua a ser desagradável, volta e meia criando obstáculos, e é impossível de ser localizada por telefone. Quando converso com a gerente do bar e combino alguns pequenos detalhes sobre as bebidas, Celia vira uma fera.

“Você não devia combinar nada com ela”, berra Celia. “Ela não tem a menor autoridade de supervisão.”

Quando aparecemos no hotel para uma reunião previamente agendada, descobrimos que Celia já foi embora.

— Ela não gosta muito de trabalhar com o público, não é? — comenta Pete.

— Acho que ela está no emprego errado. Não parece gostar muito de casamentos.

— Não parece gostar muito de gente.

Aos poucos, vamos acertando os detalhes, mas tenho pressentimentos inquietantes sobre o dia do casamento — uma visão recorrente de Celia descendo os degraus do hotel com o cabelo preto esvoaçando, erguendo a palma da mão e gritando: “Não! Vocês não podem entrar.”

* * *

NO FIM DAS CONTAS, o casamento não acontece, mas, neste caso, não por culpa de Celia. Forças mais estranhas destroem os nossos planos. Nesse aspecto, meus pressentimentos estavam certos.

Jogos para o escuro 2: Círculo de palavras

Para esse jogo, você precisa de companhia. Mas é uma brincadeira tranquila, de cooperação, sem vencedores ou perdedores.

Pense numa expressão ou palavra composta — como Football, Flower Power ou Hot Potato. Então, usando a segunda parte da palavra ou expressão, acrescente outro pedaço para formar uma nova.

cox apple pie crust acean elephant's foot ball + chain mail fraudster crazy horse sense sible Fawly wiring diagram attic bedroom window box +

Cada um tem sua vez. Continuem até voltar à palavra original.
Dá-se especial incentivo a homônimos, ousadias linguísticas, relações bizarras entre palavras e trocadilhos pavorosos.

SAS

Fiz uma descoberta interessante. Gosto de livros de ação sobre o Special Air Service, o SAS, serviço aéreo especial do exército da Grã-Bretanha.

Já tive um chefe muito impulsivo que era de Liverpool e andava por aí dizendo “*Bravo Two Zero: o melhor manual de administração do mundo*”. Mas era só o que eu conhecia do gênero — até que me trouxeram um exemplar da biblioteca local.

Fui fisgada. A melhor parte dos suspenses de ação desse tipo é a quantidade de informações práticas e úteis sobre as coisas mais variadas. Aprendi, por exemplo, que os integrantes do SAS sempre fecham um dos olhos quando examinam um mapa à noite. O olho humano leva quarenta minutos para se ajustar à escuridão e, se um deles for mantido fechado ao acender uma lanterna, não se perde toda a visão noturna. (Acredito mesmo nessa história de quarenta minutos. Às vezes, demoro um tempo para começar a notar uma fenda nas cortinas ou uma linha de luz na base da porta.)

Aprendi como passar vários dias de tocaia numa moita, observando um alvo. Descobri que o equipamento necessário inclui tesoura de poda, luvas de jardinagem, tela de camuflagem, filme plástico, comprimidos para diarreia, uma lata de gasolina e comida que não faça barulho. Aprendi que, para quebrar o pescoço de alguém, é preciso torcer como se estivesse abrindo um vidro de geleia. Aprendi como encobrir meu cheiro, se tiver cachorros no meu rastro, e como fazer uma jangada para atravessar um rio — mas que primeiro preciso me despir para ter roupa seca quando chegar do outro lado.

Tudo é fascinante, além de muito agradável e animador, sobretudo porque estou numa situação em que é praticamente impossível aprender novas habilidades. Assim, aproveito bem minhas aulas de teoria da sobrevivência. O fato de provavelmente ser a pessoa menos qualificada entre toda a espécie humana para ingressar no SAS e a menos provável de algum dia vir a utilizar tais habilidades não me incomoda.

Existe uma experiência mental muito valorizada por filósofos que se preocupam com os fundamentos do conhecimento humano: se você fosse um cérebro dentro de um vidro e todas as suas experiências sensoriais fossem criadas pelos sofisticados instrumentos de um cientista louco, como você poderia saber?

A tecnologia que estimula meu cérebro é grosseira, utiliza apenas um de meus canais sensoriais (os nervos auditivos), e depende muito do meu estoque de memórias e impressões da vida anterior. Mesmo assim, os estímulos têm algum efeito, pois avanço sorrateiramente até o objetivo, rastejando pela terra e por entre a vegetação baixa, com um revólver na mão e uma faca embainhada.

Na minha escuridão, posso viver muitas vidas diferentes.

O curioso é que esses heróis do SAS e eu temos uma coisa em comum: o esforço que dedicamos à administração dos riscos. Antes de uma operação, os integrantes do SAS fazem preparativos meticulosos, pesquisando o máximo possível sobre o objetivo. Apuram os horários das rondas de vigilância pelo perímetro, verificam a localização das saídas, o contingente e o poder de fogo do inimigo. Elaboram vários cenários prováveis e definem o que farão em cada situação hipotética. Por fim, conferem várias vezes todos os equipamentos para garantir que estão funcionando e que podem ser acessados rapidamente, e para saber exatamente em que bolso está cada item. Minimizam todos os riscos possíveis antes de entrar numa área de risco.

Na minha vida anterior, eu escalava montanhas na Escócia sem nem um kit de primeiros socorros, e às vezes ia sozinha. De vez em quando vadeava riachos, se precisasse chegar ao outro lado. Em certa ocasião, visitei uma amiga em Biggleswade e, como queríamos pegar a continuação de uma trilha, atravessamos a rodovia A1 de mãos dadas — disparando feito doidas pelas quatro pistas, os carros voando por nós a mais de cem quilômetros por hora.

Só que todos esses riscos foram calculados. Exerci meu discernimento em cada tipo de circunstância, pesei as possíveis consequências e concluí que as chances de me sair bem eram muito maiores do que o inverso.

Mas renunciei a esses ímpetos grandiosos. Estou numa área de risco permanente, intensamente consciente, o tempo todo, da enormidade do risco de um resultado adverso, do abismo que me aguarda caso algo dê errado. Escolho com grande cuidado a cadeira na qual vou subir para pegar um prato numa prateleira alta da cozinha, conferindo muito bem a estabilidade do assento. Escovo os dentes duas vezes por dia, contando os dois minutos recomendados, e passo fio dental com muita dedicação, na esperança de deter a decadência. Por alguma razão, vivo enfrentando dificuldades com frangos, e ligo com frequência para minha mãe com alguma variante da seguinte pergunta: “Mãe, Pete fez frango no sábado, na hora do almoço, e deixou fora da geladeira até o fim do dia para esfriar. Depois o frango ficou dois dias na geladeira — será que ainda dá para comer?”

Ela já atende com um “Alô, aqui é do Serviço de Consultoria Galinácea”. O Serviço de Consultoria sempre fornece respostas claras e taxativas.

No trabalho, Pete fez um curso sobre saúde e segurança, onde aprendeu um mantra: “Pense ‘e se’, e não ‘se pelo menos’.” — e é o que faço. Agora a cautela domina todos os meus

movimentos e todas as minhas pequenas decisões nas trevas e na penumbra.

E não posso ficar grávida.

Eis uma preocupação que não compartilho com o pessoal do SAS.

Amigos de telefone

Conheci outras pessoas no estranho clube dos doentes crônicos. Converso com certos amigos por telefone, mas nunca os encontrei pessoalmente. Esses amigos ficam em casa durante o dia, ou melhor, praticamente o tempo inteiro. Como eu, eles tinham uma vida anterior, mas a perderam e agora vagueiam em outra dimensão, na qual a medicina fornece o diagnóstico, mas não a cura. Sobre eles paira o leve miasma da suspeita social — o qual nunca afeta os que sofrem de câncer ou do coração — de que o problema, na verdade, é algo psicossomático ou que, no fundo, eles querem estar doentes.

Como nos conhecemos? Curiosamente, devemos isso em grande parte à União Europeia: o projeto de instalação obrigatória de lâmpadas compactas fluorescentes em casas e escritórios — na verdade, em todos os lugares — despertou a preocupação de pessoas com os mais variados problemas de saúde que perceberam que essas lâmpadas causam reações graves e dolorosas. (Nem todos que apresentam determinado diagnóstico são afetados — não é tão simples, elegante ou prático —, apenas um subconjunto em cada caso.) Quando tento descobrir o andamento do projeto, discutir maneiras de influenciar as decisões dos parlamentares do Reino Unido (que, em sua maioria, são muito simpáticos e receptivos) e da Comissão Europeia (o equivalente a dar de cara na parede, como eu infelizmente viria a descobrir) e trocar informações sobre possíveis alternativas que talvez não sejam banidas, converso com pessoas que sofrem de fadiga crônica

(encefalomielite miálgica, M.E.), lúpus e outros problemas, e cada vez apresentamos pessoas novas ao grupo.

Com algumas, falo sobre as lâmpadas, e a conversa termina por aí. Com outras, começo falando sobre lâmpadas, e de repente estamos discutindo nosso isolamento da vida normal, falando sobre livros, família, ideias e política, e não paramos mais.

Meus amigos de telefone falam de dor, fraqueza e náusea, de cansaço e de um tipo de névoa que encobre seus pensamentos — mas, em termos absolutos, suas atividades são menos limitadas do que as minhas, já que não precisam ser realizadas no escuro.

Pelo fio do telefone, recebo dos meus amigos maciças transfusões de vida. Sempre termino a ligação mais animada.

Casos de amigos de telefone 1 : Véronique

Véronique é uma amiga de telefone que encontrei pessoalmente em minha vida anterior. Nós nos conhecemos quando ela veio da França estudar por um ano na Inglaterra. Sempre muito inteligente e envolvida em competições, como os franceses tanto gostam, Véronique era presença constante entre as primeiras posições, recebendo as melhores notas do país no bacharelado e buscando boa colocação nos exames nacionais que, na França, são obrigatórios para todos que desejam trabalhar em museus.

Fascinada por objetos desde pequena, Véronique se especializou na arte oriunda das ilhas do Pacífico, mas seus sonhos de curadoria foram destruídos por longos surtos depressivos, que começaram a se alternar com crises maníacas. Ela foi internada várias vezes em instituições psiquiátricas e, enfim, recebeu o diagnóstico de transtorno bipolar.

— Fui à terapia hoje de manhã — comenta Véronique, ao telefone. — A consulta dura só quinze minutos, então é preciso falar bem rápido. Esse meu psiquiatra não é o ideal, mas é o único behaviorista da cidade.

Pergunto a Véronique se existem entidades beneficentes na França que dão apoio a pessoas com problemas de saúde mental.

— Tem uma entidade que dá apoio aos *parentes* das pessoas com problemas de saúde mental — responde ela —, para ajudá-los a lidar com o estigma.

Véronique fala bastante sobre o dilema em torno do que revelar a respeito de sua condição quando conhece pessoas novas. O simples fato de admitir que não trabalha já pode causar um grau surpreendente de reprovação moral. Se ela revela a razão, as reações são variadas: algumas pessoas recuam, horrorizadas; outras sugerem terapias New Age; algumas dizem que ela precisa endireitar a própria vida, afinal todo mundo tem oscilações de humor; ou até orientam que ela entre para a religião católica. Cordial, educada e ansiando agradar, Véronique tem dificuldade de dar ao interlocutor uma resposta firme e adequada.

Ela frequenta vários cursos para adultos:

— ... mas são muito femininos, acabo só conhecendo senhoras de idade!

— Que cursos você está fazendo? — pergunto.

— Cerâmica, desenho ao ar livre e Tai Chi — responde ela.

— Talvez você devesse tentar algo com apelo mais masculino.

Que tal um grupo de caminhadas?

— Já participei de um, mas também só tinha mulheres.

Especulamos sobre o que os homens franceses devem estar fazendo, já que certamente não estão nesses cursos.

Por fim, Véronique resolve o problema entrando num grupo on-line chamado “On va sortir”, onde as pessoas combinam de ir juntas a shows, exposições e coisas do tipo.

Um dia, ela conta que conheceu um jovem chamado Nicolas, conselheiro e terapeuta, e que uma de suas especialidades é aconselhamento de casais.

— Ele tem uma beleza alsaciana clássica — comenta Véronique, que, por ser da Alsácia, usa o adjetivo com frequência.

A essa altura, eu já devia estar acostumada, mas não consigo evitar: toda vez que Véronique faz um comentário desses, penso

em pastores-alemães, que também são conhecidos como lobos-da-alsácia.

— No nosso terceiro encontro ele me convidou para uma sauna na Alemanha — conta Véronique. — Lá, havia um aviso na parede pedindo que as pessoas não falassem, então estendemos nossas toalhas e ficamos sentados em silêncio naquela sala enorme, cercados por alemães pelados. Foi meio estranho.

— Nossa... E você também estava pelada? — perguntei, baixinho, me sentindo muito inglesa e convencional.

— Ah, sim, mas é muito normal. Nas saunas francesas, todo mundo fica nu, só que pelo menos podemos conversar.

É pela alegria dessas anedotas inesperadas que fico agradecida por ser amiga de Véronique.

Logo fica claro que Nicolas está mais interessado em analisar o relacionamento deles do que no relacionamento propriamente dito. Mais especificamente, ele quer melhorar Véronique e, assim, transformá-la numa companheira adequada para ele. Apesar da ansiedade em agradar, ela percebe que é um relacionamento bastante unilateral e termina tudo.

O inglês de Véronique é muito bom, mas volta e meia ela tem dificuldade para encontrar uma tradução exata, ou não entende alguma expressão que eu uso. Nós duas nos divertimos muito procurando os equivalentes franceses para “mentira branca” (*pieux mensonges*), “cortes nos gastos públicos” (*la rigueur*), “esquerda caviar” (*champagne socialist*, em inglês, e *la gauche caviar*, em francês), além de muitas outras.

Casos de amigos de telefone 2: Thomas

Tom era sócio de uma empresa de informática até que, aos trinta e tantos anos, começou a sofrer de um problema muito parecido com o meu, embora não tão grave. Como não podia mais trabalhar em escritórios modernos — apesar de, felizmente, nunca ter sido afetado pela luz natural —, precisou encontrar outro estilo de vida, trabalhando em casa.

Os sócios compraram as ações dele na empresa, e Tom resolveu empregar parte do dinheiro construindo uma casa ecológica para ele, a esposa e os três filhos. O lugar terá altíssima eficiência no uso da energia, e os custos de manutenção serão bastante reduzidos.

Acompanho o progresso da obra.

— O difícil é deixar o lugar todo devidamente hermético, para reter o máximo possível de calor — explica Tom. — Estou procurando lacres especiais para os cantos das janelas e as juntas entre as paredes e o chão.

— Se a casa é totalmente hermética — pergunto —, como fica a ventilação?

— Tem uma única entrada de ar com uma pequena bomba elétrica. No verão, é possível resfriar o ar que entra e, no inverno, aquecê-lo, se for necessário, mas o fantástico é que o corpo humano gera uma quantidade enorme de calor, basta aproveitá-lo sem deixá-lo escapar.

— Se a bomba quebrar, vocês ficam sufocados? — pergunto, interessada, pensando num possível enredo para um suspense ecológico.

— Levaria de cinco a seis dias — responde ele, que sempre pensa nessas coisas. — Então a gente provavelmente perceberia antes de morrer. Em todo caso, instalei um sistema de monitoramento do dióxido de carbono, só por garantia.

A maioria das janelas da casa são voltadas para o sul, para otimizar o ganho solar. Um sistema de persianas impede o aquecimento excessivo. A varanda é sombreada por trepadeiras que crescem no verão e secam no inverno, quando há pouca luz solar. Nunca vi a casa, mas a imagino como um organismo vivo, um lagarto tomando sol, absorvendo em seu ventre todos os raios vitais.

Tom não é muito fã da sabedoria convencional. Quando quer aprender alguma coisa, ele mesmo pesquisa. Monta um computador num celeiro velho, para que a imagem, em vez de aparecer no monitor, seja projetada em tamanho maior numa parede branca, e senta-se ao teclado a uma distância confortável. Ele acredita que a internet será responsável por uma transformação social numa escala que ainda não conseguimos imaginar, aproximando as pessoas de tal forma que permitirá que elas escapem das garras do governo e das instituições. Será possível cuidar da saúde sem o auxílio de médicos, aprender sem escolas, compartilhar e analisar dados encontrando padrões que nunca surgiriam em experiências científicas tradicionais.

Sinto-me estimulada por essas ideias novas, entusiasmada com o otimismo de Tom em relação ao futuro e incentivada pela oportunidade que isso dará às pessoas excluídas pelo sistema de criarem sua própria salvação. Mas não me sinto totalmente convencida. Desconfio de qualquer coisa que se diga capaz de superar de vez a natureza humana, a história e as relações de poder e que ofereça uma libertação genuína.

— Você não acha que toda essa utopia cibernética, ou seja lá qual for o nome disso, pode se tornar... bem, um pouco ideológica? — pergunto.

Não, ele não acha. Thomas apenas discorre sobre outros desenvolvimentos ainda mais fantásticos na computação e na internet, além de contar o que os futurologistas acreditam que acontecerá em seguida, quando os computadores ficarem cada vez menores e mais potentes. Em algum momento, o usuário poderá fazer um download completo da própria consciência e se tornar uma inteligência eterna, inorgânica, eliminando a necessidade de um corpo e a caótica falibilidade da carne.

Mãe

Minha mãe está vindo me visitar.

O primeiro sinal é o som do táxi parando. Em seguida, a porta do carro batendo, malas sendo arrastadas e uma voz alta e alegre lá fora, na rua.

Escuto mais barulho de batidas e passos quando ela abre a porta de casa e entra.

— Olá-á — ouço-a cantarolar. — Fique no escuro, não se exponha demais.

Desço a escada. No vestíbulo, minha mãe começa a se livrar de uma bengala preta de metal, uma mochila, uma bolsa a tiracolo, uma valise, um casaco roxo e um chapéu turquesa com lenço combinando.

— Trouxe um monte de coisas — anuncia ela, revirando a bagagem. — Passei no Sainsbury's em frente à estação e comprei crisântemos amarelos para você. Aposto que vai conseguir vê-los na penumbra.

Ela entra na sala e dá um grito ao bater na mesinha de centro. (Na luz fraca, quem chega do mundo iluminado lá fora fica temporariamente cego.)

— Vou ficar parada aqui e esperar que meus olhos se adaptem — anuncia minha mãe, estendendo um pacote amarrotado para mim.

Ela comprou beterrabas cruas, que vão virar um *borscht* para o almoço. (Por mais estranho que pareça, beterraba crua é um luxo de cidade grande, algo muito difícil de conseguir na parte de Hampshire em que moro.) Também comprou uma caneca nova bonitinha com estampa de morangos e umas geleias chiques de

presente para Pete, que é um *connoisseur* de geleias e compotas.

Minha mãe se senta no banco alto da cozinha, picando beterraba, enquanto preparo as xícaras de chá. Ela discorre longamente sobre:

1. Alguma infâmia que o governo anda fazendo (uma indignação ainda recente, pois ela comprou o jornal para ler no trem).
2. Problemas com o local do curso de música que ela ministra duas vezes por ano. Muitos dos inscritos já não são tão jovens, mas o famoso internato que ela costuma contratar designou quartos com beliches para os alunos.
3. O meu irmão, que é bonzinho demais e não sabe negar nada a ninguém, então assume compromissos musicais em excesso e não pratica o suficiente.

Enquanto a sopa está no fogo, subimos para o escuro, para conversar e jogar um pouco.

Depois do almoço, minha mãe se senta ao piano, e o barulho e o movimento, os impactos, as colisões e as exclamações simplesmente desaparecem, como se um fio elétrico desencapado, ao ser ligado no teclado, se aterrasse sozinho. Ela toca com grande inteligência musical, alegria e serenidade. A música se infiltra pelo chão do quarto escuro, preenchendo o cômodo de ondulações sonoras. Quando estou com uma companhia humana, consigo ouvir sem ficar sobrecarregada.

Quando eu era menina, nossa aula semanal de piano volta e meia acabava em raiva e irritação quando eu tentava dominar um detalhe de alguma técnica. Durante um tempo, tivemos um

projeto chamado “Jornal da Família”, que consistia em todos os membros da família escrevendo em folhas de papel-jornal com canetas hidrográficas. Em uma de suas colunas, certa vez, minha mãe escreveu: “Anna ainda tem dificuldades com a escala em fá maior.” Fiquei indignada. Na edição seguinte, havia uma observação escrita em letra roxa e irregular: “Mamãe ainda tem dificuldade com as variações Brahms-Händel.” O texto se referia a um concerto grande e virtuosístico.

Vejo em minha mãe a origem de algumas de minhas facetas, e também elementos tão alheios a mim que me deixam perplexa. No entanto, é a ela que revelo detalhes a respeito de minha situação que não compartilho com mais ninguém.

Ela me conta que uma de minhas primas teve um filho.

— E o que eu tenho a ver com isso? — retruco. — Não quero saber de coisas que me fazem lembrar que sou um fracasso.

Ela me conta sobre um conhecido que foi levado às pressas para o hospital pois estava tossindo sangue.

— Pelo menos ele pode ir a um hospital — resmungo.

Ela me conta que falou com uma amiga, Eleanor, que há anos vem enfrentando problemas psiquiátricos e agora vive sozinha, deprimida e quase nunca sai de casa.

— Ela pode ver o céu pela janela? — pergunto. — Pode abrir a porta de casa e andar na rua? Pode ligar a TV quando tem vontade e assistir pelo tempo que quiser? Então devia se ajoelhar e beijar o chão para agradecer.

— Tentei falar de você para ela — acrescenta minha mãe.

Eu não falaria dessa maneira com Pete ou com meus amigos, e raramente me comporto assim com minha mãe. Quando me contam das alegrias ou desgraças alheias, em geral reajo com interesse ou com a devida preocupação. Se algum sentimento sombrio surge no meu coração, ele logo é abafado e então passo a sentir com toda a sinceridade o que estou dizendo.

Mas com a minha mãe viro criança de novo. “Não é justo”, grito numa linguagem mais sofisticada, e a minha incontente inveja desesperada irrompe incandescente, sórdida e desenfreada.

O que vou fazer, o que vou fazer quando chegar a hora — que inevitavelmente chegará — e a minha alvoroçada e irritadiça mãe morrer?

Jogos para o escuro 3: O mestre da mente

Este é um jogo para duplas. Exige alto grau de lógica, concentração e memória, o que proporciona uma aula de aeróbica para as redes neurais.

Cada jogador pensa numa palavra de quatro letras, não vale palavrão. Então os dois se alternam para tentar adivinhar a palavra do outro. Para cada tentativa, o outro jogador dá uma nota de 0 a 3, que representa a quantidade de letras em posição correta.

Ganha quem acertar primeiro a palavra do outro.

É preciso lembrar a própria palavra. E as palavras que foram sugeridas. E a nota recebida para cada tentativa.

Então, é só usar a lógica, a probabilidade e um pouco de astúcia para descobrir a palavra do adversário antes que ele descubra a sua. Quando há dois jogadores experientes na partida, o jogo adquire a beleza e a impiedade de um duelo.

Sonho com palavras de quatro letras. Reviro a mente para encontrar as mais raras e difíceis, procuro por elas enquanto ouço meus livros. Apaixono-me por palavras como ECRU [bege], HYMN [hino], GNAW [roer], AWRY [torto], CHIC [chique] e BULB [lâmpada]. Começo a criar um pequeno estoque mental com as opções mais diabólicas, me preparando para futuras disputas com minha mãe, minha adversária mais temível e fiel. Ela é conhecida entre parentes e amigos por ser extremamente hábil e competitiva em qualquer tipo de jogo. Consigo vencê-la, mas preciso de todas as capacidades mentais e, quando isso

acontece, ela, que já é insensível à vitória, exclama: “Você sempre ganha!”

Certo dia, o jogo foi assim:

MÃE: BELT.

EU: Zero. PATE.

MÃE: Zero. MUTE.

EU: Zero. MOOR.

MÃE: Zero. NOSY

EU: Zero. SUET.

MÃE: Zero. SHIP.

EU: Zero. CRAW.

MÃE: Zero. DAMN. Esse, aliás, é meu palpite, não um comentário.

EU: Zero. VEIL.

MÃE: Soletre, por favor.

EU: V... E... I... L..., como em *veil* e *unveil*.

MÃE: Zero. EVER.

EU: Zero.

MÃE: Hum. Acho que assim não vou chegar a lugar algum.

EU: Bem, eu também não. Vamos ver, ainda não tentei nenhuma com Y no final. ALLY.

MÃE: Zero. INTO.

EU: Zero.

MÃE: Deve ser uma palavra muito pouco comum, porque não acertei nenhuma letra até agora.

EU: Não, é até bastante comum. E a sua?

MÃE: Também.

EU: ECHO.

MÃE: Palavra bonita. Zero. Acho que vou tentar umas letras pouco usadas. LYNX.

EU: Zero. LYNX para você também.

MÃE: Zero. BUZZ.

EU: Zero. UGLI com I no fim. Acho que é um tipo de fruta.

MÃE: Eu sei o que é UGLI, muito obrigada. Zero. GREW.

EU: Zero. ISLE, soletra I... S... L... E.

MÃE: Hum, estamos variando as letras, hein? Zero.

EU: Tem certeza de que eu já ouvi a palavra que você escolheu?

MÃE: Claro que sim. E eu, já ouvi a sua?

EU: Claro, é uma palavra supernormal.

MÃE: (Ficando desesperada) Puxa vida, não sei... talvez as vogais estejam em lugares diferentes. OBOE?

EU: Zero. (Igualmente desesperada) WHAM.

MÃE: Zero.

EU: Que maluquice. Tem certeza de que não me passou alguma informação errada?

MÃE: Acho que não. E você? TAXI.

EU: Não. Zero.

O que aconteceu, claro, foi que nós duas tínhamos escolhido a mesma palavra, HIGH, e, como somos muito diabolicamente espertas e astutas, evitamos sugerir palavras com os Is e os Hs nos lugares certos, para não dar ideia para a outra.

Finalmente — finalmente — alguém disse FISH e ganhou dois pontos. O impasse terminou e logo desvendamos o mistério.

Outras pessoas

Outras pessoas vêm me visitar de vez em quando. Em geral, são amigos em quem confio, que sei que serão capazes de enxergar a mulher que sou em meio a essa escuridão que me cerca, não se sentirão incomodados com a estranheza da situação e não ficarão espantados a ponto de se tornarem companhias incômodas.

Uma pessoa chamada Alicia veio me visitar, mas só uma vez. “Não sei como você aguenta, eu não conseguiria”, ela não parava de repetir, num tom quase acusatório. Fico imaginando o que ela esperaria que eu fizesse: que passasse meus dias gritando, ou quem sabe saísse correndo pela rua com o sol a pino, em uma demonstração inútil de rebeldia, para depois ficar queimando durante semanas? Ou será que na verdade minha visita quer dizer — sem se atrever a de fato falar — que não vale a pena viver dessa forma e que eu devia pôr um fim nisso tudo, em vez de constranger os outros arrastando meus patéticos farrapos de existência ao longo dos meses e até anos?

Mas, de modo geral, as pessoas — as do tipo certo — são boas. Para elas, visto o espartilho de jovialidade, um acessório muito útil e resistente. Ele controla os surtos e os deslizes emocionais, e logo percebo que, no fundo, estou temporariamente calma.

As pessoas me levam a organizar minha psique da mesma forma que alguém ajeita as revistas na mesinha de centro para receber as visitas — e as coisas ficam arrumadas por um tempo, antes que o caos reafirme seu domínio.

As pessoas me lembram minha verdadeira forma, a postura peculiar da mente, as curvas do juízo; lembram-me que tenho substância, mesmo andando como um espectro entre as sombras, e que os anos anteriores à escuridão me fizeram acumular, lá no fundo, uma base de ricos sedimentos que ainda não foram levados pela correnteza.

Mas não há pessoas em número suficiente. A bem da verdade, não facilitei as coisas, nem para elas, nem para mim. Quando me mudei de Londres para Itchingford, criei barreiras geográficas, econômicas e psicológicas, além das barreiras mais sutis: divergências quanto às experiências de vida, perda de coisas em comum. Para me visitarem sem carro, é preciso pegar pelo menos um ou dois trens e, ao chegar à estação, os visitantes ainda têm que enfrentar vinte minutos de táxi ou uma linha de ônibus que dá muitas voltas. Quem vem de carro precisa percorrer toda a rodovia M25 e depois pegar a M3, e o tempo de viagem varia, dependendo do trânsito. Quanto às pessoas de Itchingford, não tive tempo suficiente entre minha chegada e o segundo desastre, e nem me sentia em condições de fazer novas amizades, pelo menos no grau de intimidade necessário para me sentir à vontade de convidá-las para conhecer minha tragédia.

Com os amigos dele, Pete se atém a trivialidades sobre nossa situação, sem entrar em detalhes. Como ele é contido e reticente por natureza a respeito de assuntos pessoais, dificilmente pede ajuda, não importam as circunstâncias.

Alex, para quem fiz o arranjo de *Little Donkey* em tempos mais felizes, vem me visitar. Ela diz: “Acho você incrível, está lidando tão bem com a situação. É uma mulher muito forte.”

É o tipo de coisa que gosto de ouvir, já que, afinal, sou apenas humana.

Jonathan, um amigo outrora muito próximo, nunca aparece. Ele se recuperou, ao menos parcialmente, do trauma da explosão, e conseguiu um bom emprego perto de casa, no outro

extremo da capital, para onde pode ir de carro. “Preciso visitar você”, comenta ele, uma ou duas vezes. Mas isso não chega a acontecer, e logo os telefonemas também cessam.

Ele foi a pessoa com quem mais convivi em Londres. Por oito anos nos encontrávamos depois do expediente para assistir a alguma peça na Shaftesbury Avenue, um show no Southbank ou um filme no National Film Theatre — todos eram perto do escritório e era possível ir a pé —, ou íamos comer em nosso restaurante turco predileto, onde eu me empanturrava de azeitonas e *homus* até ficar com indigestão.

A amizade brota de uma sementinha discreta e, com o tempo, ganha raízes fortes que envolvem nosso coração. Quando um romance termina, a árvore é arrancada depressa, numa operação dolorosa, mas clara. Já a amizade murcha silenciosamente, e sempre resta a esperança de que vá brotar de novo. Só depois de um tempo reconhecemos sua morte, e então passamos anos arrancando do peito suas velhas fibras ressecadas.

* * *

MINHAS VISITAS nunca conseguem encontrar a porta. Perdem totalmente o senso de direção e tentam sair pelo guarda-roupa ou pelo espelho. “Espere um pouquinho”, peço, para impedir que tropecem e esbarrem nas coisas. Eu me apresso, coloco a mão na maçaneta certamente e libero meu visitante desorientado, que se debatia feito um passarinho.

Tricô

Estou sempre tentando pensar em coisas novas para fazer no escuro. Ansiosa para preencher as horas escuras e vazias, minha mente revira todos os campos em que tenho alguma experiência, revolve o solo de tudo o que já fiz, pois quem sabe pode aflorar algo que tenha utilidade.

Lembro-me de fazer algo com as mãos, um gesto repetitivo mas agradável. Logo que comecei, eu precisava prestar bastante atenção para conseguir acertar, mas depois de algum tempo se tornou inconsciente. Lembro-me de passar um fio de lã na ponta de duas agulhas, abaixando uma delas só um pouco para que uma laçada deslizesse para a outra, firmando-se.

Nunca fui boa em trabalhos manuais. Não era organizada nem meticulosa, mas sem dúvida era melhor no tricô do que em qualquer outro trabalho do tipo. Cheguei até a terminar um colete listrado, depois de dois anos de trabalho cuidadoso. Ficou largo, grandalhão, visivelmente amador, e teve um triste fim num bazar beneficente. No tempo que levei para fazê-lo, tinha me tornado uma adolescente de dezesseis anos extremamente tímida, portanto não tive coragem de usá-lo.

No entanto, lembro da satisfação tediosa de entrelaçar cada fio. Sempre havia uma recompensa visível pela dedicação, em termos de centímetros produzidos, uma prova clara de virtude ao lidar com a lã.

Será que esta poderia ser a coisa ideal para justificar minha existência inútil? Comento a ideia com a minha amiga Pam, uma entusiasta da confecção de roupas para seus sobrinhos. Ela arranja um par de agulhas grandes e uma sacola com lã grossa

de um tom vivo de turquesa e me fornece um curso para relembrar as técnicas na penumbra do térreo de casa, com corridinhas rápidas até a luz da cozinha para mostrar os pontos mais elaborados.

O plano é tricotar um cachecol — reto de cima a baixo, sem qualquer formato complicado, em ponto sanfona 2x2, ou seja, dois pontos meia e dois tricô.

Sento-me no chão do quarto de pernas cruzadas, as costas apoiadas na lateral da cama. Para começar, acho que consigo distinguir uma sequência de dois pontos meia na carreira inferior — e que, portanto, precisam ser completados com pontos tricô (para manter o efeito de sanfona) — de uma sequência de dois pontos tricô, que agora precisam ser completados com pontos meia. Faço isso parte através do tato, parte através de uma rigorosa contagem mental dos pontos. Os primeiros centímetros que fiz foram levados ao andar de baixo para serem examinados e saíram certo.

Mas, aos poucos, começo a me confundir. Pelas laçadas de lã que sinto sob os dedos, estou convencida de que o próximo ponto deve ser meia, e não tricô, e prossigo desse jeito por algumas carreiras. Então a textura parece mudar. Fico insegura e tento outra técnica. Conto os pontos, mas descubro que, em vez de um número par, eles estão em número ímpar.

Algo deu muito errado.

Saio da escuridão para examinar o que fiz. Numa faixa de aproximadamente cinco centímetros, as nervuras da sanfona viraram um emaranhado, todas irregulares e empelotadas, como se estivessem tomadas de bolor.

Como atestado de burrice, não desmancho o que fiz. Digo a mim mesma: “Ah, tudo bem, não precisa ficar perfeito; é só um cachecol para praticar.” Corrijo a técnica, tentando me concentrar e, nos dias seguintes (não tricoto o tempo todo), faço mais alguns centímetros de sanfona.

Então examino o trabalho outra vez, notando a faixa embolada e horrorosa, e começo a questionar: afinal, quem vai usar esse cachecol? Por que estou fazendo isso? Para quê, se é tão fácil comprar um melhor? Em seguida, interrompo o trabalho, presa entre dois impulsos contraditórios: não quero continuar, porque a peça já está seriamente comprometida, mas não consigo nem pensar em desmanchar as carreiras que representam tantas horas de labuta solitária e vagarosa. E o risco de dar errado outra vez é grande.

Meus dedos cedem, as agulhas caem das minhas mãos. Enrolo o novelo de lã, espeto as agulhas nele, guardo tudo na sacola de plástico e a coloco em cima do guarda-roupa, para que fique bem longe de mim, mesmo no escuro. Aquilo virou uma teia emaranhada de lã e emoção, e, por ora, resolver o que fazer com o novelo vai além da minha capacidade.

Sonho 3

Tenho um sonho recorrente. Nele, acordo no meio da noite. Houve um terremoto ou uma tempestade violenta, que abriu um buraco enorme na parede ao lado da minha cama. E a cama está num ângulo esquisito, com a cabeceira inclinada para baixo, saindo para o mundo exterior através do buraco. Pingos de chuva caem no meu rosto, molhando o travesseiro e os lençóis. Uma brisa noturna acaricia meus cabelos e faz as gotas rodopiarem na pele.

Então acordo de verdade, num sobressalto. “Meu Deus”, penso, “o que estou fazendo? Tem um buraco ao lado da minha cama e estou aqui, deitada, expondo a pele à luz da rua. Devo estar doida.” Estendo a mão para medir a falha na parede — e toco apenas a mesma parede de sempre: inteira, lisa e seca.

Bato a mão na parede. Reviro o corpo várias vezes, me chocando com a superfície fria e implacável.

Como fui acabar assim? Analiso os meses que me levaram até meu enclausuramento final, tentando impor uma ordem a uma sequência de acontecimentos que, para mim, se passaram terrivelmente rápido, até parecerem apenas um borrão.

Agora, consigo lembrar com tranquilidade: tenho tempo.

Ah, sim... tempo é o que não me falta.

Abril de 2006

Estou deitada numa cama, envolta em feltro preto grosso da cabeça aos pés, uma parte do braço exposta enquanto uma enorme luminária articulada, com uma lâmpada quente como um sol em miniatura, lança diferentes frequências de luz em minha pele nua.

— A reação é no meu rosto — explico à técnica que opera a lâmpada, depois de remover o feltro. — Não no resto do corpo, graças a Deus.

— Ah, todos fazem o teste de luz — responde ela. — Só para eliminar as possibilidades. É rotina.

Ela pede que eu me sente ereta, desta vez com as costas expostas, e desenha uma grade em minha pele com uma caneta hidrográfica preta. Aplica determinada frequência em cada quadrado usando um aparelho menor e de foco mais concentrado. Acompanho seus movimentos por um espelho — luz verde, azul, alaranjada e vermelha.

— É o meu rosto — repito, mas a essa altura parece não ter importância.

— Você pode conversar sobre os resultados amanhã, com o médico — diz a técnica.

Ponho a roupa, o chapéu e a máscara para voltar para casa.

O DR. OCELOT É O típico clínico. É alto e de boa constituição, com traços convencionais e olhos penetrantes. O cabelo é basto e liso, com um corte padrão de executivo e um tom de grisalho elegante. No consultório, um estagiário bastante prestativo o acompanha. O rapaz é baixo, atarracado e assimétrico, mas

visivelmente tem esperanças de um dia vir a brilhar assim como seu mentor.

— De acordo com os resultados, você não tem lúpus, porfiria e nem XP [xerodermia pigmentosa], que são as causas mais frequentes de sensibilidade à luz — diz o Dr. Ocelot, com uma fala arrastada, folheando os papéis na escrivaninha. — Pode descrever outra vez qual é o problema?

Explico o que aconteceu com meu rosto, que começou apresentando reações à tela do computador, depois à luz fluorescente e, então, passou a ter problemas com a luz do dia. Mostro o chapéu e a máscara.

— E quais são os sintomas, exatamente?

Explico o ardor e mostro as manchas vermelhas.

— E o que você quer dizer com ardor, especificamente?

Começo a perder a paciência. Por que o comportamento padrão dos médicos é sempre baseado na descrença? Será que acham mesmo que tive esse trabalho todo para chegar ali por causa de um simples incômodo? Ou que fiz a viagem até a clínica com aquela indumentária extravagante numa espécie de manifesto de moda exibicionista? Até o estagiário já está praticando sua expressão de ceticismo, espelhando-se no mestre.

— É como se alguém segurasse um maçarico diante do meu rosto — explico.

Isso deixa os dois atordoados. Segue-se um silêncio tomado de surpresa, a imagem parece ter perfurado a barreira profissional, fazendo com que sintam o que estou sentindo, ao menos por um instante.

O Dr. Ocelot se recosta na cadeira, juntando as pontas dos dedos e fitando o teto.

— De vez em quando, encontramos casos como esse — admite. — O diagnóstico é dermatite seborreica exacerbada pela luz e pelo computador. Não se sabe ao certo a causa. Vou

receitar betabloqueadores para diminuir o fluxo sanguíneo, cremes à base de esteroides e uma loção antifúngica. Volte daqui a umas seis ou oito semanas. Mas não é comigo que vai se consultar. Estou me mudando para os Estados Unidos, a trabalho. Você ficará aos cuidados do meu colega, o Dr. Scrivener. Acho que você o conheceu ontem.

É verdade. O Dr. Scrivener é muito mais novo e mais magro, com um aspecto asseado e cabelo ralo. Tem a pele suave, branco-rosada, e um ar de benevolência e interesse genuínos.

Evito sorrir, forçando os cantos da boca para baixo.

Mais tarde, saio da farmácia do hospital carregando os comprimidos e as pomadas em várias sacolas.

Maio de 2006

Passo a loção antifúngica. Aplico os cremes à base de esteroides. Tomo os comprimidos. Sinto certo alívio em meu rosto. Fica menos áspero e grosso, as reações são mais brandas, a vermelhidão some.

Depois de alguns dias, começo a perceber uma leve sensação de inchaço nos braços e nas pernas — parece uma reação alérgica branda. Não penso muito a respeito disso: meu rosto está melhorando, o que é o mais importante. Continuo aplicando os remédios na pele.

Começo de maio: estou num trem com destino a Londres, a caminho de meu curso de professora de piano.

Estou sentada junto à janela, com o antebraço descoberto estendido na mesinha em frente, a palma virada para cima. Está descoberto porque o dia está inesperadamente quente e ensolarado, uma prévia súbita do verão, e as mangas da blusa que estou usando chegam só até o cotovelo.

Sinto certa aspereza no braço, como se alguém estivesse esfregando uma lixa nele. Olho minha pele, mas não reparo em nada diferente. Quando volto para casa, à noite, a sensação esquisita continua.

Vou me lembrar para sempre daquela imagem — o braço pálido de pele macia saindo de uma manga de algodão turquesa apoiado na mesa de fórmica cinza, todas as cores muito vivas à luz que se derrama pela janela do trem — e daquela estranha sensação de aspereza, o primeiro toque dos tentáculos do inferno.

Alguns dias mais tarde, estou no banco do passageiro enquanto Pete dirige. É quase meio-dia em um dia ensolarado. O sol bate no para-brisa. Estou de calça comprida, um tecido semelhante a um veludo fino. Percebo uma sensação áspera e ardente nas coxas. Dura pelo restante do dia.

Meados de maio: estou na minha corrida do fim da tarde. No céu, um tom de azul carregado e brilhante, sob meus pés, o asfalto cinzento e morno, os raios dourados do sol poente refulgindo na monotonia dos tijolos das casas quadradas, a mistura de perfumes de flores brancas.

De repente, sinto um calor estranho por todo o corpo e começo a transpirar, um suor pegajoso. Paro na calçada, meio desconcertada. É como se algo estivesse tentando rasgar minha pele para sair de mim — e a sensação não está localizada em um ponto só, e sim por todo o corpo. Dou meia-volta e corro para casa pelo caminho mais curto. À noite, sinto o corpo inteiro formigar durante horas e depois um frio de matar.

Ainda não consegui ligar os fatos. Estou concentrada em meu rosto: é lá que a luz me afeta, não em outros lugares, e o rosto melhorou muito. No restante do corpo não aparecem vestígios — nenhuma vermelhidão ou aspereza: a pele está intacta. Deve ser algum tipo de alergia, concluo, e me esforço para lembrar o que comi, inalei ou passei na pele. Vou ao clínico geral e recebo um encaminhamento para uma consulta com o alergista em algumas semanas. Fico muito preocupada com o cloro na água quando tomo um banho de banheira, um antigo luxo, num banheiro ensolarado, e depois sinto minha pele arder por horas.

Perco as últimas aulas do curso de piano — tenho me sentido esquisita com frequência demais para encarar o risco da viagem até Londres. Os organizadores dizem que poderei passar pela qualificação se enviar uma fita com a execução da sonata que venho analisando e redigir um ensaio detalhado sobre o uso de

música de piano do século XX em aulas para iniciantes e intermediários, o que me proponho a fazer.

Lá pelo fim de maio, Pete viaja para uma conferência. Antes de ir, ele imprime os convites de casamento que criamos, um conjunto de etiquetas de endereçamento e folhetos com informações para os convidados. Cabe a mim, durante a ausência dele, providenciar o envio daquilo tudo.

Então, certa tarde depois do almoço, tiro os jogos americanos da mesa de jantar ao lado das janelas altas e a limpo bem para remover qualquer farelo da superfície. Pego todas as pilhas de papel do escritório, no andar de cima, estendo-as à minha frente na mesa e coloco a mão na massa. Primeiro, colo as etiquetas nos envelopes. Então, a cada vez pego um envelope, escrevo os nomes dos convidados no convite, dobro o folheto com informações e coloco o convite e o folheto dentro do envelope.

Enquanto isso, minha pele começa a arder e pinicar.

Pego, escrevo, dobro.

Pego, escrevo, dobro.

Arde.

As pilhas de retângulos brancos crescem ao meu redor, cobrindo uma ponta da mesa, caindo nas cadeiras, espalhando-se pelo tapete.

Pego, escrevo, dobro.

Arde.

Sinto-me sufocada pela esperança e pelo desespero do que estou fazendo, pelo contraste impossível e insuportável entre o alegre convite que guardo em cada envelope e a sensação terrível que se alastra pela minha pele, cada vez mais constante e dolorosa, aumentando cada vez mais os empecilhos para que o casamento se realize.

Desabo na mesa, apertando o rosto entre as mãos. Nunca chorei tanto na vida, com soluços tão intensos a ponto de me desequilibrar da cadeira e cair no chão, gritando e me debatendo

em meio aos envelopes, molhando-os com as lágrimas. É como se eu estivesse sendo partida ao meio — nunca senti uma cisão tão intensa da alma.

Chorar me traz alívio. Alguma substância química é liberada no cérebro, pelo que ouvi dizer, o que normaliza o humor, mesmo que a situação continue a mesma. Um sábio mecanismo de autocontenção, pelo qual, sem dúvida, devemos agradecer à evolução humana.

Ajeito-me na cadeira e afasto o cabelo emaranhado do rosto. Olho para as pilhas de papel na mesa e calculo que estou na metade da tarefa. Se terminar tudo, estarei livre e não precisarei mais pensar nisso.

“Não se deixe abalar”, ordeno a mim mesma. “Afim, esta é só uma tarefa administrativa trivial de colocar papel dentro de envelopes.” Eu me imagino pegando um pingente de gelo e cravando no coração.

* * *

ALGUNS DIAS DEPOIS,estou no quarto de hóspedes do lado norte, esparramada na cama descalça, lendo, quando finalmente sinto o golpe de misericórdia. O sol só se põe nesse lugar, ao noroeste da casa, no verão. Desce vagaroso pelo céu, aos poucos alinhando-se com a janela, preparando com cuidado seu golpe.

Os raios entram no quarto com a força e a intensidade de um laser, e sinto os pés pegando fogo. Segundos depois, na minha mente, sinto uma claridade medonha, uma paródia da luz que cegou são Paulo. Eis, enfim, a verdade, incontestável e inflexível, sem a menor margem de dúvida. Tenho a causa e o efeito, e todas as outras possibilidades se consomem em fogo, como a carne nos ossos de um herege.

Fico um instante deitada sem me mexer, presa sob as garras do sol. O quarto está banhado de uma luz dourada em tons de pêssego, os lençóis e as prateleiras reluzem com uma estranha beleza. Não tento me proteger: preciso sentir o ardor nos pés, não posso parar de sentir. Só assim cada parte do meu corpo vai entender que aquilo é real, vou saber que o mundo não cederá nem tomará uma direção mais conveniente.

Ouçoo passos subindo a escada.

— Pete — chamo, a voz falhando na garganta.

— Você está bem, querida? — pergunta ele, entrando e se sentando na cama.

Atiro-me sobre ele e enterro o rosto em seu peito.

— Eu sei o que é — digo. — Eu entendi. Ah, Pete, é a luz.

— Você está falando do resto do corpo?

— É. Não sei o que aconteceu, mas, de alguma forma, as coisas se inverteram. O rosto melhorou, só que o resto do corpo... A sensibilidade se espalhou por todo o corpo. Ah, Pete, o que eu vou fazer?

— Ah, meu bem... — responde ele, me abraçando forte. — Puxa... — Um instante depois complementa: — Bem, pelo menos agora nós sabemos. Já é um avanço. Será que é uma boa ideia fechar as cortinas?

Fungando, solto um riso abafado.

— Hum... é, acho que sim.

Ele puxa um véu sobre o sol poente, que submerge luxuriosamente entre as nuvens rosadas como num banho de espuma, tendo concluído a sua tarefa.

Eclipse

Certa vez vi um eclipse solar total. Foi em 11 de agosto de 1999, e o fenômeno foi visível em partes do sudoeste da Inglaterra e no norte da França, onde o céu não estava nublado no auge do eclipse.

Eu tinha um amigo com contatos na Royal Astronomical Society. A sociedade organizou uma excursão especial para membros, seus parentes e acompanhantes, com o intuito de observar o eclipse nas Ilhas do Canal.

Éramos quatro acompanhantes. Pegamos um avião até Guernsey e passamos três noites num hotel perto da pista do aeroporto. O rugido das decolagens e aterrissagens começava de madrugada e durava até tarde da noite.

Na manhã do dia do eclipse, levantamos bem antes do amanhecer e pegamos um ônibus até o porto, onde havia um enorme navio branco, fretado especialmente para a ocasião. Já havia muitos astrônomos a bordo, todos portando conjuntos impressionantes de equipamentos telescópicos e fotográficos. Crianças corriam pelo convés, muito empolgadas. O navio adentrou o mar agitado em direção à ilha de Alderney, cerca de 32 quilômetros a nordeste de Guernsey, não muito longe da França.

No começo da viagem, o céu estava azul e límpido, e os astrônomos pareciam muito animados. Mas, quando chegamos a Alderney, uma mortalha cinzenta desceu sobre a ilha, e o principal assunto de todas as conversas era a possibilidade de a névoa se elevar antes das 10h12, momento do primeiro contato, quando o disco lunar começa a cobrir o disco solar.

Havia alguns ônibus no cais à nossa espera. Um enorme boneco Womble ficou um tempo dançando na estrada à nossa frente, sacudindo os braços alegremente — devia ser uma forma tradicional de receber os visitantes num lugar com atrações tão menos evidentes do que as outras ilhas do Canal da Mancha, mas que era o lar de Elizabeth Beresford, autora dos livros dos Wombles.

Os ônibus nos deixaram num forte em ruínas, um grande círculo de muros de pedra irregulares no topo de um penhasco beirando o mar. De acordo com as placas informativas, o lugar tinha sido usado pelos alemães durante a ocupação das ilhas, na Segunda Guerra Mundial. O local tinha uma atmosfera estranha e desolada, como que refratária a indagações. O terreno plano cercado de muros estava coberto por vários tipos de mato.

Os astrônomos avançaram para o forte em busca de bons lugares para se instalar, um exército ocupante portando equipamentos pretos de cano longo, que ajustavam cuidadosamente sobre as pernas espigadas, voltando-os para o céu.

A pesada nuvem cinzenta começou a se dispersar, ficando cada vez menos uniforme.

Então veio o eclipse, e a lua começou a mordiscar o sol pelas beiradas.

Outras brechas fortuitas surgiram na nuvem que parecia uma teia de aranha emaranhada, oferecendo uma visão completa dos protagonistas. Pelos óculos especiais, vi a pequena marquinha preta, a falha quase imperceptível, que marcava o início do eclipse.

Conforme a lua ia avançando por cima do disco solar, o forte ia se iluminando com uma luz dourada melancólica, como se, às onze da manhã, com o sol a pino, tivesse começado a anoitecer.

Olhei outra vez com os óculos especiais e vi uma tampa negra deslizando, implacável, sobre um jarro de fogo. Então, quando o

céu escureceu, equilibrei-me precariamente numa pedra estreita e observei a sombra da lua se aproximar de nós pelo mar.

Nunca esquecerei a rapidez terrível dessa aproximação. Senti a respiração presa na garganta, como se a própria sombra sugasse o ar enquanto avançava pelas ondas. Estávamos tendo um vislumbre da verdadeira velocidade da rotação terrestre, daquele giro ininterrupto, enorme e perpétuo sob nossos pés. Logo, restava apenas um último arco de radiação na lateral do sol e uma linha frágil contornando o restante da esfera, estágio conhecido como “anel de diamante”. Por fim, até o último fio de luz se extinguiu. A noite caiu.

E então, dois minutos depois, o jarro voltou a se abrir lentamente. Vimos mais uma vez o anel de diamante, a gema agora situada do lado oposto, e logo depois veio o clarão dourado misterioso e sobrenatural, mas desta vez não trazia um sol moribundo, e sim uma bola de fogo que ressurgia. Na hora do almoço, tudo já voltara à normalidade, deixando um clima de euforia que tomou conta do forte. Sorríamos uns para os outros, pois sabíamos que havíamos compartilhado uma coisa memorável: por um fragmento de tempo cósmico, tínhamos posicionado um dedo sobre o punho do universo e sentido sua pulsação.

Junho de 2006

Nas semanas seguintes à revelação no quarto de hóspedes, a escuridão se avança na minha direção como a sombra da lua avançou sobre o mar no dia do eclipse.

Fora da casa de onde não saio mais, o verão a cada dia escancara mais a boca, revelando os dentes. A cada rotação da terra, o sol se levanta mais cedo, traça um arco mais alto, demora-se mais ao redor da poça acanhada da noite. Preciso manter as cortinas fechadas — de início, apenas pela metade; depois, completamente. A princípio, para afastar os raios mais incisivos e, posteriormente, para bloquear a simples claridade do dia, enquanto o sol se ocupa de outra parte da casa.

Tentando ajudar, Pete faz pesquisas na internet. Ele encontra um grupo de apoio para pessoas com sensibilidade à luz — faz parte da entidade Lupus UK, mas inclui membros cuja fotossensibilidade deriva de outra fonte.

O grupo se chama “Eclipse”.

No site há uma lista de produtos que podem ser úteis. Investimos dinheiro no problema — parece sensato tentar de tudo.

Chega um homem com um rodo, um pulverizador e um grande rolo de filme plástico. Ele passa a manhã inteira colando o filme na maioria das janelas da casa. Aquilo detém a transmissão de raios ultravioleta, a frequência luminosa mais alta e mais prejudicial.

Encomendo roupas com proteção contra o ultravioleta feitas por uma empresa especializada. São peças feitas de lycra e nylon de trama bem densa, levemente elásticas, não muito

bonitas. Uso um blusão com capuz, calça larga azul-clara e meias cinza. Fico me sentindo uma figurante de filme de ficção científica.

Durante alguns dias, dentro desses novos trajes, sinto certo alívio. Parece que encontrei um nível de estabilidade no qual, vivendo dentro de alguns parâmetros, minha pele não arde mais. Relaxo e até me animo, fazendo piada com a roupa.

Mas a estabilidade é ilusória, a sensibilidade logo retoma sua marcha.

A sensação é a de cair de um penhasco em câmera lenta. A cada nível mais baixo, penso ter encontrado um ponto de apoio, um arbusto para me agarrar e deter a queda. Em todas essas vezes tenho certeza de que achei um local estável, ao qual posso, senão sair dessa posição indigna, ao menos evitar cair ainda mais; um lugar de onde poderei considerar as opções para voltar ao topo.

Mas a beirada do penhasco sempre cede, o arbusto sempre quebra.

Eu me perco em livros grossos e intrigantes. Nas prateleiras de Pete, encontro as obras completas de Jane Austen num único volume encadernado em couro vermelho. Começo a ler *Razão e sensibilidade* sentada a uma mesa da sala, com a cortina entreaberta, mas minha postura fica cada vez pior. Depois de alguns dias, estou acorada no chão, protegida por uma parede e uma poltrona, agachada sobre o livro para captar o mais leve relance da letra impressa.

Pouco tempo depois, Pete volta do bazar beneficente de verão trazendo uma sacola grande cheia de livros. Como de costume, estava ajudando na banca de livros usados, não resistiu e acabou comprando alguns. Quando ele chega, me encontra sentada de pernas cruzadas no sofá, as cortinas fechadas e a maior parte do corpo sob uma jaqueta de inverno bem grossa e

impermeável, enrolada como um cobertor. Estou lendo *Persuasão* à luz indireta que entra pela porta da cozinha.

— Parece estar funcionando — explico, apontando a jaqueta de inverno, e até dou um sorriso. — Vamos ver o que você trouxe.

Acho que Pete está apavorado, mas não quer demonstrar. Olhamos os livros que ele comprou. Estou me forçando a esquecer minha própria realidade e enterrando a cabeça em outras.

* * *

A CERTA ALTURA, no meio de tudo isso, chega a hora da minha consulta de acompanhamento. Achar que eu conseguiria sair de casa — e ir até Londres — é uma ideia risível. Ligo para a clínica de fotobiologia e explico a situação à secretária.

“Tudo bem, vou cancelar”, responde ela. “Ligue para nós quando estiver se sentindo melhor.”

Não estou em condições de apreciar a ironia dessa resposta.

Ponto de fuga

As pessoas que conheço continuam fazendo pesquisas na internet em busca de alguma informação — qualquer uma — que possa ajudar. Maços de folhas impressas em papel A4 chegam pelo correio, enviadas por amigos meus, amigos de Pete e amigos da minha mãe, que, desesperada, contou minha história a quem quisesse ouvir. Há muita informação sobre fotossensibilidade, mas nada sobre um caso tão incomum e grave quanto o meu.

E então, de repente, chegam novidades de duas fontes diferentes: um artigo científico descrevendo um caso como o meu na Suécia e, graças a outro grupo de apoio, um contato com uma pessoa de verdade na Inglaterra.

Outra pessoa como eu.

Um homem chamado Jake que mora em Manchester. Está na casa dos trinta. Tem uma sensibilidade excruciante a todas as formas de luz.

Falo com a esposa de Jake pelo telefone.

“Ele descobriu que, se passar um período num quarto totalmente escuro, a pele cria um pouco de resistência, então, quando sai, consegue tolerar certa dose de luz por algum tempo”, conta ela.

Assim que ela diz isso, percebo que faz sentido. Eu já estava chegando, ainda que de maneira indistinta, a uma conclusão semelhante. Perseguida diariamente pelo sol desde as quatro da manhã, sei que cortinas normais já não formam uma barreira eficiente. Passo a ter uma imagem clara do que preciso, e a minha pele solta um suspiro de alívio com a expectativa. Começo

a ansiar pelo escuro, quero-o já, não aguento esperar. Um viajante perdido no deserto, à beira da morte, anseia por ver o lampejo da água que o salvará — anseio por ver o espaço diante de meus olhos esvaziar-se de qualquer sinal de luz.

Não é um objetivo fácil. Para alcançá-lo, é necessário obter os materiais e as adaptações, e, mesmo depois de instalados, preciso recorrer ao papel-alumínio.

Quando termino, deito na cama, exausta. Sinto como se tivesse terminado uma operação longa e árdua envolvendo a amputação de um de meus membros. Na verdade, apenas expulsei a luz da minha vida, mas foi um procedimento igualmente terrível, complicado, necessário, traumático e apavorante. Ao meu redor, na escuridão, o tapete, as paredes, as cortinas e as prateleiras de livros nadam num mar de sangue invisível.

Não consigo mais pensar. Alcancei meu ponto de fuga.

* * *

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, eu me recupero e ouço barulhos estranhos vindos do andar de baixo. Zombarias, gritos e comentários num tom que se eleva... se eleva... se eleva... e diminui. De repente, a voz de Pete exclama: “Ah!... Nossa...” e então “ISSOOO!”.

É a Copa do Mundo de 2006, e alguém acaba de marcar um gol.

Autonomia

Eu queria que muitas coisas fossem diferentes na vida anterior. Queria ser mais organizada, conseguir sair do trabalho na hora certa e poder ter algumas atividades regulares depois do expediente. Queria ser mais segura quando fazia alguma apresentação, dirigir-me aos ouvintes com uma voz mais alta. Queria ter uma relação melhor com um amigo de Pete, um sujeito por quem ele tinha grande apreço, mas que eu achava frio e presunçoso.

Para cada uma dessas coisas, eu podia esperar que, caso dedicasse tempo, empenho e força de vontade e acreditasse na mudança, conseguiria, senão uma transformação completa, no mínimo alguma melhora.

Com displicente brutalidade, a doença nos faz lembrar os limites da vontade humana. Em cada estágio do declínio, quando chegavam os primeiros vislumbres da próxima fase de horror, eu repetia para mim mesma, sem parar: “Não vou deixar acontecer.” E acontecia mesmo assim. Havia algo em curso em meu corpo; tinha acontecido uma traição dentro da fortaleza. Um poder invasor tinha se esgueirado silenciosamente, dominando os defensores leais, tomando e ocupando as posições de força. À minha vontade restou apenas vaguear, impotente, numa torrezinha, inspecionando o território ocupado.

Como foi que acabei assim? Se em cada estágio eu tivesse noção do que poderia vir no próximo... ah, eu teria utilizado toda a minha prudência e eficiência, toda a minha inteligência, esperteza e engenho a serviço de preservar o que tinha. Mas, a cada estágio, eu virava uma aberração, que nunca era alertada,

apenas encaminhada para a próxima leva de especialistas, passando por um canal cada vez mais estreito, até chegar a este ponto de fuga.

Será que cheguei até aqui por um encadeamento de escolhas triviais e contingentes, e será que, talvez, se houvesse agido de maneira ligeiramente diferente a cada estágio, o resultado teria sido outro? Ou isso estava escrito nas estrelas, nos meus genes, na minha alma, de forma que meu corpo chegaria aonde chegou de qualquer maneira, em qualquer circunstância, pela determinação férrea do destino? Não sei qual dos dois sistemas metafísicos é mais terrível ou apavorante.

É por isso que acho os romances de Thomas Hardy companhias especialmente angustiantes no escuro. Preciso racionar meu grau de exposição a eles e, às vezes, simplesmente desisto. Hardy é o romancista das coisas miúdas que têm enormes consequências, do pequeno azar cotidiano que leva à tragédia, da película quase invisível que separa êxito e fracasso, fina feito a carta que desliza sob o tapete, quando Tess a enfia por baixo da porta de Angel.

Correspondência 1

“Devíamos fazer algo a respeito do casamento, para aliviar a tensão”, sugere Pete.

O quê? Ah, sim. O casamento. A luta pela sobrevivência nas últimas semanas absorveu tanto do meu cérebro que quase esqueci o casamento. Mas a verdade é que tomar a decisão de cancelar o evento ainda dói, por mais óbvia e flagrante que tenha sido a necessidade. É a amputação final de um sonho já putrefato.

Preparamos mais envelopes. Desta vez, em cada um vai apenas uma folha. Pete faz a maior parte. Eu faço o que consigo.

14 de julho de 2006

(...) Nas últimas semanas, a saúde de Anna deteriorou muito, e ela está extremamente sensível à luz. Portanto, com grande relutância, decidimos adiar o casamento. Agradecemos por todas as doações para as instituições beneficentes que indicamos. Pedimos desculpas a todos que já marcaram viagem ou reservaram acomodações para 9 de setembro. Esperamos celebrar o casamento no futuro, e torcemos para tê-los lá conosco (...)

Correspondência 2

(...) Na primeira vez que me consultei com o Dr. Ocelot, em abril, apenas as manchas de dermatite em meu rosto eram fotossensíveis. Mas a reação agora está espalhada pelo corpo inteiro (...)

Que providências devem tomar as pessoas doentes demais para irem ao consultório em Londres? Não sei como proceder, gostaria de receber orientação (...)

(...) Lamento saber que a saúde da senhora tenha piorado tanto. É uma situação muito difícil, e lamento que a senhora se encontre nesse estado. Quando os pacientes não podem vir até nós por tais razões, os médicos locais assumem o caso (...)

(...) Obrigada por telefonar na quinta-feira passada. Você explicou que 90% dos casos de fotossensibilidade podem ser associados a uma condição clínica específica, mas que restam 10% que não podem, no atual estágio do conhecimento sobre o assunto (...)

Eu comentei que lhe enviaria um artigo que meu noivo encontrou na internet, com a descrição de um caso de fotossensibilidade que descreve exatamente o que aconteceu comigo:

1. Os sintomas iniciais eram “dermatite de tela”, ou seja, vermelhidão e ardor no rosto ao ficar diante de uma tela de computador.

2. Instalou-se uma sensibilidade à luz generalizada após um período de exposição intensa, porém de duração razoavelmente curta (no meu caso, sair para correr mais cedo do que de costume, num entardecer claro de maio).

3. Os sintomas da sensibilidade generalizada à luz (em comparação com os sintomas faciais de “dermatite de tela”) consistem numa sensação de grande ardor, porém *sem pruridos ou sinais visíveis*.

(...) Há qualquer recomendação a ser seguida por pacientes que precisam viver no escuro? Algum suplemento necessário para compensar a falta de luz do sol? (...)

(...) Muito obrigado pela cópia do artigo. Nós do hospital e outros colegas já encontramos pacientes com sintomas como os seus e os do paciente no artigo. No momento, a causa da condição é desconhecida. Seria adequado pedir ao clínico geral alguma suplementação de vitamina D, visto que a luz solar ajuda a produzir a vitamina D na pele, e a suplementação a impediria de ter alguma deficiência desse nutriente (...)

Lamento não poder oferecer orientações mais específicas e úteis, isso é um reflexo da atual falta de entendimento a respeito de sua condição (...)

(...) Caso haja alguma melhora que lhe permita vir a Londres, por favor, informe-nos para marcarmos uma consulta (...)

(...) Tivemos de cancelar o casamento devido à deterioração da minha saúde. Como você sabe, quando decidimos nos casar e tiramos os fundos do seguro para o

casamento, a única parte do meu corpo afetada pela sensibilidade à luz era o rosto. Na época, eu não fazia ideia de que a condição poderia evoluir e se espalhar da maneira como aconteceu (...)

(...) Os aspectos levantados em relação ao seguro para o casamento são completamente razoáveis e (...) explicarei à companhia de seguros caso entrem em contato comigo (...)

(...) No que se refere a reunir dados e explicações a respeito de sua condição, há situações relacionadas que ainda estão em fase inicial de observação (...)

(...) Tenho conhecimento de mais três pessoas na Inglaterra que desenvolveram minha forma de fotossensibilidade severa e estão vivendo na escuridão. Há um problema real de acesso aos serviços. Seria útil saber quais pesquisas estão sendo realizadas ou planejadas a respeito dessa manifestação de fotossensibilidade especialmente incapacitante (...)

(...) Se eu tiver informações sobre projetos de pesquisas específicos em andamento nesta área, vou mantê-la informada. Evidentemente, é uma doença que apresenta dificuldade especial em termos de pesquisa (...)

(...) A situação em que estou parece um pouco esdrúxula, na medida em que estou excluída do tratamento a menos que fique “bem” o suficiente para ir ao consultório! Estou disposta a pagar por uma consulta particular por telefone (...)

.....

(...) Seria realmente útil expor a situação — existe alguma possibilidade de consulta por telefone?

.....

Jogos para o escuro 4: Quadrado de palavras

É um jogo para apenas uma pessoa, quando o jogador está desesperado para se livrar do tumulto de pensamentos caóticos.

Imagine uma grande folha de papel em branco. Prenda cada canto, para que o papel não fique ondulando. Desenhe uma tabela de cinco por cinco quadrados. Imagine uma letra em cada quadrado, formando palavras tanto na vertical quanto na horizontal.

Parece simples, mas é difícil — e muito.

Mesmo com múltiplas substituições de letras e mudanças de estratégia, praticamente todas as tentativas resultarão em fracasso, desistência ou sono. Mas a possibilidade de sucesso continua a luzir no horizonte, um incentivo para prosseguir. Você se pega desenvolvendo teorias sobre a abordagem mais acertada, às vezes dando preferência ao método “vogal, consoante, vogal, consoante, vogal” (e vice-versa na linha de baixo); em outras, começando sempre com um S na primeira casa do canto esquerdo e juntando consoantes ao redor dele. Começa a dar preferência a palavras como STRAP, que pode ser flexionada em várias direções diferentes (STROP, STRAW, SCRAP) para encaixar impasses desastrosos em outras partes da tabela.

S	C	R	A	P
P	R	I	D	E
L	O	V	E	S
I	N	E	P	T
T	E	N	T	S

Só consegui uma vez.

Física

Na vida anterior, meu conceito de luz era muito leigo. Eu a considerava uma substância parecida com a água: era possível se banhar nela caso tirássemos a roupa, e ela se derramava quando alguém abria a cortina. Era sempre possível enxergá-la com os olhos — se não fosse, era porque ela não estava ali.

Fui brutalmente desenganada dessas noções frágeis e poéticas pela aula de física que se instalou em minha pele.

A luz é a filha sorridente de belos olhos azuis de uma família de malfeitores — tem aparência inocente, mas muitos traços em comum com os parentes mais rebeldes. Raios gama, raios X, raios ultravioleta, micro-ondas e ondas de rádio são seus companheiros de turma — perturbações eletromagnéticas que se perpetuam por si mesmas, percorrendo longas distâncias em alta velocidade desde o ponto de origem, diminuindo a intensidade apenas gradualmente. Os seres humanos, aqui na Terra, podem detectar ondas vindas dos extremos do universo, e não é impossível que outras inteligências, em outras galáxias, estejam ouvindo, ainda que com vários anos de atraso, a Rádio 4.

Todas as ondas eletromagnéticas têm a mesma velocidade. É uma constante, em geral designada como velocidade da luz, por volta de 300 mil quilômetros por segundo no vácuo. Segundo a teoria da relatividade, essa é a velocidade máxima possível neste universo, com seu conjunto de leis físicas.

Cada onda eletromagnética tem determinada frequência e comprimento, e é isso que dá a cada tipo suas propriedades específicas. A frequência vai diminuindo à medida que aumenta o comprimento. Os raios gama têm a frequência mais alta (cerca

de 10^{22} ciclos por segundo) e o menor comprimento de onda (10^{-14} metros). Se o corpo humano é exposto a raios gama, o DNA das células é prejudicado e cânceres se formam. Os raios X também penetram no corpo, mas não são prejudiciais em pequenas doses e podem ter utilidade prática. O comprimento de onda das micro-ondas pode ser medido em centímetros. São os burros de carga da revolução das telecomunicações, zumbindo entre celulares, torres, laptops e transmissores wi-fi, transportando dados em fluxos binários. As ondas de rádio são mais compridas e vagarosas, e as que medem dezenas ou centenas de metros estão entre os picos. São a frequência preferida para transmissões de rádio e televisão, serpenteando pelo país, transportando informações e entretenimentos coletivos.

A luz no espectro eletromagnético fica entre os raios X e as micro-ondas, ocupando uma faixa estreita. Seus comprimentos de onda são medidos em nanômetros, sendo que um nanômetro é um bilionésimo de metro. Entre as ondas eletromagnéticas, ela é a única com a propriedade de ser visível ao olho humano. Na verdade, ela estimula a retina num arco-íris de sete cores, desde o violeta (com um comprimento de onda de 400 nanômetros) ao vermelho (com um comprimento de onda de 760 nanômetros). enxergamos a luz branca quando os diversos comprimentos de onda das cores estão todos igualmente presentes, de forma que os diversos receptores sensíveis à cor em nossos olhos são estimulados no mesmo grau.

A força de uma onda eletromagnética é sempre 1 dividido pela distância de sua fonte. É uma quantidade que diminui gradualmente, mas que nunca chega a 0. Essas ondas não desaparecem, só ficam fracas demais para serem registradas em equipamentos de detecção humanos. Elas passam por barreiras materiais em graus variados, sofrem graus de diminuição da

força e, mesmo assim, como é de sua natureza essencial, persistem.

A minha maior descoberta quando comecei minha viagem ao escuro foi essa persistência. No começo, eu achava que as roupas resolveriam, que era uma questão de usar manga comprida, gola alta, saia comprida, tecidos opacos.

Mas a luz — mesmo dentro de casa — passava.

Então comecei a usar camadas de roupas — casacos forrados por cima de camisetas de manga comprida, saias longas com forro por cima de leggings pretas e botas até o joelho. Essa vestimenta me dava um ar interessante, retrô, levemente eduardiano. Descobri que o melhor tecido para as saias compridas era uma seda de trama bem fechada e, para os casacos, o veludo liso ou cotelê.

Mas não foi suficiente.

Descobri que o tecido protegia melhor se não estivesse muito apertado às camadas inferiores, então minhas saias de seda passaram a ser rodadas e enviesadas, para não roçarem nas pernas, e troquei as leggings por ceroulas, como as roupas de baixo da era vitoriana.

Mas não foi suficiente. A luz passava. Por baixo de toda essa complicada vestimenta, eu ainda ardia.

Ao longo de uma experimentação horrível, descobri que eu precisaria usar as paredes e que não havia alternativa. Que as paredes, a partir de então, seriam a minha indumentária externa perpétua, meu manifesto da moda solitária, minha marca registrada.

Desisti cedo demais? Ficaria muito contente em usar uma burca para sair pelas ruas da cidadezinha onde moro, se adiantasse de alguma coisa. Pensei algumas vezes em vestir uma armadura ou uma fantasia de Dalek. Será que esses revestimentos teriam funcionado? Talvez não fossem pesados e desconfortáveis demais, e talvez os vizinhos acabassem se

acostumando com uma figura imponente e reluzente retinindo entre os jardins e os carros estacionados. Nenhuma turma de adolescentes zombaria ou tentaria me derrubar, e, depois que virasse moda no YouTube, o mundo me deixaria seguir em paz.

Mas, na época em que pensei em tais extremos, estava exaurida de dor, atônita com o incrível grau de sensibilidade em minha pele, morrendo de medo de que qualquer coisa que eu fizesse piorasse meu estado. Não podia mais me dar ao luxo de ser a cobaia de minhas próprias experiências, e me esgueirei para a segurança das paredes do meu quarto escuro sentindo apenas alívio.

Dentro do quarto, todos os dias visto uma blusa de manga comprida e um casaco de veludo, coloco as ceroulas sob a saia de seda e as meias. Já descobri que, mesmo no escuro, *não posso usar menos roupas* (porque esse escuro, obviamente, não é escuro de verdade, não é a total ausência de luz).

Então fico assim, uma criatura suntuosa, pronta para virar a heroína de um romance de Sir Walter Scott ou de alguma novela gótica envolvendo calabouços, torres escuras, tios malvados, inocência ameaçada e sedas farfalhantes.

No inverno, na primavera e no outono, as camadas de roupas são bastante práticas. Mas no verão, quando a temperatura sobe até cerca de trinta graus, o sol bate no telhado e castiga as paredes, e o ar no quarto vedado aquece inexoravelmente. É como se o aposento escuro fosse uma panela de barro num forno e eu, a carne dentro dessa panela. E não posso abrir a janela para deixar entrar o mais leve sopro de ar, porque a luz também entraria; nem posso tirar toda minha indumentária, mesmo com o corpo cozinando, porque, se desembrulhar minha carne, vou arder em fogo, mesmo com as janelas vedadas e a porta fechada. No verão, fico deitada no chão, inerte, na parte mais baixa e fresca do quarto, e suo, suo, suo sem parar. A temperatura aumenta a cada dia, conforme avança a onda de

calor, sem qualquer sinal de mudança (ouço todas as previsões meteorológicas) e sei o que é estar no inferno.

Em situações como essas, a vida se simplifica. Sutilezas psicológicas se desfazem. Abandono o luxo de emoções mais elevadas e complexas. Nada importa, a não ser a sobrevivência física, e para isso posso sacrificar tudo: dignidade, higiene, respeito próprio, atividade, visitas (que só aumentariam o calor e a fetidez), a ocasional indulgência do choro. O gelo se torna meu amigo — congelo garrafas de água e cerco o corpo com elas, como se espalhasse gelo em volta de um cadáver. Pequenos ventiladores elétricos sopram o ar pesado e quente para cima de mim.

Mais tarde, no fim do dia, quando o sol indolente por fim desce no horizonte e o céu ganha o tom azul profundo das noites de verão, arrisco-me a ir ao térreo por um momento. Pete entra no quarto escuro e quente, abre as cortinas, levanta as persianas e abre uma das janelas. Traz um aparelho de ar-condicionado portátil, com rodinhas, puxa o tubo branco, longo e flexível da janela, engata no aparelho e liga o motor.

O mostrador de temperatura indica que o quarto está a 25 graus. Quando volto, com o ar-condicionado já desmontado e o quarto novamente vedado, a temperatura baixou para 21 graus. Não é uma melhoria enorme, mas ainda assim é uma mudança maravilhosa para mim.

Agarro-me a uma única certeza: a terra continua girando. A estação quente vai passar e terei vários meses para esquecê-la, antes que meu inferno retorne.

Bicho

Durante a onda de calor, passo muito tempo no chão do quarto. No fim do verão, quando a temperatura começa a diminuir, minha capacidade de pensar retorna aos poucos. Volto a estar ciente do ambiente que me cerca e descubro algo estranho e horrível.

Estou deitada num grosso tapete de fios de cabelo, que se entrançaram com as fibras do carpete, tornando bem difícil removê-los. Preciso arranhar o tecido com as unhas para soltar os fios embaraçados.

O cabelo é comprido, ondulado e castanho. É o meu próprio cabelo.

Não que ele esteja caindo mais do que o normal — perdemos vários fios diariamente. O que é anormal é a intensidade com que venho habitando um único espaço e a minha incapacidade de ver o efeito cumulativo.

Por fim, pego um pente e penteio o carpete, arrancando punhados e mais punhados de fios de cabelo. Daria para tricotar uma roupa ou fazer muitos ninhos de pássaros.

Todo esse cabelo faz com que eu me sinta um bicho, como se eu fosse um monstro vivendo fora das regras da sociedade, um animal de cheiros agrestes e hábitos noturnos, uma fera que caça, arranha, morde e rasga a garganta de suas presas.

O cheiro do mundo

Ah, o cheiro do mundo para os que não estão nele. Quando paio no limiar entre o dentro e o fora — abrindo ou fechando uma claraboia, ou saindo pela porta à noite —, o cheiro entra em minhas narinas efervescendo como champanhe.

É um coquetel de ingredientes sutis e infinitos melhor do que as mais finas misturas dos mestres perfumistas, um composto de vida e decadência, de crescimento, umidade, selvageria, calor, pó, folhas, flores, asfalto, carros, terra, pedras e estrelas.

Meu nariz persegue o cheiro, erguido como um focinho de cachorro, querendo sugar o frescor, aspirá-lo como cocaína. É esmagador, indizivelmente torturante. Cambaleio, inebriada. Então volto para minha escuridão e, por alguns instantes, antes que o nariz se adapte, sinto o ranço e a falta de qualidade do ar viciado de minha prisão.

Um animal extraordinário

Pete passa uns dias na Cornualha, fotografando o mar, as rochas e os penhascos. Ele volta com um animal extraordinário de presente para mim. É um carneiro feito de um material sedoso e peludo, com cascos de pelúcia dourada. As contas marrons dos olhos têm uma maravilhosa expressão de bondade. O carneiro usa uma gravatinha-borboleta estampada. Mas suas características mais marcantes são as patas traseiras, excepcionalmente longas e flexíveis, que lhe permitem fazer acrobacias, estendendo-se de um lado a outro ou da frente até atrás. O carneiro foi projetado para bloquear a entrada de correntes de ar por baixo da porta, vedando o vão com as patas. Pete comprou para substituir a linguiça sem graça de pano xadrez amarelo e marrom que alguém encontrou num sótão e que tenho usado desde então para impedir a entrada de luz no quarto escuro.

Sou completamente surpreendida por esse presente. Não consigo parar de rir, mas também fico à beira das lágrimas. Pete é capaz de encontrar uma maneira de trazer graça, alegria e frivolidade à minha vida horrivelmente limitada. O carneiro, mesmo nas posições mais esdrúxulas e vergonhosas, conserva seu ar de serenidade benevolente. Isso nos leva a chamá-lo primeiro de “Estoico”, mas o nome não cola. No fim, ele vira apenas “Carneiro Pernudo” e vive estendido na soleira do meu quarto escuro, um guardião discreto e zeloso. Sua presença dá origem a uma frase estranha, provavelmente exclusiva dessas circunstâncias singulares e que nunca é enunciada por qualquer outra língua humana. “Sempre coloque o carneiro de volta no

lugar”, lembro aos visitantes, porque ele inevitavelmente é empurrado quando entram no quarto. Ao que a visita responde “Claro”, inclinando-se no escuro e ajeitando as pernas peludas e flexíveis.

Saúde e segurança

Arrancar espontaneamente as roupas no chão da sala é coisa do passado. Agora, para fazer amor, Pete e eu precisamos de Procedimentos.

Primeiro, temos de esperar cair a noite. Então, antes de entrar em meu quarto escuro, Pete desliga as luzes do restante da casa, cerra as cortinas, fecha as portas e expulsa qualquer fóton extraviado que possa cair sobre minha pele nua. Aí precisa encontrar o caminho até minha toca. Ele tem melhorado nisso, já não vai mais parar no armário do aquecedor, nem esbarra com tanta frequência na estante de livros quando passa pela porta.

Quando ele entra no quarto, estico o braço para tocá-lo. Passo por ele em zigue-zague, para estender o carneiro na parte de baixo da porta. Então volto, também em ziguezague, fico de pé com meu corpo encostado no dele e o abraço.

Agora podemos resolver a questão.

— James Bond nunca teve essas dificuldades — resmunga Pete enquanto se esforça para entender apenas pelo tato o princípio operacional de um fecho com o qual não está acostumado.

— Hum — murmuro, depois de desabotoar a camisa dele —, achei que estava chegando a algum lugar, mas parece que você está de camiseta.

Certa vez, nos primórdios, batemos as cabeças tão forte que vimos estrelas. Pete já enfiou o cotovelo no meu olho, eu já o acertei no queixo e a cabeça dele bateu na parede ao lado da cama. É uma cama de solteiro, e também já caímos dela, tanto juntos quanto separados.

No trabalho de Pete há uma grande campanha para eliminar “acidentes que resultem em faltas”. Os funcionários recebem uma enxurrada de folhetos recomendando que não corram em escadas e sempre olhem os dois lados da rua antes de atravessar. Pete e eu ficamos imaginando o que um avaliador de riscos faria se soubesse de nossas atividades. Baniria de vez ou insistiria para que usássemos capacetes? O truque, descobrimos, é garantir que um sempre saiba onde está a cabeça do outro. Também falamos mais ou fazemos ruídos. Isso ajuda a compensar a ausência de expressões faciais indicando êxtase, tédio, prazer etc.

Hoje em dia me preocupo menos com o barulho. Como a janela está coberta com várias camadas de corta-luz, é pouco provável que alguém me escute.

Coisas verdes

Hoje à noite vai haver um concurso no clube de fotografia com o tema “Natureza Britânica”. Pete entra em meu quarto escuro e se senta ao meu lado na cama para contar.

— Todo mundo que gosta de fotografar insetos vai aparecer — prevê. — Vai ter um monte de closes de libélulas, esse tipo de coisa.

— O que você vai inscrever? — pergunto.

Pete gosta mais de flora do que de fauna, então não tem muitas escolhas. Ele me mostra na câmera um close muito indistinto e altamente abstrato de umas coisas verdes cintilando sobre um fundo mais escuro. Minha pele consegue tolerar esses *slideshows* em miniatura por um breve período de tempo.

— Que diabo é isso? — indago.

— São folhas de faia na primavera — responde ele indignado.

— Mas está totalmente sem foco.

— É para estar sem foco. É Arte!

— Se isso conseguir ganhar alguma coisa no concurso, vou ficar muito surpresa.

— Certo — retruca ele. — Quer apostar?

Adoro apostas. Pete sabe que sou incapaz de resistir. Na vida anterior, eu apostava em tudo: no resultado das eleições gerais, em quem venceria em Wimbledon, se nevaria antes do Natal. Em geral, apostava com parentes e amigos — só usei um site de apostas uma vez, quando não consegui me saciar de outra forma. A aposta é um tributo à insondabilidade do futuro, um ato de fé de que o curso dos acontecimentos pode ser previsto, mas

que nunca está inteiramente determinado. Preciso disso mais do que nunca, daquela coceirinha de esperança.

— Tudo bem — concordo. — Vamos apostar. Se a foto conseguir ganhar alguma coisa no concurso de hoje à noite, vou... não sei, qual vai ser a aposta?

— Depois do que você falou sobre minha linda imagem, creio que você deveria se retratar.

— Hum, essa é nova. Certo, se você ganhar, vou me retratar. E se eu ganhar?

— Vou pedir peixe com batata frita para nós no fim de semana.

— Combinado. Trato feito.

Pete vai para o clube de fotografia. Passo a noite na companhia de Agatha Christie, mas não paro de mudar de posição, tentando resistir ao que seria mais natural e confortável: me estender na cama. Por fim, pressiono o botão do despertador e uma luzinha ilumina a frente do aparelho. Vejo, com alívio, que são dez da noite. Lavo o rosto, tiro a roupa e me enfio debaixo da colcha.

Às dez e meia, Pete bate à porta e me acorda do cochilo.

— Oi — cumprimento, sonolenta.

Esqueci totalmente da aposta.

— Bem, querida — começa ele, se ajoelhando ao lado do meu travesseiro — Creio que você pode começar a se retratar. Minha foto foi bastante elogiada.

— O QUÊ? — dou um berro e salto da cama. — Mas isso é uma infâmia. Tem certeza?

— Claro que sim.

— No que o juiz estava pensando?

— O juiz é um indivíduo de grande discernimento e tem um gosto excelente.

— Até parece — resmungo. — Isso é loucura.

— Talvez ele tenha ficado contente em ver algo que não fosse uma libélula. Seja como for, eu ganhei.

— Tá bom, tá bom, amanhã faço algo a respeito.

Na verdade, acabo não demorando tanto para fazer algo a respeito. Apesar do meu esforço em marcar uma divisão entre o dia e a noite, em persuadir meu corpo da diferença qualitativa entre períodos semelhantes de escuridão, acordo no meio da madrugada, como acontece muitas vezes, e não consigo voltar a dormir.

Resolvo compor uma “Cantiga de retratação”, que me absorve e enfurece por horas a fio. Os versos ganham e perdem palavras, mas elas não querem se encaixar, saltando incontroláveis no meio ou pendendo no fim de cada verso, nada estéticas.

Estou prestes a desistir quando há um “clique” audível na minha cabeça e, de repente, tudo ocupa seu devido lugar. As palavras se enfileiram, nenhuma se intrometendo onde não deve. Arregalo os olhos de surpresa e recito a coisa inteira até o fim — duas vezes, para me certificar de que não estou imaginando:

Meu amor, Senhor do meu coração,
Reconheço que entendes de Arte
Ou que pelo menos sabes com certeza
O que um juiz numa exposição
Há de considerar por sua parte.

Meu querido, prostro-me no chão
E do teu juízo reconheço a clareza;
Para uma foto sabes preparar-te
Com rapidez e grande sutileza,
E faro aguçado como o de um cão.

Sorrio para mim mesma no escuro, e o sono finalmente se estende sobre meu corpo como uma maré suave.

Metáfora

Há quem acredite que a doença é uma metáfora física da condição psíquica. Para essas pessoas, um problema na coluna indica a incapacidade de deixar o passado para trás, e problemas em processar emoções antigas se manifestam na forma de uma prisão de ventre.

Para minha infelicidade, tenho uma condição especialmente propícia a metáforas. Sou irresistível para aqueles com leves tendências *New Age*: pessoas assim ficam extremamente empolgadas ao saberem de minha vida. Aí está uma coisa que nunca viram antes, com certeza a própria manifestação metafórica por excelência. Desligar-se da sociedade, insistir em viver no escuro, num quarto vedado... É quase perfeito demais. É claro que tenho horror ao contato humano, ou melhor, medo da própria vida, desejando subconscientemente reverter meu próprio nascimento e voltar aos escuros recônditos do ventre.

Que fascinantes os danos dessa psique! O que preciso fazer é *trabalhar em mim mesma* (de alguma maneira, no escuro, por conta própria) e *resolver meus enormes problemas emocionais* (se eu conseguir entender quais são, além do desejo frustrado de sair do escuro).

Uma terapeuta especializada em reiki vem me ver, recomendada por uma amiga. Deito-me na cama, e a terapeuta passa as mãos sobre meu corpo. É agradável e relaxante, até que surge a metáfora.

- Imagino que, quando está na luz, você se sint... exposta?
- começa a terapeuta.
- Exposta?

— Aberta ao olhar dos outros, muitos olhos sobre você.

— O que sinto é que é melhor sair da luz antes que tenha uma reação dolorosa na pele — retruco. — O que, pela minha experiência, é um comportamento bastante racional.

Mais trabalho nos meus chacras. Entro num estado meditativo e sonhador.

— E o seu companheiro? — Indaga a terapeuta. — Imagino que ele precise lhe dar muita atenção.

— Ele dá.

— E como ele se sente?

— Ele é ótimo. Eu acho ele incrível.

— Fico imaginando se, talvez, em algum lugar da sua mente, você tem a impressão de que “esse relacionamento só dá certo se eu estiver doente”.

— Acho que não — respondo, cansada. — Era bem melhor quando eu não estava mal.

A sessão de reiki continua, e volto a relaxar.

— Bom, sempre tem alguma vantagem, não é? — comenta a terapeuta. — Mesmo quando é muito difícil de enxergá-la.

— Uma vantagem?

— Vantagem em ter uma doença. A razão profunda pela qual continuamos com ela.

Fico com vontade de saltar da cama e pôr em prática meu treinamento do SAS com um murro na cara da mulher.

Em tais pessoas, diagnostico uma patologia de hipersignificação, uma necessidade obsessiva de encontrar sentido e padrão nas vidas humanas. Os afetados por este distúrbio são psicologicamente incapazes de aceitar que estamos mergulhados na realidade física, sujeitos a ser dominados pela herança de alguma suscetibilidade genética, pela exposição involuntária a fatores de risco do ambiente, pelas bizarras concatenações do acaso. Escrevemos o livro de nossas vidas apenas em parte — outras forças tomam a caneta

periodicamente e criam digressões e desvios estranhos, mudanças forçadas de ritmo, de enredo ou de personagens.

Mas mesmo enquanto elas estão no comando conservamos algum controle sobre a qualidade da prosa. No fim das contas, temos apenas uma escolha: tolerar ou não, procurar ou rejeitar aquela qualidade que tanto os religiosos quanto os laicos chamam, igualmente, de graça.

Paralelos

Eu gostaria de conhecer outras vidas como a minha. Mas não consigo encontrar quase nada por escrito. Mesmo quando alguém procura na internet para mim, encontra apenas alguns vestígios: um artigo numa revista de nutrição, um capítulo num livro sueco, uma rápida menção a uma mulher com porfiria que ouvia audiolivros o dia inteiro — sempre descrições externas, nunca internas.

Assim, fiz uma compilação de paralelos, todos destilados das horas de escuta incessante, incontinente, do desfile aleatório de suspenses, mistérios, romances, memórias e obras de história que vão tocando a escuridão ao meu lado e que se tornaram minha janela (meio turva, suja e deturpadora) para o mundo.

O que mais procuro são casos de seres humanos *in extremis*: quero saber como se sentiam, o que faziam, como suportavam. Coleciono confinamentos, privações, degradações *duradouras*. Anseio por casos que descrevam como é suportar o insuportável, dia após dia, a vida que continua a adejar em situações que, vistas de fora, suscitam apenas o horror e a expectativa de abandoná-la pelo suicídio ou pelo desespero.

Minha coleção me fascina. É um conjunto de seixos polidos guardados num saquinho de veludo em minha mente. De tempos em tempos, tiro-os para examiná-los, virá-los e revirá-los, para sentir seus respectivos pesos e texturas, experimentar ordens e desenhos. Uso-os para pensar, para mapear os contornos da minha situação, para criar padrões de comparação. Cada um tem elementos em comum com meu estado, embora não sejam iguais.

Há quatro paralelos ao todo:

1. *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, um livro cheio de confinamentos estranhos, terríveis. O rei Luís XI mantém na prisão um homem que outrora foi o bispo de Verdun. Ele está encarcerado há anos num local da Bastilha e suplica a todos os que por ali passam que intercedam por ele. O rei nunca o libertará.

Na Grève, uma torre de pedra da Tour Roland, há uma penitente que se enclausurou há muitos anos. Uma pequena abertura gradeada que dá para a rua é sua única ligação com o mundo exterior, pela qual às vezes as pessoas lhe entregam água e comida. Ela passa a maior parte do tempo sentada na palha da cela, chorando a perda do filho. Está lá há dezesseis anos.

Sob a fortaleza da Tournelle ficam os calabouços, e sob os calabouços fica a cela mais profunda e escura de todas. A única entrada é por um alçapão. Não há luz nem calor, e as paredes e o chão secretam uma substância úmida e fria. Quando um prisioneiro fica confinado ali, é o fim. É a *oubliette*, para onde as pessoas são encaminhadas para ser *oubliées* — esquecidas.

2. *O inocente*, de John Grisham, narra um erro judiciário numa pequena cidade dos Estados Unidos. É uma história verídica. O livro descreve as instalações dos prisioneiros no Corredor da Morte, na prisão estadual de Oklahoma, em McAlester. Quando foram inauguradas, em 1991, eram tidas como as mais modernas, seguras e tecnológicas do gênero. A construção era totalmente subterrânea, e os prisioneiros nunca viam luz natural. As celas e peças de mobília eram feitas de concreto, e nunca eram rebocadas ou pintadas, de forma que os prisioneiros estavam sempre respirando pó de concreto. O sistema de ventilação “fechada”, que não

permitia a entrada de ar, sofria avarias com frequência. Ninguém se incomodava com a saúde dos presos — ora, não vão morrer de qualquer forma? Mas muitos viviam anos e anos no Corredor da Morte, enquanto os recursos de seus casos seguiam lentamente os trâmites da justiça.

3. *The Secret Hunters* [Os caçadores secretos], de Ranulph Fiennes, romance baseado em documentos supostamente encontrados numa cabana na Antártica e que revelam planos de ex-nazistas para fundar um novo Reich, financiados por um veio de ouro secreto da região. No entanto, eles são perseguidos por um sobrevivente que escapou do Holocausto quando menino.

O livro traz uma descrição de Auschwitz.

Nenhum dos fatos é novidade para mim. Desde pequena, ouvi e aprendi sobre eles. Li livros, assisti a documentários, vi *A lista de Schindler*.

Mas nada me preparou para isso. Talvez seja o escuro, a narrativa em primeira pessoa ou meu próprio estado mental, mas sinto-me totalmente subjugada. O que mais me afeta é a humilhação sistemática antes da execução, a desumanização consciente e deliberada. Meu coração dispara, a respiração vem em haustos irregulares, enchendo e esvaziando apenas a décima parte dos pulmões. Sinto como se o tronco estivesse revestido de ferro, se comprimindo cada vez mais ao meu redor, como se alguém apertasse um torniquete. Sei que deveria desligar o gravador, me desprender, relaxar, mas é como se a fita passasse por mim fisicamente, penetrando meu crânio pelo ouvido esquerdo, cortando o cérebro. Não consigo escapar. Ouço sem interrupção por horas.

4. *O escafandro e a borboleta*, de Jean-Dominique Bauby. Aos quarenta e poucos anos, um jornalista, editor da revista *Elle* de Paris, sofreu um grave derrame. Ao recuperar a consciência, ele descobre que ficou totalmente paralisado. Tem a chamada síndrome do encarceramento: não consegue mover parte alguma do corpo — tudo tem de ser feito por terceiros, mas continua com a mente lúcida e alerta.

Bauby percebe que consegue mexer ligeiramente uma das pálpebras e que, se piscar no momento em que outra pessoa fala a letra certa ao recitar todo o alfabeto, pode contar com o auxílio de um escrevente para formular pedidos, ditar notas e, por fim, o texto do livro.

Fico impressionada com Jean-Dominique Bauby. Penso muito nele. Pergunto-me se, para poder aproveitar como ele o prazer dos crepúsculos, as saídas do hospital até a praia, os desenhos e cartões de seus filhos e amigos que decoram o quarto, a companhia da TV, eu trocaria os movimentos do corpo pelos benefícios da luz.

Os prazeres de um corpo privado de luz não são deslumbrantes, mas, mesmo assim, não são insignificantes. Posso ir ao banheiro quando quiser. Posso comer o que escolher e, dentro dos limites do que está à minha disposição, posso ter a comida que preferir. Posso saborear o alimento. Posso flexionar os membros, dentro dos confins de minha caixa escura. Posso conversar à vontade com as visitas, perdendo apenas as nuances dos gestos e das expressões faciais.

Bauby e eu temos em comum a grande vontade de receber visitas, as longas horas que temos de passar sozinhos.

Será que Bauby trocaria de lugar comigo, ou eu com ele? Talvez seja bom que a vida não nos ofereça tais escolhas. Passaríamos horas de desespero, a caneta hesitando no

questionário, sem conseguir decidir em qual quadradinho marcar a resposta.

A pior parte do livro, para mim, é o posfácio — é quando descubro que Jean-Dominique Bauby não existe mais. Morreu em 1997, dois anos e alguns meses após o derrame.

Fico muito abalada. Sinto profundamente a morte dele, em nome de todos os que levam vidas impossíveis. É um fim redondo demais, uma saída fácil demais para os que leem sua história, oferecendo um desfecho conveniente quando, na verdade, para muitos não há desfecho algum — apenas a continuação, um ano após o outro, com os anos se confundindo uns com os outros, amontoando-se, misturando-se irremediavelmente na lembrança, já que os eventos memoráveis são muito escassos, espaçados a larga distância nas cordas cinzentas do tempo.

Sonho 4

Estou no quarto de meu antigo apartamento em Londres. É um ambiente muito agradável voltado para o sul, com duas janelas grandes que dão para a rua calma abaixo e o céu suburbano acima. No sonho, como na lembrança, o lugar é quente e aconchegante. Os raios de sol traçam desenhos no carpete de fibras marrons e as partículas de poeira dançam em nuvens iridescentes.

Estou sentada na cama, com lençóis brancos bem passados, e, de repente, já é noite: as cortinas estão fechadas, e o quarto ficou frio. Pete está aqui, com a cabeça voltada para o lado, de modo que o vejo apenas de perfil. Há mais alguém no quarto, uma mulher de saia curta e botas até o joelho, com cabelos castanhos lisos e compridos e uma franja. (As botas me parecem inadequadas, pois ela tem pernas incrivelmente finas.) A mulher vagueia pelo quarto, olhando as minhas coisas, abrindo gavetas, comentando sobre as fotos, tirando livros das prateleiras.

Pete, ainda sem olhar para mim, diz que está me deixando. Que lamenta muito, mas sabe que vou entender.

Sinto como se estivessem arrancando meu coração, pulmões, fígado e intestino. Sou tomada pelo vazio e pela agonia. Não respondo. A verdade é que não consigo dizer nada, apenas fito o perfil anguloso de Pete e sua bela boca enquanto ele profere palavras sensatas e razoáveis. Não tenho contra-argumentos, nem há o que discutir. Estou em choque, mas não surpresa. “Bem, enfim aconteceu”, penso comigo mesma. “O que vou fazer agora?”

E então acordo na escuridão, acreditando no sonho, e permaneço deitada na cama, rígida e ofegante, mas com a mente já começando a trabalhar, a ruminar os resquícios do meu mundo.

Não sei quanto tempo permaneço ali, me condoendo e fazendo planos. Por fim, algumas coisas miúdas começam a se esgueirar por minha consciência, trazendo as alfinetadas da dúvida. Ouço o aquecimento central, com as batidas e os rangidos característicos. Ouço a porta do banheiro se abrir e fechar, o clique de um interruptor.

“Eu estava mesmo em Londres?”, pergunto-me, ainda meio imersa no sonho. “Na luz, no meu antigo apartamento? Mas é impossível... vendi aquele apartamento há muito tempo. E, se eu não estava lá, será que aquilo aconteceu mesmo?”

E lembro que, anos atrás, alguns meses antes de fazer as provas de admissão para a universidade, tive um pesadelo realista muito parecido. Sonhei, com grande detalhe e vividez, que recebia os resultados e que tinha tirado três Ds, o que me impedia de fazer o curso que pretendia e de conseguir uma vaga na universidade. Acordei morrendo de vergonha e muito decepcionada, e fiquei na cama por pelo menos uma hora, tentando descobrir o que eu poderia fazer. Pesei os prós e os contras de prestar novos exames, ponderei se deveria desistir da carreira acadêmica e ir para a escola de música. Tentei me lembrar dos exames em si, em busca de uma pista sobre o que dera errado... e descobri que não me lembrava de tê-los prestado.

Então olhei pela janela, para a garoa mansa de primavera caindo nas folhinhas das árvores, e meu coração deu um salto quando percebi que o futuro ainda era uma página em branco a ser escrita. Mesmo assim, fiquei grata pelo sonho. Ele me oferecia uma chance de praticar as emoções, de saber antecipadamente como eu me sentiria caso o pior acontecesse.

Pensamentos estranhos

Na lagoa de minha mente, nadam pensamentos estranhos. Eles cintilam no canto do meu terceiro olho e surgem apenas em vislumbres, mas são distintos o suficiente para serem identificados.

Três espécies diferentes ocupam essas profundezas lodosas. Há o peixe cinza-claro de escamas sombreadas cujo nome, descubro, é *invejando os mortos*. Toda vez que ouço a notícia de uma morte, não importa de quem — um parente, um conhecido, um político ou uma celebridade esquecida —, sinto um movimento súbito por dentro, a contorção e a imersão na inveja. Pois os mortos já chegaram ao fim, chegaram ao ponto onde deixam a longa reta da estrada. A história deles está concluída, as últimas palavras já foram escritas, e o futuro não pode mais despertar terror. Estão encerrados entre os dois extremos do tempo, embalados em seus contornos acolchoados, guardados como coisas preciosas. Enquanto eu ainda avanço aos trancos até a beira do caos, rumo a sabem-se lá quais fronteiras ermas e desconhecidas.

A segunda espécie é de cor pálida, e vagueia pela água como um reflexo da lua. Seu nome é *achar que sou um fantasma*, e alimenta-se de longos períodos solitários.

Passo horas sem enxergar a mão que aceno diante do rosto, sem ver meus braços, joelhos e pés. Da minha caixa, não exerço qualquer impacto no mundo, que segue seu curso como se eu não existisse. As pessoas passam pela casa silenciosa e toda fechada decerto concluindo, se é que chegam a pensar nisso, que está vazia. E o que mora lá dentro? Uma coisa que espreita,

se esgueira e lamuria, de vez em quando indo de cômodo em cômodo, que foge aterrorizada ao notar a porta da frente se abrindo, acolhedora, que corre do alegre tremeluzir das luzes.

Não é de se admirar que eu tenha delírios de inexistência.

E, por fim, há o pensamento que fica à espreita no fundo da lagoa, onde a lama e os refugos se assentam em camadas e a água é turva e viscosa. É um peixe enorme, preto, forte e robusto, com espinhas no dorso e fileiras de dentes afiados como navalhas. Pode ficar escondido por dias, imóvel em alguma cova lodosa, sem dar qualquer sinal de sua pele verrugenta e sarapintada. Mas ele sempre reaparece, flutuando pelas camadas inferiores da minha alma. Seu nome, claro, é *suicídio*.

Os meios para um fim

Durante a maior parte do tempo, não quero morrer. Mas gostaria de ter ao meu alcance os meios para chegar à morte. Quero sentir que possuo o luxo da escolha, saber que a resposta a “Como suportar essa situação?” nem sempre precisa ser “Aguentando”.

Aflijo-me com os meios e as maneiras. Recuo à ideia de dor e violência, de confusão, da possibilidade de uma coisa malfeita. Preocupo-me com quem vai me encontrar, e julgo que uma forma imóvel na cama seria menos horrível de ver do que uma banheira cheia de sangue. Fico nervosa ao pensar no período que se segue ao gesto irrevogável, mas que antecede a inconsciência — nesse intervalo, não é impossível mudar de opinião. Quantos suicidas morrem em angústia, pois só reconhecem seus verdadeiros desejos depois de terem dado um passo drástico e irreversível? Não há segundas chances no túmulo.

Gostaria de ter um estoque de comprimidos. Eu os guardaria no fundo de um armário: seriam minha apólice de seguro, e sua mera presença me acalmaria. Mas como consegui-los? Posso ligar para meu médico e dizer que estou com problemas para dormir, mas duvido que o subterfúgio se sustentaria: ele sabe da minha situação e logo desconfiaria.

Também posso contar com o mundo desregrado da internet, onde, segundo informam vozes preocupadas na Radio 4, há vários sites que oferecem orientações detalhadas, salas de bate-papo que facilitam o contato com outras pessoas que buscam a mesma saída e farmácias on-line que fornecem a dose necessária.

Tem um computador perto da minha toca. Na verdade, fica no quarto ao lado. Mas, para mim, é um portal vedado e silencioso — as telas me queimam mais depressa e causam um ardor mais horrível do que praticamente qualquer outra coisa. Preciso de um intermediário para navegar pela via expressa, mas intermediários, infelizmente, não são autômatos: sentem e pensam por conta própria. Mesmo que eu encontrasse alguém indiferente o bastante para me ajudar, é pouco provável que essa pessoa fosse indiferente às consequências legais.

Por isso, minha ideia de um estoque de comprimidos é um projeto inviável. Dessa forma, preciso criar uma apólice de seguros usando materiais ao meu alcance. Na gaveta da cozinha, há facas e um amolador. Meu plano de ação seria pegar a mais comprida, afiá-la com esmero e, então, como os antigos romanos, tombar sobre minha própria espada.

É incrível como me sinto muito melhor depois de pensar em tudo isso.

* * *

GOSTARIA DE CONVERSAR sobre suicídio, mas é difícil, muito difícil: é o tabu supremo, ainda mais do que a própria morte. Toca nas partes mais secretas e sensíveis das pessoas, lançando questões sobre o valor da vida, sobre o que pode ser deixado até que não valha mais a pena viver, sobre ações que poderiam ter sido executadas ou evitadas para tornar meus dias mais suportáveis, sobre como agiriam ou se sentiriam se estivessem em meu lugar.

É por isso que, em geral, tento não mencionar o assunto. Mas às vezes sinto que se não falar, vou explodir de desespero. A pressão dentro de mim vai aumentando até que haja apenas uma

vazão possível: falar “Acho que vou me matar” para algum ouvinte.

As pessoas reagem de maneiras muito diferentes. Sempre se segue um instante de choque e silêncio, que é como sei que disse o indizível, rompi alguma regra tácita, tirei as calças em praça pública.

Um dia, quando solto essa declaração numa conversa telefônica com minha amiga Ellen, ela responde:

— Você não acha que Pete ficaria muito chateado se você fizesse isso?

— Talvez a curto prazo — respondo —, mas, a longo prazo, seria bom para ele. Ficaria livre.

— Ah, tenho certeza de que ele não pensa assim.

Mas eu não tenho tanta certeza. E logo mudo de assunto, pois sinto que essa não é uma resposta adequada. Para construir um argumento a favor de continuar a viver, preciso de algo mais sólido e firme do que os sentimentos temporários de um amante.

Quando faço a declaração ao meu irmão, a reação é simples e direta:

— Não faça isso. Nós ficaríamos arrasados.

Essa resposta me leva às lágrimas. Mas, quando conto à minha mãe, ela responde:

— Bem, eu preferiria que você não fizesse isso, mas, no fundo, a escolha é sua.

Fico chocada. É como se levasse um soco. Com certeza não é o que se espera que as mães digam — espera-se que elas chorem, supliquem, digam o quanto sentirão a nossa falta.

Mas há uma história aqui, uma saga trágica e complicada. Quando eu era pequena, a mãe da minha mãe desenvolveu uma doença do neurônio motor. É uma condição que ri na cara dos asilos e daqueles que defendem cuidados paliativos para doentes terminais: a vítima perde gradualmente o movimento de todos os músculos e permanece num impasse prolongado — não

morre, mas não consegue engolir, excretar ou se comunicar. Hoje em dia, há pouco a ser feito para aliviar esse horror, e havia menos ainda no começo dos anos 1970.

Minha avó, na época com 58 anos, suplicava à minha mãe que desse fim à sua vida, e o fez até perder a capacidade de formar palavras. Minha mãe conta que se sentiu tentada, mas que pensou em mim: não queria que eu crescesse com a mãe na cadeia. Minha avó acabou sendo internada, e a equipe do hospital a deixou num leito perto de uma janela aberta. Como esperavam, ela pegou pneumonia e enfim morreu, sufocando aos poucos.

A experiência converteu minha mãe numa grande defensora da eutanásia voluntária. Ela ingressou na Voluntary Euthanasia Society [Sociedade em favor da eutanásia voluntária], que mais tarde passou a se chamar Dignity in Dying [Dignidade ao morrer]. Ela às vezes expunha o acontecido em meios de comunicação, e também formulou uma diretriz antecipada para si mesma, especificando as circunstâncias em que não gostaria que prosseguissem com os tratamentos médicos. Seu argumento central era o caráter sagrado do direito de escolha: diante do mesmo conjunto de circunstâncias terminais, cada indivíduo fará uma escolha diferente; alguns podem querer prosseguir até o último suspiro, outros podem desejar uma saída mais rápida. Além disso, o que a pessoa crê que vai querer em determinada situação pode mudar quando ela estiver de fato vivendo aquilo. O indivíduo que passou anos falando sobre como preferiria resolver as coisas depressa caso chegasse a certo grau de decrepitude, aproveitando-se de uma garrafa de uísque e um frasco de comprimidos, pode acabar morrendo devagar e por vias naturais após descobrir que dá valor a cada segundo de consciência, mesmo que apenas para fitar as luzes cintilantes de um teto de hospital. Em contrapartida, uma pessoa convicta de que jamais desejaria pôr fim à própria vida pode mudar de ideia depois de os

intestinos apodrecerem e o esfíncter parar de funcionar. O cerne da questão é que ninguém de fora pode julgar a situação.

Então eu não deveria ficar chocada ao ouvir minha mãe expressar um princípio que ela sustenta com tanta convicção. Ou talvez ela apenas ache que é um blefe, suspeite que minha intenção não é séria nem foi consolidada e que essa reação é a melhor maneira de me tirar dessa.

Mas a pessoa que tem de ouvir a declaração com mais frequência é, obviamente, Pete, embora eu me contenha ao máximo. Ele não tem uma visão muito clara sobre suicídio.

— É contra as regras — declara ele, ríspido — e devia ser proibido. É extremamente injusto com quem fica para trás.

E se continuo a insistir, ele pede:

— Não faça isso, querida, vou sentir sua falta.

Então, um dia, vejo-me do outro lado da conversa. Eu é que tenho de responder à declaração. Estou conversando com um de meus amigos de telefone, um sujeito com uma doença crônica, sem teto e passando por um período bastante difícil que diz:

— Não sei se consigo continuar. Estou pensando seriamente em suicídio.

Não hesito.

— Sei o que você quer dizer. Também penso nisso. Mas, sério, você não deveria fazer isso. Você deixaria todo mundo na mão.

Escuto, surpresa, o caráter tonificante de meu próprio conselho — mas descubro o que de fato sinto: existe um dever de solidariedade entre nós, os impossíveis e quase invisíveis. O dever, por pura obstinação, de não desaparecer de vez, só para apaziguar a consciência dos demais.

Então me vejo contando a esse amigo que, anos atrás, na minha vida anterior, fui a Bristol visitar uma moça que eu conhecia da universidade e que fora para lá estudar medicina. Ela me levou para ver a famosa ponte de Clifton, uma proeza

vertiginosa da engenharia vitoriana que transpõe o profundo desfiladeiro do rio Avon. Quando nos aproximávamos, ela indicou a lateral da ponte e comentou, com um fascínio mórbido: “É dali que as pessoas pulam.”

Meu estômago se revirou quando olhei lá para baixo e vi um trecho sem vegetação em meio à grama viçosa da ribanceira: devia ser uma queda de algumas dezenas de metros. Ela continuou:

— Você sabia que o índice de suicídios nas áreas de Bristol com rotas de ônibus diretas até a ponte é muito maior do que nos lugares onde é preciso fazer baldeação?

— Nossa — respondi, achando aquilo muito divertido, cheia do jubiloso desdém da juventude. — Então não devem estar tão a fim de se matar, se desistem só porque precisam trocar de ônibus.

Mas este é, claramente, o ponto central da questão. É um impulso que, se a pessoa tem uma oportunidade para refletir, pode não se sustentar. Outras estatísticas confirmam essa perspectiva. Por exemplo: houve queda no índice de mortes por overdose de paracetamol quando os comprimidos deixaram de vir soltos, em frascos grandes, e passaram a vir em cartelas, tendo de ser tirados da embalagem um a um.

Não é normal que as estatísticas salvem vidas, mas estas parecem reconfortantes ao meu amigo e a mim.

Jogos para o escuro 5: Escriba

Este é para jogar a sós, quando os audiolivros perdem a graça, quando não se espera nenhuma visita, quando o tédio devora o cérebro.

Você vai precisar de um caderno grande e de um lápis. O caderno é para que as páginas fiquem em ordem e não se misturem. O lápis é porque a tinta de uma caneta pode acabar, e, no escuro, não dá para perceber.

Pegue o lápis e abra o caderno.

Apoie o polegar da mão que não usa para escrever na página a ser usada, logo abaixo do começo da primeira linha.

O polegar funciona como um marcador, para determinar o espaço entre uma linha e outra.

Escreva.

Escrever o quê?

Escreva sobre o que você conhece. Não é isso o que dizem?

Você conhece a escuridão.

E, quando você começa a formar palavras na página, a escuridão ao redor se *movimenta*. Ela começa a se juntar, a fazer um círculo, a formar um vórtice ao redor da ponta do lápis, e então escorre pelo centro negro do lápis.

É impossível parar. Vai cada vez mais rápido, afunilando-se por aquela fina vareta condutora, irrompendo na página, manchando a pureza com palavras errantes e doloridas.

E, na mente, acende-se uma luz.

O futuro impensável

Não há mais uma estrada entre meus sonhos e eu. Meus sonhos não desapareceram — flutuam em algum lugar lá no alto, ao longe, numa cálida bolha brilhante desprendida da terra. Alcançá-los aqui e agora é inconcebível: não há um caminho que leve até lá.

Se me atrevo a olhar para o futuro, minha própria mente me censura, descendo uma grossa cortina preta diante da trilha da primeira sugestão de pensamento. Minha mente é boa, ganhou prática nas formas de autoproteção. Sabe que permitir a contemplação do futuro é o caminho mais rápido para a deterioração e o desespero. O que pode estar escondido atrás daquela cortina? Apenas três coisas: melhorar, piorar ou continuar assim. E a certeza de duas entre essas três seria insuportável. Na verdade, essas possibilidades só são toleráveis graças à ignorância.

É uma bênção viver no limite extremo do tempo, tendo oculto tudo o que virá pela frente. Feche os ouvidos a videntes, ciganas e anjos; afaste quem pretenda erguer esse véu. Orfeu, resgatando a amada dos braços de Hades, olhou para trás enquanto galgava a subida, e foi o fim. Passo os dias andando para trás. Para mim, fatal seria me arriscar a olhar para a frente.

1. A brincadeira se perde na tradução. Em inglês, os nomes da cidade soam como “Riacho da coceira”, “Tirolândia”, “Canal do Açoite”, “Terra do Cassetete” e “Beco da pancadaria”. (N. da E.)

PARTE DOIS

Remissão

Os primeiros sinais são infinitesimais, quase imperceptíveis.

Deixo o quarto numa das minhas habituais saídas rápidas. Desço a escada com cuidado, vou abrindo caminho na penumbra da sala, chego à cozinha e me movo depressa para lavar uma maçã e preparar uma xícara de chá verde. Volto à sala, sento-me à mesa como de costume, dou uma mordida na polpa fresca e firme da fruta, deixo o vapor do chá aquecer meu nariz. Passo os olhos pelas formas no cômodo sombreado — algumas flores claras num vaso, as lombadas dos livros numa prateleira formando um enorme código de barras na vertical. Mastigo a maçã, beberico o chá e meus pensamentos vagueiam.

E bem, bem devagar, percebo que algo que devia estar acontecendo... não está. Os protestos agourentos da minha pele, pelos quais me condicionei a esperar desde aqueles primeiros dias de perplexidade diante do computador, tantos meses atrás... não vêm.

Quase não consigo acreditar. Quase não me permito acreditar. Levanto-me devagar. Preciso apoiar a mão na parede para me equilibrar, minha cabeça gira. O que devo fazer? Qual a melhor maneira de usar esse momento de graça incrível e extraordinário? Por fim, decido fazer exercícios. Tiro alguns móveis do lugar e, com a pele calma e as saias farfalhantes, percorro a sala de uma ponta a outra, como se ela fosse a longa galeria de uma mansão campestre elisabetana e eu, uma dama esticando as pernas numa tarde inclemente.

Depois de algum tempo, começam as coceiras e formigamentos habituais, então me retiro.

De volta à escuridão, tento esquecer o que aconteceu. Parece extremamente perigoso deixar que aquilo se demore em minha mente — uma faísca próxima demais de enormes recipientes silenciosos contendo a mais inflamável das substâncias: a esperança silenciosa.

Porém, no dia seguinte, a mesma coisa acontece. Consigo ir da escuridão total para a penumbra do térreo e ficar um pouco por ali. Há um intervalo de silêncio durante o qual a minha pele permanece quieta, antes que o murmúrio agourento recomece, e eu mais uma vez precise ser prudente e me retirar.

Esse é o primeiro sinal.

Passam-se dias.

O segundo vem quando estou na penumbra do térreo e descubro que posso puxar a ponta de uma das compridas cortinas de veludo e deixar entrar uma frágil réstia de luz do dia.

Se me sento num ponto nem muito perto, nem muito longe da janela e seguro uma revista diante do rosto, virando o corpo num ângulo em que a luz incida diretamente na página que estou examinando, as palavras se tornam legíveis. Fico com torcicolo e dor na coluna, mas a cócega do texto no meu nervo ótico é um prazer sensorial, uma carícia há muito esquecida.

Sento-me e leio a revista.

Passam-se dias.

Fico um pouco mais no térreo. Abro um pouco mais a cortina.

Então vem o terceiro sinal. É fantástico.

Uma noite, após escurecer, ponho botas, chapéu e casaco e abro a porta dos fundos. Saio para as lajotas de pedra no pequeno espaço cercado do quintal. À minha direita fica a parede da cozinha da casa ao lado, à esquerda, a da minha casa e, atrás, a parede dos fundos da garagem, com a porta pintada de branco.

Acima de mim, há um retângulo nublado do céu de outono, e, à minha frente, uma trilha entre os arbustos, me chamando.

O cheiro do mundo me envolve. Puxo sorvos enormes e barulhentos do succulento ar noturno, como se voltasse à tona depois de achar que tinha me afogado. Sigo pela trilha com um leve tremor nas pernas, desacostumada a percorrer uma extensão tão longa depois de tanto tempo presa. Contorno várias vezes o jardim, aproveitando o raro balançar das pernas, a rotação dos pés, o ar batendo na pele do rosto.

Eu me alegraria em passar a noite toda andando em círculos, mas uma luz da rua espreita do outro lado da cerca dos fundos, e preciso dosar meu prazer com muito cuidado. Depois de algumas voltas, entro de novo em casa. Passo o dia seguinte ansiando pelo anoitecer, quando poderei tentar outra vez

Chuva

Alguns dias depois, volto ao jardim para o passeio noturno e vejo que está chovendo.

Da cabeça aos pés, sou percorrida por uma emoção indescritível. Fico parada na beira do caminho, e meus sentidos esfomeados se abrem a essa alegria deliciosa e quase esquecida. Atrás de mim, a chuva cai feito cascata pela calha mal vedada, batendo com estrondo no telhado plano da estufa. Desce gorgolejando pelos tubos até os drenos. Deixo-me cobrir por ela. Deixo-me encharcar. Como uma plantinha nova, deixo-me ser regada. É como se eu estivesse ganhando um beijo do mundo, recebendo as boas-vindas pelo retorno à vida.

Do outro lado do pequeno vale atrás da nossa cerca dos fundos, árvores altas se alinham como um coral em fila. Eu as observo agitarem os braços graciosamente ao compasso do vento. No jardim, galhos irregulares da cerejeira de folhagem escura, um espécime retorcido e desgrehado, como uma cabeçorra despenteada, se inclinam animados em ângulos esdrúxulos. A espiral plumosa do cipreste, no canto, separa-se e volta a se unir, manchando o céu nublado, tingido pelas luzes da rua.

O chapéu pesa na cabeça, o cabelo por baixo está encharcado. A chuva encontrou uma via de passagem pela minha nuca e se insinua pelas costas, descendo pelas vértebras em fios frescos e furtivos. Pingos salpicam as lentes dos meus óculos e fazem cócegas na pele do rosto: viro o rosto para cima, querendo mais. Sem querer, entra chuva pelo meu nariz e me engasgo. Só que a água, embora inesperada, passa doce e

suave pelos canais respiratórios, muito diferente das lembranças que tenho da água entrando pelo nariz no mar e em piscinas.

Começo a dar a volta pela trilha. Uma camada de água se esparrama embaixo de minhas botas. A barra da saia longa de seda vai se molhando cada vez mais, enrolando-se nas minhas canelas, prendendo-se sob os pés, repuxando mais e mais o elástico da cintura e fazendo a saia deslizar para os meus quadris. Levanto a parte de trás da cintura, mas as pregas de seda estão tão ensopadas que logo a saia recomeça a descida. Lembro-me das heroínas dos romances do século XIX e penso em como devia ser inconveniente andar pelo campo de saias compridas.

Por fim, a irritação começa a estragar a intensidade da experiência e volto para casa.

— Tive uma conversa com a chuva — digo a Pete, muito animada e quase sem fôlego, de pé na cozinha e pingando como um cachorro saído de um lago.

— É, querida, dá para ver — responde ele, enquanto poças se formam no piso de linóleo. — Eu, particularmente, prefiro ficar dentro de casa.

Ele nunca foi muito romântico em relação à chuva.

No começo do namoro, quando ainda estávamos nos conhecendo, fomos passar uns dias em Exmoor e choveu a maior parte do tempo — um aguaceiro pesado e constante que nos encharcou com a eficiência de um chuveiro. Quando não chovia, o céu ficava num tom de cinza lúgubre. Eu insistia em sair para passear pela grama lamacenta, seguindo o princípio de que estávamos no campo e deveríamos aproveitar ao máximo. Pete mantinha-se lacônico e sorumbático, enfiado em sua jaqueta impermeável. Quando nos refugiávamos em pubs e casas de chá, ele não parava de reclamar do clima. Comecei a achar aquilo irritante, uma ameaça ao relacionamento, e, por fim, tivemos uma discussão.

Ele explicou que sua obsessão com o clima se devia, basicamente, às poucas oportunidades fotográficas, e que também reclamaria, embora não tanto, se o azul do céu fosse constante. Os fotógrafos de paisagem querem uma boa luz, uma luz interessante, que resulta de uma mistura entre sol e nuvens — como uma fresta entre as nuvens por volta do anoitecer, lançando um brilho quente nas ondulações de uma colina; ou um feixe de luz ocasional numa árvore solitária, tendo ao fundo um céu de tempestade.

Olhei para ele, do outro lado da mesa do bar, e comentei, numa revelação súbita:

— Acho que você venderia a alma ao Diabo em troca de uma boa luz.

E Pete, um cidadão respeitável e cumpridor das regras, membro de entidades beneficentes, respondeu:

— Hum. Talvez. Eu certamente consideraria a proposta.

Astronomia

Certa noite, saio para passear pelo jardim, ergo o rosto para o céu fresco e sem nuvens e vejo as estrelas.

Em Londres, o céu é cheio de luzes. Janelas, postes, faróis de automóveis, anúncios luminosos e semáforos — todos emitem luminosidade para todos os lados, como fumaça. Os raros espaços escuros são zonas que devem ser atravessadas depressa, com atenção ao som de passos atrás: não dá tempo de prestar atenção ao que há lá no alto.

Aqui, todas as noites saio para ver as estrelas e fico desapontada quando, devido às nuvens, elas faltam ao nosso encontro. Procuro as caudas serpenteantes pelo céu enquanto elas avançam em sua jornada noturna do leste para o oeste, cada vez partindo de um ponto levemente diferente. É como estar dentro de uma imensa esfera oca girada devagarinho e sustentada por uma imensa mão gentil.

Só conheço uma constelação. Reconheço as três estrelas que formam o cinturão de Órion, numa diagonal bem regular, e as quatro estrelas que quase formam um quadrilátero, correspondendo aos membros. Pete é muito mais instruído, já que, quando menino, foi um entusiástico contemplador celeste. Ainda guarda o velho telescópio no compartimento embaixo da escada — um trambolho que consiste num cilindro branco comprido assentado em pernas de madeira extensíveis que vive se enroscando na tábua de passar ou no tubo do aspirador de pó.

Certa noite, ele vem ao jardim comigo e deixa que eu identifique Órion, muito orgulhosa. E então aponta as várias

cores das estrelas irmãs.

— Veja aquela em cima à esquerda: é mais alaranjada do que as outras. É Betelgeuse. É uma gigante vermelha, relativamente velha e fria. E aquela embaixo à direita, em comparação, é...

— Muito mais azul.

— Porque é uma estrela jovem, muito menor e mais quente. Ela se chama Rigel.

— Uau! Dá para ver que as cores são mesmo diferentes, olhando bem. Sabe, acho que estou ficando com torcicolo de astrônomo. Devia ter uns lugares especiais em declive de onde a gente pudesse contemplar o céu noturno.

Pete deixa que eu me apoie nele e me segura pelos ombros, de forma que meu rosto fique voltado para as estrelas.

— O que são aqueles flocos embaixo do cinturão?

— É a nebulosa de Órion, um berçário de estrelas.

— Berçário?

— Uma área onde novas estrelas se formam. Basicamente, nuvens enormes de gás e poeira. E, se acompanhar o cinturão da direita para a esquerda e continuar em linha reta...

— Sim...

— Você chega a Sirius. Fica bem baixa no horizonte, a estrela mais brilhante no céu do hemisfério norte.

— Encontrei! Puxa vida, é muito faiscante.

— É especialmente faiscante.

Nas semanas seguintes, quando o céu está limpo, Pete me ensina a encontrar outras estrelas. Compramos um almanaque com mapas mensais do firmamento e uma lista de eventos astronômicos importantes. Aprendo a localizar Castor e Pólux, as duas estrelas mais brilhantes na constelação de Gêmeos; Touro, com seu terrível olho rubro; Câncer, que só pode ser vista nas noites mais límpidas, quando o triângulo mais apagado forma a cara do caranguejo; e Leão, em seu formato esplêndido, com os

traços das pernas, da juba e da cauda em linhas muito bem definidas.

Fico assombrada. Nunca acreditei em astrologia, mas é com imensa alegria que vejo esses nomes muito familiares saltarem das páginas finais das revistas e ganharem vida no meu próprio trequinho de céu. Isso me causa uma impressão muito forte de conexão — não tanto com as estrelas, mas com os meus antepassados. Sinto-os atrás de mim numa longa linha ininterrupta, serpenteando ao longo dos milênios, passando pelo Iluminismo, pela Idade Média, pelo mundo árabe e pelo mundo clássico, pelas civilizações dos babilônios e dos antigos egípcios. A fila vai até a primeira consciência em evolução que ergueu o rosto para o firmamento, viu esses mesmos estranhos adornos em movimento e quis tentar entendê-los. Estamos incomparavelmente mais bem equipados, mas ainda estamos tentando.

Uma noite, Pete traz o telescópio do compartimento embaixo da escada. Arma o aparelho de pernas compridas e desajeitadas, e o firma na grama apertando as borboletas nos parafusos. Fico agachada numa posição horrível e que massacra as costas, os joelhos afundando de leve na terra úmida e fria, espio pelo tubo que ele posicionou e vejo...

Vejo o planeta Júpiter, cintilando como uma gloriosa laranja cósmica — *e ele não está sozinho*.

Há três discos menores ao redor — três das quatro luas maiores, a quarta fora de vista, no outro extremo do gigante gasoso.

São os satélites de Galileu — enormes, estranhos, um diferente do outro. Calisto e Ganimedes são maiores do que Mercúrio, Io e Europa apenas um pouco menores. Foi o que Galileu viu quando fixou o telescópio em Júpiter, em 1610. Intrigado, fez uma série de observações que mostravam, sem deixar margem para dúvidas, que os discos eram luas e

orbitavam ao redor do planeta. Foi assim que ele refutou um dos postulados básicos do universo aristotélico: que todos os corpos celestes giram ao redor da Terra.

Um tremor percorre meu corpo, indo desde meu pescoço rígido até os joelhos molhados. Por um instante, sinto-me como se fosse Galileu, os primeiros olhos humanos a enxergarem essas manchas de mundos misteriosos.

É uma conjunção estranha e passageira, temperada com melancolia e reverência, uma apreensão da continuidade do assombro humano e da brevidade da vida.

A remissão prossegue 1

Agora que ganhei a liberdade do jardim escuro, o próximo sinal — o quarto — é interior e doméstico. À luz de uma lâmpada pequena no canto da cozinha, que fica ainda mais tênue por estar atrás do micro-ondas, preparo arroz, peixe e vegetais, manejando a faca com cuidado para não cortar o dedo.

Estou fazendo o jantar.

— Fico muito feliz por você estar disposta a fazer isso, querida — diz Pete, animado, ao voltar do trabalho. — Teremos um jantar comestível, para variar.

Pete, embora tenha sido obrigado a cozinhar muito, não passou a gostar da coisa e nem se aprimorou. Ele se senta numa cadeira da cozinha e me observa enquanto ponho a panela de arroz no fogo e coloco o peixe na panela a vapor, jogando tirinhas finas de gengibre e cebolinha picada por cima. Estou fazendo peixe no vapor à chinesa.

— Cozinhar me dá nos nervos — comenta ele. — Arroz, por exemplo. Devia ser impossível cozinhar até secar a água e mesmo assim ele ficar duro, mas fica.

— Não seja bobo — respondo. — Está totalmente de acordo com as leis da física cozinhar até secar e ficar duro ao mesmo tempo. Em todo caso, é só dar uma olhada de vez em quando, para ver como está. Aí não fica duro.

— E essa é exatamente a minha objeção — retruca Pete. — Todos esses ajustes *ad hoc* e ter de ficar julgando como proceder. Cozinhar não é um ato rigoroso.

— Mas você gosta de fazer bolo — comento.

Misturo óleo de gergelim e molho de soja numa panelinha e aqueço em fogo brando.

— Bolo é diferente — retruca Pete. — É só misturar todos os ingredientes seguindo uma receita e enfiar no forno em temperatura x por y minutos. Nada desse improvisado absurdo de ter de ficar de olho. Lembra aquela receita de omelete de Nigel Slater? Dizia: “Deixe cozer até a parte de baixo da omelete começar a ficar dourada.” Como é que eu vou saber de que cor está a parte de baixo? Fica virada para baixo!

— É, mas não ficou ruim — respondo, para encorajá-lo, enquanto tiro o molho do fogo.

— As receitas não têm instruções suficientes — continua ele. — Deviam vir com mais alguns loops de repita-enquanto.

— Loops de quê?!

Pete começa a explicar o que são esses “loops de repita-enquanto”: ordens de programação na linguagem FORTRAN.

— Olha — digo, erguendo a tampa da panela a vapor e cutucando com uma faca —, será que você pode ficar quieto um minutinho? Ou ir pondo a mesa, ou algo assim? Estou tentando exercer minha capacidade de julgamento neste peixe.

* * *

O QUINTO SINAL vem com certo risco. Nem todas as variáveis estão sob meu controle. Um encontro inesperado pode me mandar de volta para a escuridão, ardendo em chamas por vários dias. Mas estou doida para tentar.

Assim, ponho as botas, o chapéu e o casaco e, dessa vez, abro a porta da frente, não a dos fundos, e vou para a área comum do loteamento.

Se alguém me visse, se espantaria com minha trajetória. Primeiro, vou correndo para um dos lados da entrada de carros,

apertando-me contra os arbustos, e, quando chego à calçada, faço uma curva fechada para a direita. Então sigo um caminho tortuoso pelo terreno, costurando a estrada várias vezes, em zigue-zague. Quando um carro se aproxima, salto para trás de algum arbusto disponível ou, se não houver nenhum ao redor, fujo depressa.

A explicação, na verdade, não é nada obscura. Meus vizinhos têm uma luz de segurança por cima da entrada da garagem. É branca, forte e horrível e se acende de repente quando alguém passa na calçada, a menos que vá rebolando de um lado a outro, o mais longe possível. Na rua, serpenteio entre os postes de luz, para não passar por baixo deles. Os faróis dos carros são os piores, em especial esse tipo mais recente, de luz mais azulada. Varam o meu corpo como lanças de aço, perfurando os órgãos, penetrando até os ossos. Então, quando caminho pelo terreno do loteamento à noite, fico alerta ao ronco de algum motor se aproximando. Às vezes, um carro parado, esperando, ou o acender de uma luz de segurança significa que estou acuada e tenho de ficar escondida durante uma eternidade em algum lugar com sombra, em atitude suspeita, antes de poder retomar o caminho de volta para casa.

Nunca andei à noite pelas savanas africanas, mas me pergunto se minhas andanças noturnas guardam alguma semelhança na variedade de possíveis riscos, na constante vigilância contra grandes predadores, na necessidade de um avanço prudente e cauteloso.

O sexto sinal é meio engraçado. Estou sentada em um extremo da nossa sala comprida, no escuro, com Pete numa poltrona entre mim e a televisão, e aproveito a tela refletida num espelho cuidadosamente posicionado para assistir a *O Aprendiz*.

Entrego-me ao programa com absoluto prazer. Estouro de rir, solto palavrões, tomo partido e quase morro de nervoso nas cenas finais na sala da diretoria. Por causa do espelho, conheço

todos os participantes ao contrário, com a esquerda e a direita trocadas, e, assim, quando vejo uma foto no jornal, é sempre esquisito.

O sétimo sinal é pequeno, mas significativo. Troco as ceroulas volumosas por uma legging preta por debaixo das saias de seda. É um manifesto de moda bastante convincente. Nas regiões baixas, sinto-me surpreendentemente normal.

Passam-se dias entre cada pequeno avanço. A maior parte do tempo ainda fico na escuridão, na companhia de vozes elétricas, mas começam a aparecer buraquinhos nessa cobertura, como traças roendo um cobertor. Posso ir para o térreo durante uma hora seguida, depois duas. Aos poucos, em ritmo irregular, os buraquinhos vão aumentando.

Muitas vezes, calculo mal o próximo passo. É como jogar Escadas & Serpentes, mas sem as escadas. Tenho de voltar à primeira casa do tabuleiro e retomar a escalada lenta e trabalhosa com certa frequência. Mas ao menos há mudança, há movimento. A imobilidade ficou para trás.

Houve uma descoberta de algo que pode me ajudar, citada num artigo científico que Pete encontra on-line. Não acaba com os altos e baixos, mas, em todos os estágios, diminui os extremos das reações.

É o betacaroteno, um antioxidante muito poderoso, usado como coadjuvante em várias condições de fotossensibilidade porque atenua parcialmente os danos causados na pele pela luz. Para ter algum efeito, segundo um membro da Sociedade Britânica de Porfíria, precisa ser ingerido em grandes doses. Tomo vinte cápsulas por dia. É cerca de cem vezes a dose diária recomendada, e hesito antes de começar, pois encontro diversas indicações vagas sobre lesões no fígado na internet. Tento obter uma opinião médica clara sobre a adequação do betacaroteno para meu caso e quais precauções ou monitoramentos seriam

aconselháveis, mas ninguém está preparado para dar uma opinião definitiva. No fim, decido que não tenho muito a perder.

Há um efeito colateral: pouco tempo depois de tomá-lo, a pele fica levemente alaranjada. Não me incomoda. Em todo caso, geralmente não há luz suficiente para me ver direito e, quando há... artistas da televisão e esposas e namoradas de jogadores adoram um look laranja, por que eu haveria de protestar? Mas meu alaranjado não passa de uma pálida imitação, uma cor de iogurte de tangerina, enquanto essas outras peles têm cor de fruta madura.

Viagem

Inesperadamente, Pete tem de passar cinco dias fora, a trabalho, no começo do mês seguinte.

— Ah, Pete — choramingo, quando ele me conta —, justamente poucas semanas antes de você ir para Skye de férias.

Ele está com uma viagem fotográfica marcada para a ilha escocesa, organizada por uma empresa especializada. Um micro-ônibus levará o grupo para visitar todas as boas localidades, onde o pessoal pode descer e montar os equipamentos.

— Mas isso não quer dizer que todos vão acabar fotografando a mesma coisa? — pergunto, confusa, na primeira vez em que ele me explica, mas parece que não.

Como sabia da viagem há algum tempo, foi uma trabalhadora combinar com algumas pessoas para ficarem comigo enquanto ele estivesse fora. Agora vou ter de refazer tudo, com prazo mais curto e todos já de planos traçados.

— Você precisa mesmo ir? — pergunto.

— Bem, preciso, sim. Desculpe ser em cima da hora, não posso fazer nada. Às vezes acontece, no trabalho.

— Mas... precisa ser sempre você? Eles não entendem que você tem responsabilidades? Não sei... supondo que você tivesse um filho doente, ou algo assim...

Ele desvia os olhos. Não disse nada no trabalho, claro, ou comentou apenas muito por alto.

— Bom, eu imagino que poderia dizer, mas preferi não me pronunciar. De todo modo, você não está tão mal quanto antes.

E é verdade. Salvo um imprevisto, tendo comida e bolando um jeito de lavar os pratos (a pia da cozinha fica junto a uma janela que dá para o sul, e a persiana serve de barreira apenas parcial), posso me virar sozinha. Não preciso de um cuidador. Preciso é de algo mais abstrato e intangível: uma presença humana, uma companhia ocasional para quando me recolho ao escuro, uma companhia que entenda minha situação e que tenha o cuidado de seguir os protocolos, esperando que eu saia do cômodo e feche a porta antes de ligar as luzes.

Na tarde seguinte, pego o telefone e ligo para minha mãe, sentindo um frio enorme na barriga.

— Mãe, você sabe que combinamos de você ficar aqui comigo quando Pete sair de férias...

— Ah, sei, claro, não se preocupe. Está na agenda. Transferi os meus alunos, está tudo organizado. Vou passar o começo da semana aí. Estou na maior expectativa. E Sam vai passar a noite de quinta e a sexta, e acho que você combinou com a Celeste para o fim de semana, não foi?

— É... vai ser ótimo... é que... infelizmente... bem, Pete acabou de me dizer que, duas semanas antes, vai precisar viajar a trabalho por cinco dias.

— O que... você quer dizer, do dia 6 ao dia 10?

— É.

— Do dia 6 ao dia 10 do mês que vem?

— É.

— Seria melhor se você tivesse me avisado antes. Alguns dos meus alunos estarão prestando exame, e o meu recital é no dia 14. Sam *talvez* possa ir, dependendo da agenda dele. Não tem mais ninguém?

E começa o problema.

Odeio essa situação, de ter de pedir e suplicar. É a coisa que mais me faz sentir um fracasso absoluto. Em certo sentido, eu devia ter sido mais simpática e carismática na vida que levava

antes para que agora as pessoas estivessem mais dispostas a cruzar meio país para vir me pajear. Devia ter pensado nisso, ter me relacionado com mais pessoas, sem desperdiçar o tempo com amizades íntimas que não resistiriam a esse obstáculo.

— Como foi com a sua mãe? — pergunta Pete, quando chega do trabalho.

Dou de ombros, desanimada, e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Acho que prefiro me virar sozinha — respondo. — Tenho certeza de que consigo. Só queria que suas férias não viessem tão em seguida.

— Você sabe que preciso dessas férias — comenta Pete. — Se eu não as tirasse, acabaria batendo em você.

Claro que ele não bateria em mim, mas entendo o que quer dizer.

Pete não é muito emotivo. É raro ele demonstrar raiva ou frustração comigo ou com a nossa situação, é mais provável que se irrite quando a mesa está grudenta ou quando deixo jornais, livros e pacotes do correio espalhados pela sala. Mas precisa dar vazão a isso de alguma forma. Ele precisa espairar e fazer coisas, e eu tenho que deixar.

As viagens dele também são miniférias para mim — ter pessoas diferentes em casa significa que posso consultar gostos diferentes quanto à comida; usar alho e especiarias, coisas de que Pete não gosta; jantar mais tarde; às vezes até *deixar de lavar a louça*, o que Pete é constitutivamente incapaz de fazer; ver outros programas na TV; tocar duetos ao piano e jogar baralho.

No fim das contas, Sam vem passar uns dias antes da data originalmente programada. Marco uma aula de técnica de Alexander para uma das manhãs, com minha adorável professora a domicílio. Dois amigos de telefone combinam de me ligar. Em caso de emergência, tenho o número do vizinho

habilidoso (certa vez, uma das minhas visitas arrancou da parede o trilho inteiro da cortina ao puxar o tecido com cuidado exagerado).

Pete me liga todos os dias, às vezes mais do que uma vez.

— Você consegue ouvir? — pergunta, certa noite. — Estou junto ao mar.

Um som rítmico vem pelo aparelho, líquido e rascante, como a respiração pesada de um gigante.

Sinto-me transportada.

A remissão prossegue 2

Meu próximo passo (o oitavo sinal) transpõe uma fronteira: arrisco-me no lusco-fusco e tenho o primeiro relance de um mundo não escuro, pintado em delicados tons de cinza.

Para avançar até o nono, é necessário um equipamento. O olho humano, por reagir tão instantaneamente às condições do ambiente, não é muito bom em julgar os níveis absolutos de luminosidade. Quero me arriscar um pouco mais cedo, para captar alguma cor no mundo antes que desapareça. Mas como julgar, nas diversas estações e sob céus diferentes, a quantidade de luz a que estarei exposta?

Mais uma vez, tenho motivos para sentir gratidão pelas inclinações fotográficas de Pete.

— Você precisa de um fotômetro — comenta ele, e me arruma um de um site técnico.

É um aparelhinho retangular preto, do tamanho da palma da mão, com uma meia esfera branca na ponta, para medir a luz ambiente, e um mostrador digital onde aparece a medição.

Pete configura o aparelhinho no modo para idiotas, de forma que eu só estrague tudo se me esforçar muito, e um novo mundo inteiro de medição objetiva se abre para mim.

“Esse anoitecer aguentei f2.8 em um segundo”, comento, toda feliz, depois de ir ao jardim um pouco depois do pôr do sol, mas antes que o mundo ficasse monocromático. É começo de junho — olhei as papoulas alaranjadas e as rosas cor-de-rosa, reguei os pés de tomate que pareciam cobras verdes retorcidas. As cores batem em minhas retinas como dardos de uma balestra — mas é uma dor agradável.

Aprendo a escala específica que os fotômetros utilizam: a f1 (quase escuro) seguem-se f1.4, f2, f2.8 e então f4 (mais ou menos quando se acendem as luzes da rua), f5.6, f8 (o sol logo acima do horizonte, se o céu estiver limpo). Pete explica que cada nível representa a duplicação da quantidade de luz, portanto devo ter cuidado quando tentar passar de um nível para o seguinte. Ele também me avisa para não me empolgar demais, pois os níveis de luz ao meio-dia são de f200 para cima. Estou dando passinhos minúsculos, mordiscando as bordas do dia.

Mesmo assim, estou animada por ter uma maneira de marcar meus avanços. Todo anoitecer, anoto no diário o número f a que saí. Quando as pessoas me perguntam como estou, começo respondendo com um falatório técnico incompreensível, declarando que “consegui f8 ontem e quero ver se chego a f16 no fim de semana”. Só os fotógrafos entendem.

Minha agenda tem uma página muito útil, que mostra as horas do nascer e do pôr do sol para todas as semanas do ano. Isso ajuda muito, pois posso prever a que horas devo começar a me preparar para dar uma caminhada. Virei uma caçadora de lusco-fuscos, uma seguidora do tempo planetário, mais do que do tempo humano, acompanhando o movimento da terra ao redor de sua estrela. Minha porção de lusco-fusco varia a cada dia, e seu conteúdo muda com as estações, conforme os dias se contraem e se dilatam, como uma pupila absorvendo a luz. No inverno, coincido com as crianças de gorro e cachecol voltando da escola; nos equinócios, com as pessoas voltando do trabalho de carro para casa; em abril e agosto, com o horário das novelas, quando há pouca gente na rua e telas enormes de TV florescem nas paredes ou cantos das salas de estar. Em meados do verão, preciso esperar horas e horas, muito depois do pôr do sol, enquanto uma lágrima dourada faiscante escorre pela face azul do céu.

Encontro

Um dia, saio para meu passeio crepuscular a f8, segundo o fotômetro. Vagueio um pouco entre as casas e pego um atalho que leva a campo aberto. A área é atravessada por um córrego canalizado numa vala de escoamento, em que a obra resultou em um largo trecho de grama dos dois lados, com árvores e espinheiros aqui e ali, de modo que o conjunto forma uma espécie de vale em miniatura, por onde as pessoas caminham ou passeiam com os cachorros e as crianças andam de bicicleta.

Viro na trilha ao lado do córrego — e paro ali mesmo.

Lá, logo acima do horizonte, um carmesim escuro se verte numa nuvem cor de carne. Vejo um gigantesco olho inflamado.

Pela primeira vez desde a escuridão, estou frente a frente com o sol.

Olho o sol. O sol me olha de volta. O que se passa entre nós é indescritível.

É uma primeira parlamentação entre inimigos de longa data. É como topar de repente com um ex-namorado que destroçou seu coração há muito tempo. É como sentar e negociar com terroristas, fitando os olhos de um assassino do outro lado da mesa, sabendo que estão juntos nessa e precisam encontrar um modo de conviver.

Fico parada na trilha ao lado do córrego. Estendo a mão para o horizonte.

— Olá, sol.

Caixa para transporte

O que eu gostaria de fazer é encontrar uma maneira de ir até algum lugar pitoresco algum tempo *antes* do crepúsculo, de modo que, chegando a minha hora, eu possa irromper e fazer meu passeio por uma nova paisagem.

Mas como? Drácula foi da Transilvânia para Whitby aproveitando uma entrega de caixões, viajando dentro de um deles. Todas as noites, saía para rondar o navio e se banquetear com a tripulação.

* * *

MAS UM CAIXÃO é inviável. Seria difícil para respirar e não caberia no carro. Assim, Pete e eu bolamos um dispositivo que pode ser instalado e desinstalado do banco traseiro. Consiste num pedaço grande de feltro industrial preto, com meio centímetro de espessura, e dois fios de arame compridos. De acordo com o departamento de fotobiologia do hospital onde fui uma vez, o feltro preto de alta qualidade é o material que oferece maior proteção contra a luz. Os arames ficam esticados entre as alças de apoio do carro, por cima das portas traseiras. Passam por orifícios no feltro, para mantê-lo suspenso. A parte da frente fica solta por trás do banco do carona.

Isso resulta numa espécie de tenda dentro da qual posso ficar sentada enquanto alguém vai dirigindo até o campo. Minha amiga Pam diz que parece uma daquelas caixas para transporte de cachorros.

Meus horizontes se expandem. Consulto a tabela de auroras e crepúsculos, subtraio a quantidade de tempo que consigo tolerar antes do pôr do sol e calculo a extensão do percurso até a reserva ou mata que tenho em mente. Isso me dá o horário em que teremos de sair de casa. Então subtraio dez minutos, o tempo para arrumar a tenda. Infelizmente, é algo que Pete precisa fazer sozinho. O feltro é pesado e difícil de manejar, e os arames verdes despontam como tentáculos. Se alguém o visse carregando o trambolho e entrando no carro com aquilo, pensaria que ele estava travando um combate mortal com um monstro, daqueles com cara de que foi feito em casa ou saído de alguma das primeiras temporadas de *Doctor Who*.

Depois de montar a complicada estrutura, Pete faz um sinal para mim. De chapéu, casaco e botas, saio de casa em disparada e mergulho de cabeça pela porta traseira do carro, enfiando-me debaixo das dobras do feltro. Ainda me debato um pouco até encontrar o cinto de segurança e desenroscar as alças da bolsa, e, por fim, estamos prontos para partir. Fico sentada em diagonal atrás de Pete, encapsulada dentro de um material grosso que abafa a conversa. É difícil trocar observações casuais sem ter de berrá-las a um volume desproporcional à importância que têm:

- Gado montanhês no pasto à direita.
 - Que tipo de gato siamês?
 - O quê?
 - Que tipo de gato?
 - Não é gato. É GADO.
 - O quê?
 - Deixa pra lá, já passamos.
 - Passamos do quê?
 - DO GADO MONTANHÊS.
 - Ah, certo.
- Pausa.

— Mas o que o gado montanhês está fazendo em Hampshire?

— Sendo cabeludo, imagino.

— O quê?

— SENDO CABELUDO.

E assim por diante.

Mas vale a pena quando chegamos à mata. Salto da gaiola, o nariz se deleitando ao ar livre, com mil cheiros diferentes, e sigo para a liberdade das árvores.

Palavra

crepuscular *adj.* relativo a ou próprio do crepúsculo; (zool.) que aparece ou ocorre ao cair da noite; que só tem atividade a partir desse momento [do lat. *crepusculum*].

Descubro que me tornei crepuscular e que compartilho essa característica com várias criaturas, como os cervos, os coelhos e as corujas-do-campo.

E, pelo jeito, com os vombates.

Grande atração

Cresci em Londres e nunca tinha ido a New Forest. A região é muito plana, e minha criação me ensinou a associar férias e feriados a escaladas íngremes, às quais se seguia a contemplação do mundo lá das alturas, e não aos prazeres sob a sombra das árvores.

Mas, saindo da minha escuridão em Hampshire, descobro que New Forest é um bom lugar para excursões. É fácil chegar até lá, e a sombra das árvores prolonga o tempo que posso permanecer ao ar livre. Posso começar a caminhada do anoitecer mais cedo do que faria em campo aberto e ficar mais tempo depois do amanhecer.

Fico impressionada com a circunferência nodosa das árvores antigas, com sua individualidade marcada e o seu fantástico ar de vivência. As heras formam treliças na parte inferior dos troncos, o visco brota dos galhos estendidos, moitas de azevinho despontam entre as raízes retorcidas. Líquens delicados em tons de bege e cinza e musgos artísticos, lisos como pele de toupeira ou felpudos como pelúcia, enfeitam as cascas enrugadas. Fungos gigantesco estão cravados como joias preciosas.

Essas enormes árvores ornamentadas ficam dispostas a intervalos. Entre elas, crescem árvores menores e mais novas, mas é evidente que são meras subalternas auxiliando o concílio dos superiores e por isso não fazem muita diferença. Pete e eu passeamos entre os tornozelos das maiores, tão insignificantes quanto um gato passando pela sala durante um conclave de cardeais.

As árvores devem ter assuntos a discutir. Ouvi falar de uma ocorrência misteriosa que sugere uma cooperação entre carvalhos. Os camundongos comem bolotas de carvalho, e bastam alguns anos frutíferos para que a população de ratos aumente muito, reduzindo as chances de que as bolotas passem despercebidas. Mas então vem um ano em que os carvalhos não produzem bolotas. Muitos camundongos morrem, pois não conseguem encontrar comida. Nos anos que se seguem a essa seleção, as bolotas reaparecem. Mas é claro que só funciona se todos os carvalhos trabalharem juntos.

* * *

UMA VIDA CREPUSCULAR pode levar a equívocos curiosos. Visitando New Forest ao amanhecer e ao anoitecer, Pete e eu raramente vemos outras pessoas, é mais comum cruzarmos com cervos e pôneis. Comento a ausência de seres humanos, que intensifica a presença poderosa das árvores.

— Você sabe que, se viéssemos de dia, como gente normal, o lugar estaria fervilhando, não é? — comenta ele

— É mesmo?

— É, sim. É um lugar muito procurado. Vem um monte de gente, sua boba. Para que acha que são todas aquelas vagas de estacionamento?

— Ah — respondo. — Pensando bem, achei mesmo que eram vagas demais.

Mottisfont

Estou sempre em busca de coisas diferentes para fazer ao anoitecer — novas florestas, novas trilhas a uma distância razoável de casa, shows e peças ao ar livre, se não começarem cedo demais e a plateia não for muito iluminada. É preciso pesquisar muito, e nem sempre surge uma boa ideia.

“Você devia dar uma olhada em Mottisfont”, sugere Pete. “Eles têm um roseiral em uma área cercada e fica aberto até tarde durante quinze dias no meio do verão, quando as rosas estão no auge, já que muita gente quer vê-las.”

Ansiosa, folheio o catálogo do National Trust. Mottisfont é uma propriedade no vale do rio Test, não muito longe de casa. O jardim de rosas tem fama internacional, é especializado em variedades antigas e tradicionais que não tiveram o perfume eliminado, como acontece com as variedades mais recentes, em favor da estrutura ou da longevidade.

Percorro a lista de horários com o dedo — de fato, durante duas semanas, os jardins ficam abertos até as oito e meia da noite. Porém, consultando meu almanaque com os horários do pôr do sol, descubro que não adianta de nada: na época do solstício de verão o sol atinge o ápice de sua carreira gloriosa e, como uma diva, só abandona o palco depois das nove e vinte. Já consigo tolerar meia hora antes do pôr do sol — mas isso significaria começar qualquer visita às dez para as nove, vinte minutos depois do fechamento dos jardins.

“Tão perto e tão distante”, penso, tristonha, imaginando rosas que nunca verei. Fico mais sentida por Pete, mais até do que por mim; quero lhe proporcionar coisas agradáveis que possamos

aproveitar juntos, pois são muitas as coisas que ele precisa fazer sozinho.

Assim, decido que não tenho nada a perder. Escrevo uma carta para Mottisfont, explicando minha situação e perguntando se existe alguma possibilidade de visitarmos o jardim em uma hora mais avançada. Prontifico-me a pagar pelo inconveniente ou pelas horas extras dos funcionários.

Escrevo no começo de maio, e tenho certeza de que vou receber apenas uma negativa cortês. Mas então, na metade de junho, recebo a ligação de uma senhora.

— Desculpe por não termos respondido antes — diz ela. — Aqui fica muito movimentado durante a estação das rosas. Mas, sim, você pode vir. Podemos abrir os jardins entre as nove e as dez da noite, e não precisa pagar.

— Que maravilha — digo emocionada. — Muito obrigada.

Assim, na data combinada, desço da caixa de transporte num estacionamento de onde os últimos carros estão saindo após um longo dia ensolarado. O ar está quente e abafado, mas os primeiros indícios do frescor do anoitecer começam a se insinuar. Logo vem uma moça, com um molho de chaves, e nos leva para a área principal. Atravessamos uma ponte de pedra sobre o rio borbulhante, passamos pela face norte da casa e pelo galpão dos estábulos, e andamos por uma trilha de árvores enormes e majestosas até chegarmos ao jardim cercado propriamente dito.

O muro é alto, de tijolos antigos numa variedade incrível de cores — ferrugem, violeta, pêssego e creme —, com o sol poente banhando todos eles com uma camada de ouro. A moça destranca uma porta no muro, mantendo-a aberta com o braço esticado para passarmos.

Entramos.

O perfume é uma bofetada.

É como se passássemos do ar para alguma nova substância formada por mil aromas entrecruzados que se rodeiam

languidamente, como fumos invisíveis. Sentimos uma resistência na pele enquanto avançamos, como se a pressão do jardim cercado fosse maior do que a do mundo exterior. Até a temperatura é mais cálida.

— Pronto — diz a moça. — Aproveitem! Encontro vocês no portão de entrada por volta das dez.

Ela fecha a porta, e ficamos sozinhos no mágico jardim irisado, invasores dessa profusão que se espraia no silêncio. Acender um fósforo talvez fosse perigoso, a coisa toda poderia explodir.

Olhamos ao redor lentamente. Uma cerca larga acompanha toda a extensão do muro, diante de trepadeiras que se espalham pelos tijolos. A parte principal do jardim fica em canteiros que formam desenhos geométricos, com trilhas retas e compridas entre eles. Alguns desses caminhos levam a arcos forrados de rosas trepadeiras. Num cruzamento, há um açude circular de pedra com um pequeno chafariz no centro. Afora o discreto murmúrio da água e o zumbido de abelhas retardatárias zigzagueando entre as flores, tudo está silencioso e imóvel.

Há rosas, mas também muitas outras flores: lírios que se alteiam em longos espigões esguios; tapetes naturais forrados de cravos; montículos arredondados de lavandas, aglomeradas como ouriços verde-arroxeados; plantas que se bifurcam, enrolam e alargam; plantas cujos nomes desconheço; plantas com corolas regulares e estruturadas; plantas com pencas e cachos que pendem e se arrastam.

Passo os dedos suavemente por folhas lisas e cheias de penugens, encosto o nariz em profundezas sedosas e aveludadas. Sinto vontade de entrar nos canteiros e rolar na terra e tenho de me refrear.

Aos poucos, a luz se altera, passando do amarelo ao púrpura e ao azul. As cores do jardim ficam mais suaves e menos distintas. Pete, que estava tirando fotos, deixa a câmera e vem

até mim. Nós nos sentamos num banco ao lado de uma roseira enorme, cor de chá, com as flores abertas já se despetalando, revelando indecentemente os pelinhos amarelos do centro. As pétalas se espalham pela terra e pela grama como uma camada de orelhinhas delicadas. A fragrância nos envolve numa nuvem só nossa.

— Temos muita sorte de estar aqui sozinhos — comenta Pete. — Durante a estação das rosas, vêm hordas de visitantes, e o lugar fica abarrotado.

Há provas da passagem das hordas: algumas trilhas de grama foram destruídas até se tornarem só terra sob o peso de centenas de pés. E num dos bancos há um sanduíche, ainda numa embalagem de plástico triangular.

— É, é maravilhoso —, concordo, me encostando no banco e olhando o céu, onde a lua surge como um olho que se abriu de repente. — Um luxo absoluto e indulgente.

Mas ainda sinto uma dorzinha. Bem que gostaria de fazer parte de uma horda de vez em quando, de roçar em meus semelhantes na multidão. Isso não acontece mais.

Voltamos ao mundo real a passos lentos pela porta no muro, fechando-a cuidadosamente atrás de nós. Seguimos pelo terreno escuro até a entrada, passando por uma senhora de idade com um cachorro que fareja entre as árvores imponentes.

— Ela deve morar por aqui, mulher de sorte — cochicho para Pete.

— Deve, sim — responde ele —, acho que há alojamentos na casa.

A moça com as chaves está esperando no portão. Agradecemos, e ela nos diz que não foi incômodo algum, pois mora perto dali. Voltamos pela noite de verão, ainda não totalmente escura, e levo a imagem de flores gloriosas gravada nas pupilas, os fantasmas dos perfumes ainda em minhas narinas.

Chapéus

Sempre gostei de chapéus, e agora tenho a desculpa ideal para montar uma coleção bem bonita. A bicicleta ergométrica no canto da sala, comprada por Pete anos atrás, num ímpeto de manter a forma física, mas que usamos só de vez em quando, encontrou sua verdadeira vocação como porta-chapéus. Eles se empilham nos guidões, se engancham no mostrador de cristal líquido e um está orgulhosamente sentado no selim incômodo que machuca o traseiro.

Fora minha dificuldade evidente de não poder visitar as lojas, encontro um grande empecilho para minha aquisição de chapéus: tenho a cabeça muito grande e o cabelo grosso, e muitos chapéus não entram, ficam encarapitados de um jeito ridículo. Minha mãe diz que parece “uma espinha num queijo”.

Vivo me engraçando com chapéus de catálogos que dizem ser “tamanho único” e sempre descubro que não são. Triste, coloco-os de volta na embalagem para Pete levar à agência do correio. Ele tem de fazer isso aos sábados de manhã, quando há uma fila enorme, e acaba ficando de mau humor.

— Se você precisa mesmo comprar chapéus que não servem — diz ele, vestindo o casaco —, pode pelo menos escolher empresas que oferecem serviços de coleta?

— Mas era um chapéu tão lindo — choramingo.

— Encare os fatos, querida: sua cabeça não é normal. — Ele vai pisando duro até a porta. — Bom, este tem frete pago ou vou ter que pagar?

Sophie, a afilhada de Pete de seis anos, vem nos visitar com os pais e Hannah, sua irmãzinha menor, mais ligeira e

impetuosa. Estamos sentados conversando, tomando chá e comendo bolo. Como que atraídas por um campo magnético invisível, as duas vão se aproximando da bicicleta ergométrica. Quando chegam perto, Hannah confere se não tem ninguém olhando, tira um chapéu e põe na cabeça.

É um chapéu de lã marrom e de abas largas que lhe cobre a cabeça. Ela fica imóvel, de repente transformada num cogumelo gigante. Enquanto isso, Sophie escolhe um chapéu de palha com lenço cor-de-rosa e se examina no espelho comprido da parede. Hannah, recuperando-se da surpresa, atira longe o chapéu marrom e encontra um de tecido impermeável preto enfeitado com uma florzinha, pega-o e põe no pai.

Logo todo mundo está de chapéu.

Mesmo o chapéu bobo entra na dança. É uma espécie de barrete elástico, acinzentado, de imitação de pele, com uma cauda listrada à la Davy Crockett pendendo na parte de trás. Pete o trouxe de uma viagem aos Estados Unidos — o barrete é inútil em termos de proteção solar, mas é uma excelente fonte de diversão.

Sophie vem até mim e pergunta, timidamente:

— Qual é o seu chapéu favorito?

— Boa pergunta — respondo, pensando no assunto.

Por fim, escolho uma boina enorme e com uma aba imensa, de pelúcia grossa marrom, cor de bolo de gengibre.

— Este. É o que eu mais gosto.

Sophie assente.

— É um bom chapéu — comenta ela.

Apesar da popularidade entre as crianças que visitam, os chapéus que uso para passear apresentam uma infeliz desvantagem. Os cães costumam ficar atíçados com a minha presença. Um tipo em particular de cão, como vim a descobrir, apresenta suscetibilidade especial a chapéus.

Num dia de inverno, pouco antes do pôr do sol, Pete e eu estamos saindo do carro, nos preparando para passear na mata coberta de neve. Passamos por um homem que está voltando para seu carro acompanhado por um cachorrinho esganiçado. O cachorro dá uma única olhada para mim e meu chapéu de lã com abas largas e se atira à minha garganta.

Por sorte é um cachorro pequeno e a sua força de propulsão lhe permite subir apenas três ou quatro vezes a sua altura. Fico imóvel perto de um matagal de aveleiras enquanto o bicho, latindo feroz, repete os saltos que chegam até meu peito.

— Venha, Hugo — ordena o dono, em voz apática, um sujeito desganhado e de roupa esquisita.

Então, como o cão não lhe dá atenção, ele se vira para mim, em tom de crítica:

— É o seu chapéu. Ele não gosta do seu chapéu.

Tento esboçar um sorriso, esperando que o homem tire o cachorro dali, mas, embora ele repita “Venha, Hugo” mais algumas vezes e abra o bagageiro do carro, o bicho continua a pular como uma bola de borracha com garrinhas curvas.

— Ele não gosta de chapéus — repete o homem.

— Olha — digo, sem fôlego —, preciso usar esse chapéu por razões médicas. Gostaria de tirar, mas não posso.

Meu coração martela e minhas pernas começam a tremer. O cachorro parece estar ganhando embalo, a mandíbula se aproximando do meu rosto. Pete tenta distrair o cachorro, e o homem bate com a mão na bota, chamando-o para entrar no carro, mas o bicho está obcecado.

Não há mais ninguém no pequeno estacionamento da floresta, uma mera faixa de barro e cascalho ao lado de uma estrada de terra. Longos raios amarelos do sol já baixo se infiltram pelos galhos desfolhados das árvores, e sinto que aquecem as costas do meu casaco. Penso em correr, mas a neve está de uma lisura mortífera, compactada por muitos pés e rodas; a última coisa que

quero arriscar é uma queda que me colocaria ao alcance daqueles caninos.

Desanimada, levanto a mão. Tiro o chapéu pegando-o pela aba e o mantenho ao meu lado, amassando-o entre os dedos para tentar ocultá-lo. O sol circunda minha cabeça.

O cachorro se acalma, late mais algumas vezes e salta para o bagageiro aberto. O homem ri, fecha a porta e vai embora. Recoloco o chapéu e fazemos nosso passeio, mas não escapo às consequências: no dia seguinte, e por vários dias sucessivos, fico no escuro.

Pergunto sobre cães e chapéus a todo mundo que conheço. O que o cachorro achou que viu na minha cabeça? Ou foi o que ele não conseguiu ver — meus olhos, talvez, sob a sombra da aba? A coisa toda continua um mistério, serve apenas para aumentar minha prudência quando saio para passear e uma silhueta baixa e saltitante surge no meu campo de visão.

Jardinagem

Na vida anterior, eu não me interessava muito em cultivar coisas. Ao sair da escuridão para uma vida de baixa luminosidade, em larga medida restrita à casa, procuro alguma ocupação e descubro o jardim. As plantas não se importam em ser tratadas ao anoitecer; na verdade, até preferem ser regadas nesse horário. Desde que eu possa sair a f4 ou mais, é seguro cortar ramos e podar roseiras sem risco para os dedos. (Tentei arrancar ervas daninhas a f2, mas não consegui distinguir o formato das folhas na penumbra, e sem querer agarrei uma urtiga.)

Quando dou atenção ao jardim pela primeira vez, ele já é de Pete há vários anos. É cheio de árvores e arbustos de fácil manutenção, escolhidos por suas belas cores na época do outono, florações abundantes na primavera, porque as sementes se apresentam de forma intrigante ou alguma outra característica de interesse fotográfico. Sei apreciar sementes bonitas tanto quanto qualquer outra pessoa, mas meu instinto me diz que falta alguma coisa. Tirando uma linda macieira da variedade “Reverendo M. Wilkes”, que, na maioria dos meses de agosto oferece-nos uma infinidade de maçãs coradas e enormes para cozinhar, não há nada no jardim que dê para COMER.

Começo plantando ervas em vasos. Então passo para tomateiros em jardineiras, batatas no velho monte de compostagem e girassóis russos gigantes apoiados na cerca. Mais tarde encomendo um pequeno canteiro suspenso e planto verduras, rabanetes, rúcula e morangos. Meu exército de vasos e

caixas avança lentamente pelo pátio, até ser totalmente tomado e se render.

Tenho mais entusiasmo que conhecimento. Certo verão, observo com interesse o amadurecimento de um dos pés de tomate. Ele logo fica carregado de frutos amarelos e suculentos, mas não colho, pois estou esperando que fiquem vermelhos, de acordo com a imagem do rótulo.

Não aparece uma única pintinha vermelha. Por fim, entendo. Meu tomateiro é amarelo. Converto os tomates numa salada dourada. São doces como ameixas.

Compro uma muda de mirtilo, mas nada acontece. Uma amiga me explica que essas plantas precisam crescer em pares, para terem polinização cruzada. No ano seguinte, compro um segundo pé. Na primavera, ele começa a produzir ramos de flores brancas redondas e com rendados na ponta, como aqueles abajures chiques. Mas nada de mirtilos.

Ligo para a loja de jardinagem e pergunto:

— Vocês têm algum arbusto de mirtilo em flor?

Eles têm. Despacho Pete.

— Pegue aquele mirtilo! — peço.

Colocamos os três vasos juntos, em triângulo — e ocorre um milagre. De repente, todas as mudas começam a florescer loucamente e, depois de praticar algum tipo de sexo grupal, produzem uma infinidade de frutos.

Tento analisar por que me apeguei tanto a cultivar frutas e legumes. Em parte, é uma necessidade frustrada de ser social e economicamente útil: como não posso ter um trabalho remunerado para contribuir com a sociedade, pelo menos contribuo com alimentos. A jardinagem também me oferece objetos de cuidado exteriores a mim mesma, que exigem atenção sistemática, por cuja saúde preciso zelar e cujas realizações podem ser elogiadas, como bichinhos de estimação ou filhos que dão pouco trabalho. Às vezes, fico tão obcecada pelo

crescimento saudável de alguma planta sob meus cuidados que quase me esqueço de colhê-la, e perco de vista por um tempo o fato de que as minhas plantas, ao contrário de crianças ou de animais de estimação, não são o que os filósofos chamam de “fins em si mesmas”, e sim meios para o sustento de outras vidas.

Mais que tudo, gosto de sentir a força da natureza sob minhas mãos, de sentir aquela energia comprimida contida numa semente ou numa muda, aquele grande poder latente, o impulso de brotar e crescer que rompe o concreto e esfarela a alvenaria, aquela pura lascívia pela luz do sol. Faz com que me lembre que também sou parte da natureza, que o mesmo poder pulsa em minhas veias. Espero que, sejam quais forem os obstáculos, ele continue se esforçando em corrigir a deformação da pele e em me guiar definitiva e irrevogavelmente rumo à luz.

Assistente

Quero alguém para me ajudar a usar o computador. Com canetas hidrográficas, faço um cartãozinho enfeitado. “Você entende de computadores?”, escrevo, numa caligrafia rebuscada em tons de rosa e roxo. Coloco florezinhas para completar, dando uma descrição do serviço e o meu contato. Pete coloca o cartão no quadro de avisos do mercado. Recebo muitas respostas. Escolho uma senhora simpática que vem uma vez por semana, durante duas horas.

O trabalho varia. Às vezes, preciso que ela digite cartas ou envie e-mails. Às vezes estou interessada em artigos científicos sobre sensibilidade à luz. Em outras, simplesmente me apaixono por um chapéu novo.

Ter uma assistente significa que não preciso mais incomodar Pete para fazer coisas para mim na internet. Ele já fica na frente do computador durante a maior parte do expediente, e uma boa parte da fotografia na era digital consiste em lidar com Photoshop.

Restrinjo-me a transações e comunicações limitadas. Meus e-mails são curtos e diretos. Não tenho como pagar minha assistente para se dedicar por mim aos aspectos mais espontâneos, interativos, bizarros e demorados da internet. E também seria um pouco embaraçoso: aquilo que a gente pode se dispor a compartilhar eletronicamente com milhares de desconhecidos anônimos, nem sempre se deseja revelar à senhora simpática sentada no quarto ao lado. Assim, renuncio a salas de bate-papo, apostas, redes sociais e sites pornográficos. É frustrante, mas sem dúvida faz bem para o espírito.

Claire, minha assistente, é muito elegante. Não trabalha desde que se casou, aos vinte e poucos anos, tem por volta de cinquenta anos e é muito atraente e bem-arrumada. É baixinha e *mignon* e sempre usa salto alto — botas de caubói ou botas justas de couro no inverno e sandálias quando faz calor. Tem quatro filhos com nomes chiques e um cachorro chamado Harvey, que ela adora e leva para passear pelo menos duas horas por dia.

Está sempre envolvida em algum projeto de decoração da casa, às voltas com empreiteiros, entrega de sofás ou com fornecimento de um mármore para a lareira que tenha o tom perfeito. Há pouco tempo, terminou um curso de computação. Para ela, represento sua primeira incursão na vida de escritório moderna.

Claire digita minhas cartas e e-mails com razoável precisão, além de certo charme bobinho. Mas o que ela mais gosta é quando quero comprar alguma coisa pela internet, sobretudo se forem roupas ou acessórios para a casa. Ela adora o desafio de encontrar o tipo certo de casaco de brim (forrado, na altura dos quadris, com botões na frente quase até a gola) ou de saia de verão (rodada, sem fendas, de tecido não muito leve, de comprimento bem abaixo dos joelhos).

O único problema é que sua faixa de preços normal é um pouco acima da minha, e sua tendência é ir em primeiro lugar aos sites que vendem roupas de grife com desconto, ao passo que eu provavelmente começaria pelo de uma boa loja de departamentos e depois veria outros.

Certa manhã, Claire chega vestindo uma intrincada blusa transpassada. Algumas partes são listradas de branco e azul, outras têm bolinhas azuis sobre fundo branco, e outras, bolinhas brancas sobre fundo azul.

— É uma graça — digo. — É da Boden?

— Na verdade, é Armani — responde ela, e nós duas caímos na risada.

Às vezes, Claire traz catálogos de venda direta da Crew ou da The White Company. Nenhuma dessas lojas é o meu hábitat natural, mas nosso choque de culturas de consumo é sempre estimulante. Ela acerta em cheio ao me apresentar Laura Ashley, que vende o tipo exato de abajur que preciso para minhas lampadinhas opacas de poucos watts, e até se oferece para comprá-lo na próxima vez em que for ao centro.

“Ah, não é incômodo algum”, diz. “Tenho que esperar o fim da aula de tênis de Persephone, e sobra bastante tempo para dar uma olhada nas lojas.”

Entre todas as limitações da minha vida, creio que Claire sente maior empatia pela minha impossibilidade de ir às compras — e também pelo fato de eu depender de Pete para encontrar alguns artigos que não consigo encomendar pelo correio ou pela internet.

“Não adianta mandar um homem procurar essas coisas”, diz ela, em tom severo. “Por mais que a gente dê todas as instruções, eles nunca acertam, não é mesmo?”

Ela se empenha ao máximo em remediar a situação, com grande gentileza.

Música

Estou de volta à minha toca para um dos períodos regulares de escuridão que interrompem o dia. Estou ouvindo um programa de comédia absolutamente sem graça na Radio 4, que está me deixando furiosa. De repente, não aguento mais. Dou um salto da cama e pego o aparelho. Em algum lugar ali, tem que existir algo melhor. Pego o botão e giro com força.

Do rádio, sai trovejando “A cavalgada das Valquírias”.

Desando a rir — é tão inesperado —, mas ouço e descubro que estou gostando. De alguma maneira, recuperei a capacidade de ouvir música sozinha no quarto escuro sem me transformar num farrapo emocional. As lembranças das alegrias findas, que antes voltavam de maneira tão catastrófica, já não ameaça tanto, agora tenho mais alternativas para o futuro. Uma estranha ferida interna, infligida pela escuridão, se curou, cauterizada pelo retorno da luz.

Pés

Um dia, minha assistente vem fazer uns serviços para mim no computador. Recebo-a com um enorme sorriso.

— Tem algo de diferente em mim, hoje — digo. — Sabe o que é?

Claire me olha de cima a baixo. Meu cabelo continua igual. Os óculos são os mesmos que tenho há séculos. Dá para perceber que a roupa já foi usada. De repente, ela nota.

— Você tem pés! — exclama.

Na barra da saia de seda comprida, despontando das pernas sob a legging preta, dois pés pálidos estão expostos, flexionando os dedos no tapete como pequenos monstros recém-saídos do ovo.

Conseguí tirar as horríveis meias de náilon que passei tanto tempo usando. (São meias especiais de proteção contra a luz, de um tecido extrafino, elástico e de alta densidade.) No começo, arrisco apenas por umas horas, depois, durante metade do dia. Mas avanço aos poucos. Não me surpreende que os pés sejam a primeira coisa que posso descobrir. As partes mais ossudas do corpo — mãos, rosto e crânio — andam (graças a Deus) menos sensíveis do que as partes com mais músculo ou gordura. Os pés eram, obviamente, os próximos.

Estou muito orgulhosa de meus pés novos. Fico animada com a sensação do tapete e do linóleo sob as solas descalças. Mesmo em dias mais frios, reluto em pôr meias e em renunciar à visão dos dedos libertados.

Férias

Depois de ficar em casa por tanto tempo, gostaria de tentar conhecer um lugar novo. Mas o ambiente precisa ser exatamente assim: com cortinas e persianas controlando o que entra pelas janelas, o tipo certo de lâmpada para a noite, um espaço totalmente escuro para dormir e para meus retiros periódicos durante o dia.

— Precisamos de um trailer — declara Pete.

Na minha família, passávamos as férias em chalés alugados ou em albergues da juventude, que funcionavam como base para longas caminhadas pelas montanhas. Nunca cheguei nem perto de um trailer. Já Pete foi criado num deles: quando menino, viajava para a França e a Espanha e percorria todo o sul da Inglaterra. Era uma época em que ainda dava para estacionar onde se quisesse nas áreas silvestres e os pôneis de New Forest enfiavam o focinho pela porta entreaberta do trailer.

Assim, compramos um trailer usado e o equipamos com cortinas adicionais, de material corta-luz (o trailer já vem com umas boas persianas de enrolar) e nos inscrevemos no Caravan Club [Clube do Trailer]. Pete faz um curso sobre reboques, e eu leio a revista que vem com a assinatura. Fico sabendo que o carro e o trailer, quando juntos, são chamados de “equipamento”; que os terrenos do clube, além de parecerem horripilantes, são enormes campos com duzentos assentamentos e possuem cafés, iluminação, além de confortos modernos e atividades sociais; que pequenas áreas mais simples, em locais fora de mão, são chamadas de Locações Certificadas, ou LCs, muito mais próximas daquilo que queremos; e que “o peso da proa” e

“o peso do reboque” são considerações vitais e, portanto, é preciso comprar acessórios leves, como pratos de plástico e panelas de alumínio.

Antes de sair numa viagem de trailer, explica Pete, é importante fazer Listas de Coisas, pois é muito fácil esquecer algum item, como desodorantes ou facas afiadas, o que é bem chato quando se está no meio do nada. Assim, começo a bolar listas com títulos como “equipamentos de cozinha”, “higiene pessoal”, “atividades sociais e culturais” e “alimentos não perecíveis”. E então, à medida que as férias se aproximam, fico cada vez mais empolgada, correndo pela casa, conferindo as listas, ticando os itens e colocando-os no vestibulo em caixas especiais, leves e dobráveis.

Saímos para uma LC a oeste de South Downs, a cerca de uma hora de casa. Vou, como sempre, na caixa de transporte, portanto não vejo a paisagem durante a viagem. Pete tem de desenganchar e estabilizar tudo sozinho, enquanto fico sentada no carro, espiando as árvores e o mato por baixo da tenda de feltro e me coçando de expectativa. Finalmente, Pete abre a porta do trailer e encaixa os degraus. Pulo para fora do carro e salto para dentro do trailer, e lá me dedico a desempacotar as coisas que estão sob os assentos e guardá-las em armários no alto, depois começo a preparar o almoço. Pete está lá fora, fazendo coisas de homem com cilindros de gás, canos de água e instalações sanitárias. Por sua própria natureza, uma viagem de trailer tem (sem contar minha condição médica) a tendência de operar com uma organização do trabalho altamente dividida em termos de gênero. Explico a Pete que, se a minha saúde estivesse melhor, eu certamente me revezaria para rolar o enorme reservatório de plástico pelo terreno para enchê-lo de água na torneira, e para carregar o vaso com descarga até a fossa de dejetos (duas tarefas que é melhor se fazer à luz do dia), mas ele apenas ergue uma sobrancelha.

Escolhemos o fim de março para esses dias de férias por ser primavera, não inverno, de modo que não fizesse frio demais, mas que ainda fosse perto do equinócio, de forma que o dia começa a clarear por volta das seis da manhã e a escurecer por volta das seis da tarde. O fim da primavera e o início do verão não são uma época boa, porque amanhece muito cedo e anoitece muito tarde, então o período diurno fica muito comprido e eu passaria horas presa no trailer.

Mas mesmo em março amanhece cedo. Várias vezes ajustamos o despertador para bem antes do alvorecer, assim podemos pegar o carro e ir até algum lugar interessante, chegando lá à primeira luz da manhã. É algo bastante cansativo para se fazer todos os dias. Por sorte, há uma bela mata perto da área, boa para andar ao amanhecer, nos dias em que não conseguimos desgrudar da cama com o céu ainda escuro.

Minhas memórias de férias e feriados são formadas por uma sucessão de auroras e ocasos, cada um diferente do outro, cada qual com cor e sabor próprios. Em uma aurora, enxergamos um horizonte formado por morrinhos ondulados além dos campos e, sob uma linha plana de nuvens cinzentas, tão reta que podia ter sido traçada com uma régua, estende-se uma incrível faixa de céu cor de tangerina.

Certo anoitecer, escalamos Beacon Hill e vemos de um lado o mar e o porto de Chichester e, do outro, Hog's Back, perto de Guildford, passando o mosaico felpudo e variegado de Weald. Um pássaro enorme, que pode ter sido um gavião, desce à nossa frente, pousando na grama aparada, e, quando descemos o morro, as luzes no vale se acendem como contas douradas e prateadas, e um crepúsculo brilha naquele tom vivo de corante rosa imitando morango.

A aurora começa cinza e úmida e se intensifica ainda mais enquanto caminhamos pela mata perto da área do trailer. Uma chuva torrencial cai ao nosso redor, zumbindo e assobiando entre

os galhos, escurecendo a casca das árvores. Só o lento reluzir do musgo e da grama, passando do cinza para um verde brilhante, revela que, em algum lugar além do dilúvio, o sol se ergue acima da curvatura da terra.

Em outro amanhecer, o mundo está coberto de uma grossa camada de geada, nossos passos rangem nos pálidos fragmentos de grama e sentimos a carne esfolada pelo ar imóvel e tingido de azul. Chegamos a um campo que se ergue suavemente até uma fileira de árvores desfolhadas. Por trás da filigrana negra dos galhos, uma luminescência em tom pastel oferece uma prévia da alvorada, mas o sol ainda não saiu. No centro do campo, ergue-se, solitário, um imenso carvalho de proporções perfeitas.

Pete gosta da silhueta da árvore. Pega a câmera e segue por uma sebe até um portão, no extremo do campo, de onde vai ter uma visão melhor.

Um rebanho de carneiros que está perto do portão enlouquece à chegada dele. Debandam pela grama congelada, na direção do carvalho ao centro, e se distribuem ao redor da árvore num arranjo ao mesmo tempo aleatório e harmonioso, equilibrado e fortuito. Pete certamente deve ter contado com a ajuda do deus dos fotógrafos (Fóton?). Ele tira uma foto perfeita.

Sempre amarei essa imagem. Sinto enorme orgulho e prazer por ter sido parte da ocasião, por ser eu a razão pela qual Pete esteve naquele campo, naquela hora improvável, por saber que o estilo de vida esdrúxulo que lhe inflijo não é totalmente inimigo da Arte.

De volta ao trailer, vemos que está tão frio que os botijões de gás congelaram, o que significa que não podemos ligar o aquecedor nem fazer chá ou torradas. Como desjejum, tomamos água gelada e comemos pão com manteiga. Nos encapotamos e só às onze da manhã o sol, agora fulgurando num céu azul e vazio, aquece as coisas até que o gás se descongele.

Durante o dia, Pete sai com a câmera para fazer as próprias explorações, geralmente voltando para o almoço. Eu fico no trailer. Leio revistas e ouço música, examino mapas e planejo as excursões vespertinas. Escrevo cartões para todos os meus conhecidos. “Estou viajando de férias!”, anuncio, frase que as pessoas não esperam ouvir de mim e que eu mesma, por um longo período, não esperava voltar a usar.

Mas, durante a maior parte do tempo, fico só olhando pela janela. Mantemos a maioria das janelas do trailer sombreadas, mas uma dá para a copa plumosa de um cipreste pontilhado de pequenas pinhas redondas. A luz do sol mosqueia a folhagem com vinte tons diferentes de verde, e o vento a põe para dançar. De vez em quando vem um passarinho, que fica saltitando por algum tempo num galho flexível.

Fito o retângulo verde ondulante, e meus olhos famintos se regozijam e se banqueteam por horas a fio. Mesmo lacrada dentro da caixa branca, sinto a terra sob mim e o céu acima de minha cabeça, sinto-me envolvida pelas árvores altas rodeando a área, e me sinto em paz.

Serpente

Exagerei, não sei como. Entre os milhares de cálculos minuciosos que tenho de fazer diariamente, um deu errado. Talvez eu tenha ficado tempo demais na cozinha ensolarada preparando um frango refogado quando deveria ter enfiado o bicho no forno e saído dali. Ou talvez tenha saído um pouco cedo demais ao anoitecer ou talvez, feliz com o avanço, tenha decidido arriscar um chapéu um pouquinho menor na caminhada vespertina.

Agora não importa muito. Qualquer atividade corriqueira é, em potencial, uma porta para o desastre. No jogo das serpentes sem escadas que é a minha vida, as serpentes espreitam em todos os cantos. Pisei numa, outra vez estou de volta à escuridão total, com a pele em chamas, esperando que o fogo diminua. E, quando diminui, dias, semanas e talvez meses se estendem à minha frente enquanto a pele se estabiliza aos poucos, até que eu possa ganhar a bênção de outra lenta escalada de volta à luz.

Os primeiros dias após uma recaída são cheios de raiva. Repasso mentalmente as minúcias dos acontecimentos que levaram à minha queda, tentando identificar o que fiz de errado. Recrimino-me por ser uma idiota otimista, uma tonta desatenta, uma burra e imbecil que estraga tudo. Rebobino a memória até aquele refogado fatal ou aquele chapéu arrogante e sinto como teria sido fácil, simples, trivial, agir de outra maneira. Sonho em poder voltar no tempo — não para corrigir um erro crasso, mas para retificar alguma pequena escolha corriqueira. Isso devia ser permitido, não? É uma miudeza tão insignificante, não traria consequências estranhas ou inesperadas, não desfaria qualquer

ponto no tecido da história se me fosse permitido trocar de chapéu.

Visualizo a alternativa em detalhes desesperadores de tão vívidos, desenho a imagem na mente enquanto sento em chamuscas na escuridão, vejo-me pôr o casaco e as botas, pegar o chapéu, abrir a porta da frente, sair no crepúsculo dourado, subir a colina, fazer tudo o que fiz, mas com uma aba mais larga sombreando o rosto. Será que não consigo recriar o passado pela pura força de vontade, pela repetição do pensamento, martelando essa versão como um desenho que se imprime martelando o aço? Mas a bobina do tempo continua a se desenrolar, implacável como as fitas, as intermináveis fitas dos audiolivros a que retorno.

O estágio seguinte é o desespero. Não me puno mais. Em vez disso, sinto que sou amaldiçoada, que os períodos de progresso são concedidos apenas para mais tarde serem retirados. Que estou num trabalho de Sísifo, mas, ao contrário de Sísifo, nunca chego ao alto da montanha para olhar o universo, mesmo que rapidamente, antes que a pedra role para baixo outra vez. Que a tarefa de tentar adivinhar os caprichos da minha pele é impossível, como um problema num exame de matemática que vem com um dos números errados, e a equação, apesar de horas de empenho sério e inteligente, nunca é resolvida.

Caio num poço escuro. A própria escuridão me causa pavor — preciso me obrigar a entrar no quarto e bater logo a porta. Vejo-me impelida o tempo todo a sair e pegar uma bebida ou apenas subir e descer a escada. Como uma bolha de ar na água ou um pato de borracha na banheira, tenho de me manter submersa à força.

O enorme peixe preto chamado *suicídio* sai do buraco na lama. Põe-se a nadar de cá para lá, de lá para cá. Sinto a batida constante das nadadeiras e vejo com clareza inédita o brilho de seus dentes afiados. Meus olhos se enchem de lágrimas dez

vezes por dia, meu rosto se contorce, solto alguns pequenos uivos. Meu audiolivro não está conseguindo proporcionar o bálsamo da distração. Suas tentativas de sedução parecem toscas e bisonhas, os personagens se angustiando com problemas tão triviais, se comparados aos meus. Ver, cheirar, andar pelo mundo antes de morrer — de posse dessas bênçãos imensas, para que se preocupar com o resto? Crio uma hipersensibilidade a descrições literárias da natureza ou do clima, mesmo que breves ou clichês. As cortinas abertas para uma manhã fresca, a vista das montanhas ao longe, o anoitecer num jardim de verão — tudo me atinge com uma dúvida pavorosa: *talvez eu não volte a ver essas coisas.*

Num telefonema à minha mãe, desmorono. Ela age rápido e providencia uma visita. Meu irmão, Sam, virá de Londres no dia seguinte. Ele cancelou todos os planos para aquela tarde.

Meu irmão é uma alma gentil. Faz sopa para o almoço. Transtornado por não encontrar cebola, coloca uma cabeça de alho inteira, fatiada, dentro da panela. A sopa está uma delícia, mas, depois de uma longa conversa sobre música e política no meu quarto escuro e lacrado, dá para cortar com uma faca o miasma de alho que se instalou ali.

* * *

LÁ PELO QUINTO ou sexto dia, alcancei a aceitação, deslizando de volta para o ritmo dos meus dias no escuro. “Veja, não é tão difícil assim”, sussurram as paredes. “Você já fez isso antes.”

E se passam dias, semanas ou meses.

Jogos para o escuro 6: Percorrendo o alfabeto

Este é para jogar com outras pessoas ou, *in extremis*, a sós. Escolha uma categoria, como aves ou cores. Então percorra o alfabeto e cite um exemplo que comece por cada uma das letras. É mais um jogo de colaboração do que de competição — o gostoso é chegar o mais perto possível de um conjunto alfabético completo.

Em geral, as categorias são ditadas pelos interesses e manias dos participantes. Com Pete, são jogadores de futebol, cientistas e termos matemáticos. Com meu irmão, são detetives da ficção, métodos de assassinato e figuras da história mundial. Com minha mãe, são óperas, romancistas e palavras que começam e terminam com a mesma letra. Às vezes, a categoria escolhida se mostra restritiva demais, aí basta acrescentar uma segunda categoria. Foi esta a origem de “figuras de linguagem ou palavras grosseiras”, uma partida memorável e muito divertida.

A mente desabastecida

O corpo passa fome quando não é alimentado. No começo, recorre às próprias reservas, e usa estoques acumulados de gordura para ter energia. Então, quando os estoques ficam baixos demais, é obrigado a canibalizar tecidos mais fundamentais. Os músculos se enfraquecem. Os sistemas e processos degradingolam. A pele fica seca e escamosa. As infecções se instalam. O batimento cardíaco torna-se irregular. A temperatura cai.

O corpo devora a si mesmo.

O que ocorre com o corpo também acontece com a mente. Quando cessa a dose diária de novas experiências, a mente de início recorre aos estoques acumulados. Por algum tempo, parece continuar funcionando de forma normal, extraindo os episódios, pontos de referência e assuntos de conversa dentre as múltiplas camadas das ricas reservas.

Mas aos poucos, lentamente, o estoque diminui. Começo a notar os sinais. Conto casos que já contei. Falo mais da infância, avançando ainda mais no depósito das lembranças, procurando algo novo. Desfilio meus dez anos de trabalho, de forma que posso conversar com Pete sobre departamentos de recursos humanos idiotizados e as maluquices do pessoal da informática (a vida em grandes organizações, pelo visto, não muda muito).

Essa extração constante das lembranças provoca transtornos estranhos dentro das reservas. A retirada de um único item pode levar à queda inesperada de um sistema inteiro de armazenamento e ao súbito afloramento de pessoas e episódios

nos quais passei anos sem pensar, mas que agora assombram meu sono e minha vigília.

Às vezes dá para sentir prazer com os fragmentos que afloram à consciência enquanto a mente se alimenta do passado. Mas minha principal emoção é o medo. Eu me pergunto o que vai acontecer quando as reservas se esgotarem. Será que a mente, assim como o corpo, começará a consumir suas próprias estruturas de sustentação, a devorar as próprias bases da consciência? Será que minha lucidez se dissolverá em confusão, o gume do discernimento se embotará, o zunido e a rapidez dos pensamentos diminuirão e se tornarão lentos e enrolados, e então tudo se tornará uma massa indistinta?

O que acontece com a mente desabastecida?

Ninguém sabe responder.

Um dia, estou conversando com meu irmão sobre uma vez, antes da escuridão, em que pegamos o trem da linha Far North, de Inverness até Thurso. Estava lotado de torcedores do Celtic, que voltavam de alguma vitória europeia.

— Você não se lembra? — pergunto várias vezes. — Saímos do trem em Thurso, descemos o morro até a cidade, e foi como nadar num extasiante rio verde e brilhante.

Ele não consegue se lembrar. Fico magoada, mas alerta a mim mesma que, desde aquela vez em que fomos para o norte, ele já teve muitas outras férias, criou muitas outras lembranças, e essa pobre viagensinha, ainda tão clara na minha memória, está enterrada no fundo da dele, sob muitas outras camadas.

Faço um grande esforço para me lembrar disso quando converso com amigos e parentes com vidas que não pararam no tempo.

Sapos

Uma historinha se esgueira e sai inesperadamente das prateleiras da memória, desvelando-se na minha mente. Não consigo lembrar onde ou quando a ouvi pela primeira vez — talvez na infância, pois tem o estilo de uma fábula ou de um conto popular.

Algo nas circunstâncias da minha vida fez com que ela reaparecesse dos arquivos, onde ficou escondida por muitos anos sem ser perturbada.

Num dia muito quente, dois sapos vão aos saltos até o frescor de uma leiteria. Cada um se empoleira na borda de um latão de leite, se perguntando se podem tomar um golinho. De repente, a catástrofe: os dois se desequilibram e caem lá dentro. Os latões são fundos demais, e as laterais, muito íngremes para que consigam sair.

O Sapo Número Um nada em círculos por algum tempo, mas logo diz a si mesmo: “Para que nadar tanto? Não tem escapatória. Tanto faz se eu parar e me deixar afogar, é isso o que vai acontecer de qualquer jeito.”

Então para de nadar, afunda no latão e morre afogado.

Enquanto isso, o Sapo Número Dois fica nadando em círculos no latão ao lado. “Ao que parece, não tem escapatória”, diz a si mesmo, “mas ainda não morri. Vou continuar nadando em círculos enquanto puder.”

Então nada, nada e nada sem parar. “Caramba, que coisa mais tediosa”, pensa, quando passa por uma marquinha na parede do latão pela enésima vez.

Dali a pouco, matuta: “Como que será que Bert está se saindo?” E grita: “Bert! Bert!”

Não vem nenhuma resposta do outro latão. O Sapo Número Dois fica triste e se sente sozinho, mas continua nadando.

Depois de muito tempo, ele diz para si mesmo, aborrecido: “Ou esse leite está engrossando, ou minhas pernas estão cansando.”

E continua nadando.

Então o leite fica grosso mesmo, e o Sapo Número Dois se vê em segurança sobre uma superfície sólida e amarela. Dali, salta com facilidade para a liberdade. As pernas, batendo por tanto tempo, transformaram o leite em manteiga.

Moral da história: nunca desista.

* * *

PENSO MUITO NO Sapo Número Dois enquanto luto na poça escura para passar os intermináveis dias em círculo.

Jogos para o escuro 7: Crazy Daisy

Crazy Daisy é uma expressão de duas palavras que rimam. Você também precisa bolar uma “pista” para a expressão, que permita que a outra pessoa adivinhe qual é. A pista para *crazy daisy* [margarida louca], por exemplo, poderia ser “flor lunática”.

Não é fácil inventar expressões boas, de modo que, mesmo com três ou quatro jogadores, a brincadeira fica cheia de pausas longas enquanto todos pensam intensamente, e quase dá para ouvir a maquinaria mental rangendo e bufando.

Assim, é bom já inventar algumas a sós, no escuro, e guardá-las num bolsinho mental, para o deleite das visitas:

flustered bustard ave grande atrapalhada
fungus bungle relacionado com cogumelo
Tory furore estardalhaço direitista
primordial cordial bebida antiga

É sempre especialmente agradável encontrar uma rima para uma expressão de estrutura pouco usual, que à primeira vista não parece muito promissora:

wombat combat ação militar de um pequeno marsupial

Remissão 2

O primeiro sinal é conseguir ficar fora do quarto um pouquinho a mais. Consigo ir da escuridão total para a penumbra no térreo e ficar lá por algum tempo.

O segundo é, na penumbra do térreo, conseguir puxar a ponta de uma cortina comprida de veludo e deixar entrar uma réstia fina e frágil da luz do dia.

O terceiro é tão fantástico quanto da primeira vez. Ponho botas, chapéu e casaco e vou para o jardim escuro. Inspirando profundamente, como se voltasse de um exílio, aspiro o cheiro do mundo e percorro o perímetro do terreno.

Mais uma vez, sinto um grande alívio cercando o quarto sinal, quando posso voltar a cozinhar.

O quinto é tão arriscado quanto antes: eu me aventuro entre os postes de luz e os faróis dos carros na área do loteamento durante a noite.

O sexto envolve um espelho e uma televisão. O sétimo está relacionado com as meias. O oitavo me oferece, por fim, um novo vislumbre de um mundo fora do escuro, pintado em tons de cinza.

A mudança

No começo, cada coisa nova é um deleite. Cada pequena tarefa que acrescento ao repertório me emociona, por mais miúda ou trivial que seja. “Hoje limpei o chão do banheiro”, anuncio a Pete durante o jantar, sorrindo de orgulho e felicidade. Nos estágios iniciais da escalada de volta à luz, o contraste com minha existência anterior é tão forte e a chama de esperança se reacende tão intensamente que transbordo de animação. Improviso uma dança na cozinha, agarrando meu amado atônito e obrigando-o a me acompanhar. Canto trechos de músicas, algumas conhecidas, outras inventadas no calor do momento para combinar com as circunstâncias. Sinto o coração cheio de gratidão e alívio — gratidão por ter recebido mais uma chance; alívio porque meu maior medo, o medo da permanência, mais uma vez se demonstrou infundado.

E então há uma mudança.

É como pegar um barco e deixar uma costa escura e horrenda, e, na primeira parte da viagem, olhar apenas para o local de onde se saiu, observando a extensão de mar aumentar gradualmente entre o barco e a costa, a terra recuando... há apenas júbilo.

E então olhamos para o outro lado. Fitando o rumo da viagem, percebemos que a outra costa está tão distante que nem se pode enxergá-la, e só resta acreditar que ela está lá. Ao redor, há apenas uma vastidão vazia e solitária de água, e surgirão monstros e tempestades pela frente.

Em certo estágio da recuperação (algumas semanas desde que retomei as caminhadas no lusco-fusco), meu ânimo

esmorece. Sem a motivação da alegria pelo que deixei para trás, vejo a extensão que tenho a percorrer com um distanciamento frio. Meus dias longos e solitários presa dentro de casa se arrastam de uma maneira pavorosa. Estou cansada de ter que pedir que venham me visitar e nunca ir visitar ninguém. Sinto uma vontade enorme de ver a casa de outra pessoa por dentro — de qualquer pessoa —, só por curiosidade. Alguns meses atrás, entrava em êxtase por poder folhear um catálogo de pedidos pelo correio. Agora, fico infeliz por não poder IR ÀS COMPRAS e experimentar as malditas botas *antes* de comprá-las. Quero avançar mais rápido, estender meus limites para todos os lados. Mas sei que estou brincando com fogo.

Estudei história na faculdade. Minha insatisfação prestes a se amotinar me lembra de algo que li a respeito das revoluções. O argumento era que elas não acontecem quando as classes dominadas estão sob o jugo máximo da miséria, e sim quando as condições têm uma pequena melhoria. É quando a sujeição diminui um pouco que os oprimidos conseguem se erguer da lama, olhar em volta e reconhecer as verdadeiras condições da vida que levam.

Esforço-me em enumerar minhas bênçãos, em recordar as pequenas vitórias que conquistei na luta contra a escuridão, em saltar sobre as brasas do desejo.

Abecedário

Continuo a me corresponder com meu médico. Ele é muito prestativo para providenciar as cartas e os relatórios médicos que algum tentáculo da burocracia exige de tempos em tempos, mas, em termos de tratamento efetivo, não tem mais nada a sugerir. Ele gostaria muito de me ver, se eu pudesse ir até Londres para uma consulta — mas, para ser sincera, se eu chegasse a uma condição em que fosse capaz disso por esforço próprio, ficaria tão encantada que decerto continuaria o que estivesse fazendo efeito e usaria minha resistência recém-conquistada para algo mais interessante do que ir ao médico.

Assim como muitos outros doentes crônicos, fico à solta na fronteira erma do tratamento médico, uma área que nos desorienta, sem trilhas, onde as eventuais placas que possam existir apontam em várias direções, os satélites de navegação silenciam e feras desconhecidas vagueiam à solta.

As pessoas me perguntam: “Já tentou tal coisa?”, “Que tal isso aqui?”.

E eu respondo: “Obrigada por pensar nisso. Vou pôr na minha lista.”

Ao longo dos anos tentei inúmeras coisas, e ordená-las em ordem alfabética é um método mais simples e elegante do que uma tediosa enumeração em ordem cronológica.

A DE ACUPUNTURA

“Hum — infelizmente não vou poder tirar a roupa. Você pode me tratar mesmo assim?”

Uma acupunturista se dispõe a tentar. Ela vem me atender em casa e espeta agulhas em minhas mãos, meus braços, meus pés, meus tornozelos e, através da legging, minhas pernas, explicando que dessa maneira a eficácia não será tão grande. Persisto por oito sessões, mas não há qualquer efeito visível.

B DE *BREATHING* [TÉCNICA DE RESPIRAÇÃO]

“A respiração incorreta é a causa primordial de uma enorme variedade de problemas crônicos de saúde. Reaprenda a respirar usando essas técnicas revolucionárias e entre para o grupo de milhares de pessoas em todo o mundo que recuperaram a saúde e o bem-estar seguindo o tratamento exclusivo desenvolvido pelo dr. Randall P. Whitebait...”

Ah-há! Respirar!

Está aí uma coisa que dá para fazer no escuro. Aceito a sugestão de um amigo, que me oferece um conjunto de CDs de respiração e um manual de exercícios.

Alguns dos exercícios trazem uma sensação agradável de relaxamento. Outros, causam deslocamentos nas costas. Sobre a sensibilidade à luz, não exercem qualquer efeito perceptível.

C DE *CHELATION* [QUELAÇÃO]

Meu amigo Tom, defensor da qualidade empoderadora da Internet, faz um monte de pesquisas detalhadas on-line sobre questões de saúde. Encontra uma comunidade virtual de pessoas com um amplo leque de problemas crônicos que melhoraram de maneira significativa reduzindo os altos níveis de mercúrio no corpo. Tem um exame que determina se a toxicidade do mercúrio é prejudicial ou não — existem pessoas com maior capacidade genética de se livrar naturalmente dele.

De acordo com os resultados, tanto Tom quanto eu temos um problema com mercúrio. Começamos a tomar um composto de

enxofre que se liga ao mercúrio (quela-o) e permite que ele seja expelido pela urina.

Durante quatro meses, tenho uma melhoria surpreendente, cumulativa, mensurável.

Então tenho uma recaída medonha. Volto à sensibilidade total à luz e fico completamente exausta. Ao que parece, a quelação estimula as glândulas suprarrenais, e as minhas estão muito fracas.

Tento a quelação várias outras vezes, mas os resultados são sempre os mesmos: tremores, suores, colapso.

Tom se sai muito melhor. Ele prossegue com o tratamento por quatro anos e melhora a ponto de começar outro negócio: desta vez, projetos de casas ecológicas em computador.

D DE DIETA

Numa véspera de ano-novo, sentindo-me bastante bem, como oito chocolates em sequência, de estômago vazio e tomando champanhe.

No dia seguinte, começo o novo ano com uma recaída pavorosa. Não consigo nem sair do escuro para assistir ao concerto de ano-novo de Viena, transmitido ao vivo, nem dançar ao som da valsa “Danúbio Azul”, o que se tornou uma tradição aqui em casa.

Intrigada, investigo os efeitos fisiológicos do álcool sobre o açúcar no sangue e descubro a dieta de baixo IG (IG significa índice glicêmico, uma medida da rapidez com que o corpo converte determinado alimento em glicose). Renuncio ao álcool, ao açúcar e aos carboidratos refinados e combino proteínas e carboidratos em todas as refeições. Ajuda bastante.

E DE ENERGIA

Uma voz ressoante na secretária eletrônica:

“Aqui quem fala é Venetia Winstanley. Nesses últimos dias, estou tratando seu cabelo na minha máquina e estou ligando para saber se houve melhora.”

Oi? O quê?! Quem é essa mulher e como ela conseguiu o meu cabelo? E como tenho me sentido muito mal nesses últimos dias, quero lhe pedir que pare seja lá o que for que esteja fazendo.

Por fim, a coisa se esclarece. Venetia Winstanley é uma terapeuta que usa uma espécie de cura energética à distância e que salvou a vida do filho de uma amiga da minha mãe. Essa amiga convenceu minha mãe a mandar um pouco do meu cabelo para essa figura, o que ela fez há alguns meses, quando cortou uns fios da parte de trás da minha cabeça. Como houve uma morte na família da terapeuta, a ação havia ficado em suspenso até agora, e eu tinha me esquecido completamente.

F DE *FATTY ACIDS* [ÁCIDOS GRAXOS]

Um exame de sangue mostra que a maneira como meu corpo processa os ácidos graxos essenciais tem um problema inegável. Um nutricionista recomenda certo suplemento, emulsionado para facilitar a absorção dos ácidos graxos essenciais. Tenho uma melhora constante por quatro meses.

Então o fabricante para de produzir o suplemento. Não há qualquer outro no mercado que faça o mesmo efeito.

G DE *GROUNDING* [ATERRAMENTO]

Grounding é uma terapia de contato com o solo. Segundo a sinopse de um livro sobre o assunto: “mal-estar, dores e inflamações resultam de deficiência de elétrons, o que pode ser tratado com o anti-inflamatório típico da natureza — a própria Terra!”

Em termos ideais, você estabelece contato com o solo andando sem sapato na grama ou na terra e dormindo diretamente no chão. Se não for possível, pode comprar um lençol de contato com o solo — um lençol de algodão que contém uma mistura de fios condutores que se conectam por um fio mais grosso a uma haste de aterramento enfiada no solo lá fora.

Acredito que devo ter arrumado algum tipo de reação alérgica ao deitar no metal. Depois de duas noites, estou com a pele inchada, o coração disparado e tenho uma recaída medonha.

H DE HIPNOTERAPIA

“Toda a pele do seu corpo está calma e fresca”, entoou o CD que o hipnoterapeuta fez para mim. “Continue assim até ficar ainda mais relaxada.”

Deito-me no escuro e ouço a voz calma e suave. Mas minha pele, infelizmente, não lhe dá ouvidos.

I DE INK [TINTA]

Gasto um monte de tinta escrevendo a médicos particulares especializados no tratamento holístico de alergias e sensibilidades ambientais. Ofereço grandes somas de dinheiro para convencê-los a fazer consulta por telefone ou em domicílio. A maioria não trata ninguém que não possa comparecer ao consultório.

J DE *JUMPING UP AND DOWN* [EXERCÍCIO NO TRAMPOLIM]

Tenho uma pequena cama elástica, que chamam de trampolim. Segundo o manual que veio com ele, esta é uma forma superior de exercício, que pode ter efeitos transformadores sobre um amplo leque de problemas crônicos.

Fico ansiosa pela minha meia hora diária de pula-pula. Não cura, mas sem dúvida me anima.

K DE *KINESIOLOGY* [CINESIOLOGIA]

Pergunte ao corpo e terá as respostas!

Estenda o braço e deixe que o terapeuta tente abaixá-lo. Às vezes, o braço é forte, às vezes é fraco, e disso pode se extrair várias conclusões e orientações.

Como meu corpo se transformou num mistério insondável, essa promessa é de uma sedução incrível, irresistível, e nas primeiras sessões, quando o terapeuta recomenda determinados suplementos, tenho uma melhora acentuada. Mas acabo perdendo a fé. Coisas que — segundo os testes dos músculos — deviam fazer bem ao meu corpo provocam reações muito ruins. E outras coisas, que sei que ajudam, dão resultado negativo. É difícil continuar quando a base da fé desaparece.

L DE *LOGBOOK* [DIÁRIO]

Escrevo todas as coisas que tento e como me sinto. Anoto no meu diário, uma agenda com uma página para cada dia. Monitoro os dados procurando tendências, sedenta por causas e efeitos. Mas são muitas as variáveis — é como jogar xadrez multidimensional, o caminho mais curto para a loucura.

M DE *MEDITAÇÃO*

Parece estranho criar um oásis de nada numa vida que já está repleta de nada. O que eu quero é atividade, objetivo, motivação... Mas mesmo assim experimento a meditação depois de ler sobre os seus possíveis benefícios para a saúde.

Os CDs que me convidam a me imaginar passeando num belo jardim ou flutuando em nuvens banhadas de sol me irritam mais do que acalmam. Sinto que me dou melhor com técnicas que se

concentram apenas na respiração, observando a entrada e a saída de ar. Às vezes, tento contar a respiração de dez a um, mas minha mente se dispersa, perdendo-se em algum lugar entre o sete e o seis, e tenho que recomeçar.

Não há qualquer efeito significativo na fotossensibilidade, mas descubro que essa técnica de fato me acalma e me devolve ao presente naqueles momentos em que, instigada por alguma nova notícia sobre o câncer de mama ou derrames cerebrais, penso demais no futuro, entro em pânico pela fragilidade da minha existência constantemente ameaçada e antevejo como posso vir a morrer de mil maneiras dolorosas.

N DE NOZES

Na minha dieta de baixo índice glicêmico, consumo montanhas de nozes.

O DE *OPEN-MINDED* [MENTE ABERTA]

Como disse um escocês anônimo ao compositor Sir Arnold Bax: “Experimente de tudo, menos incesto e dança folclórica.”

Concordo.

P DE PRECE

Às vezes, as pessoas dizem que estão intercedendo por mim. Sinto enorme comoção e gratidão. Mesmo não podendo ir fisicamente aos locais, é encorajador pensar que, ainda assim, estou estranhamente presente em igrejas e catedrais distantes, pelo menos no pensamento e no coração de alguém.

Q DE *QUEST* [BUSCA]

É melhor viajar com esperança que chegar e saber que a esperança se foi. Enquanto houver um caminho diante de mim, enquanto houver coisas na minha lista que ainda não tentei,

estou protegida do desespero. Mesmo quando cada episódio se revela infrutífero, toda vez aprendo alguma coisa por esforço próprio, mesmo que essa coisa seja a eliminação de mais uma possibilidade — então posso passar para a próxima.

R DE RACIONALIDADE

Pergunto-me o que um racionalista científico convicto faria no meu lugar. Aqui, onde não há exame controlado randomizado e a própria ciência se cala.

Eu gostaria de ser um objeto de pesquisa. A coisa que mais me surpreende é que, até agora, ninguém quis fazer uma biópsia da minha pele. Onde está a curiosidade científica desse povo? Tenho certeza de que os resultados seriam interessantes.

S DE *SPIRITUAL HEALING* [CURA ESPIRITUAL]

Depois da terceira sessão, digo à terapeuta espiritual que lhe agradeço muito por todo o empenho, mas não estou sentindo efeitos positivos e, portanto, não creio que valha a pena continuar.

Ela me fita no fundo dos olhos. “Dá para ver que você tem uma ferida psicológica profunda que faz com que seu subconsciente resista à energia curativa”, diz ela. “Você não vai melhorar enquanto não trabalhar esse seu trauma emocional.”

Eu podia dar uma bofetada como resposta, mas não dou. Em vez disso, tomada pelo absurdo glorioso e transcendental da coisa, caio na gargalhada e continuo rindo enquanto a acompanho até a porta.

T DE TESTES

Faço um monte de testes e exames. São recomendados por médicos particulares e outros profissionais da saúde e realizados por laboratórios particulares. Conheço a flebotomista que atende

a domicílio, uma senhora animada que atua sob o título de “A Vampira Escocesa” e que amarra meu braço com uma faixa enfeitada com caricaturas do Drácula. Pete leva vários pacotes com uma série de fluidos corporais ao correio. Aos poucos, ele se habitua a preencher declarações embaraçosas sobre o conteúdo deles.

U DE UPSHOT [RESULTADO]

O resultado de todos esses testes e exames é que várias áreas do meu corpo funcionam bem, o que é surpreendente tendo em vista a maneira como vivo. As exceções são o processamento metabólico dos ácidos graxos essenciais, que está “desarranjado”, o ciclo de metilação (algo a ver com o fígado) e as suprarrenais, que são tão imprestáveis na produção de cortisol que, no que diz respeito aos clínicos, eu devia estar morta.

Mas essas anomalias são causas ou consequências da minha sensibilidade à luz? E a quantidade imensa de suplementos recomendados para tratá-las será mesmo tolerada e absorvida pelo meu sistema? Percebo que me sinto melhor se tomo coisas que ajudam as glândulas suprarrenais e que o consumo de alimentos ricos em ácidos graxos essenciais, como sementes de abóbora e de linhaça e carne de gado alimentado no pasto, tem um efeito notório para acalmar a pele. Mas as vitaminas recomendadas para melhorar a metilação e a maioria dos suplementos oleosos só pioram as coisas.

Um dos médicos particulares, impressionado com meu baixo desempenho suprarrenal, recomenda, além dos suplementos, um esteroide de baixa dosagem, a hidrocortisona, e por uns dois meses sinto uma melhora significativa. Então, aumentando a dose de acordo com as instruções, a melhora se torna uma piora aguda, e volto ao escuro pela maior parte do tempo, sem me arriscar além do jardim à noite. Quero parar de tomar essa coisa,

mas é claro que não consigo, pois criei dependência. Qualquer diminuição terá de ser muito lenta e cautelosa, com efeitos colaterais bem esquisitos e sem qualquer garantia de sucesso.

Assim, tenho algumas peças periféricas do quebra-cabeça, mas o espaço no centro continua vazio.

V DE VISUALIZAÇÃO

Minha mãe diz:

— Tenho uma aluna adulta, Elizabeth, que tinha um buraco na retina e estava na lista de espera para uma cirurgia. Então passou três meses visualizando em sua mente todos os dias o buraco se fechar. Aí, quando foi operar, não encontraram mais nada.

— Hum — respondo —, vale a pena tentar. O que você acha que devo visualizar?

— Hã... que tal a cortina se abrindo aos poucos?

— Mas aí, se a técnica funcionar mesmo, o máximo que pode acontecer é que a cortina se abra aos poucos, e aí não adianta nada.

— É, tem razão.

Por fim, decido me visualizar pondo uma roupa protetora de corpo inteiro, como uma segunda pele, e faço isso religiosamente todos os dias de manhã.

Não acontece grande coisa.

W DE *WEIRDEST* [O MAIS BIZARRO]

O Ovo da Energia (segundo o site):

- elimina a tensão ambiental acumulada;
- protege as energias vitais humanas contra todas as formas de sha chi;
- proporciona proteção física completa, inclusive contra as energias de outras pessoas;

- não emite energia prejudicial;
- atualiza-se manual ou automaticamente;

O meu ovo da energia tem uns três centímetros de altura. É mesmo de formato oval, feito de pedra branca polida, frio ao tato. Segundo as instruções, deve ser mantido a um centímetro do corpo, então ando com ele no bolso por vários meses.

No fim da experiência, concluo que me sinto melhor sem o ovo, pois ele contribui para a tendência de ficar ligeiramente torta, o que não faz bem para as costas.

X DE “XPERIMENTS” [EXPERIMENTOS]

Como ninguém sabe o que fazer com a minha condição, a única forma de avançar é experimentando. Mas ser o único objeto de minhas próprias experiências é frustrante e ineficiente. Toda experiência tem o potencial tanto de me fazer melhorar quanto piorar, e, tendo em vista essa flutuação, às vezes fica difícil destrinchar os resultados.

Sonho em ter um estoque de clones — seis versões minhas, muito mansas e dóceis, mantidas num armário quando não estão em uso, tiradas quando necessário, na hora de tomar comprimidos esquisitos e testar invenções peculiares.

Descubro que não é uma fantasia incomum entre aqueles que sofrem de doenças crônicas.

Y DE YAWN [BOCEJO], Z DE ZZZZ

Caramba, que coisa mais tediosa ter de ficar pensando sobre a minha saúde. De vez em quando, fico farta dessa história toda e preciso dar um tempo: ser, simplesmente ser.

* * *

DE MODO GERAL, Pete dá apoio às minhas experiências e tolera as mais extravagantes, mas não engole a cinesiologia. Parte do tratamento consiste em tentar dessensibilizar o corpo gradualmente a uma série de substâncias, com a finalidade de reduzir o total de sua carga alérgica. Depois de uma sessão em que sou dessensibilizada de açúcares, por exemplo, recebo instruções de manter pelo menos 1,20 metro de distância de qualquer coisa que contenha açúcares por 24 horas. Para me ajudar, a cinesiologista, muito prestativa, coloca os biscoitos num armário, o pão num canto debaixo do aquecedor e a travessa de frutas no escritório do andar de cima.

Voltando do trabalho, Pete vai se enfurecendo em silêncio.

“Aquela mulher esteve aqui, não é?”, rosna ele, rondando pela cozinha. “Enfiou as malditas bananas dentro da máquina de lavar de novo. E cadê o pão? Você pode me dar uma pista? Quero fazer torradas!”

Terror

O terror me abate de uma hora para a outra.

Meia página numa revista do conselho municipal. Foi disponibilizada uma verba para trocar os postes de luz com mais de quinze anos no condado. Será feita uma consulta pública para que as pessoas apresentem suas opiniões. Em vez das lâmpadas de sódio tradicionais, o conselho está pensando numa iluminação com luz fria fluorescente, clara e radiante como “a luz do dia”.

Se instalarem luz fria, nunca mais vou poder sair de casa.

Se instalarem luz fria atrás da cerca dos fundos, nunca mais vou poder ir ao jardim.

No início, fico chocada demais para fazer qualquer coisa, chocada demais até mesmo para pensar no que posso fazer. A iluminação iminente me paralisa, e só consigo sentar e fitar a condenação que se avizinha.

Mas, depois de alguns dias, minha paralisia mental começa a melhorar. As peças travadas da engrenagem se movem e pequenas faíscas de impulsos elétricos dardejaram entre os circuitos neuronais. Ocorrem-me vias que valeria a pena explorar, uma frase avulsa para uma possível carta se esboça aleatoriamente em minha mente.

Quero saber qual é a margem de manobra do conselho. A instalação de luz fria é uma escolha deles, ou estão sendo orientados por uma instância superior? Escrevo ao Ministério dos Transportes e recebo uma resposta dizendo que a Diretriz de Iluminação de Rua da União Europeia (claro! Como pude pensar que a iluminação de rua podia ser um assunto de soberania

nacional?) estipula apenas que, no momento da substituição, as lâmpadas de sódio de baixa pressão, já ultrapassadas, sejam trocadas por lâmpadas de sódio de alta pressão, com aproveitamento mais eficiente da energia, e não determina uma mudança para a luz fria fluorescente. Os conselhos locais devem levar em conta os fatores locais, afirma o Ministério.

Escrevo para a consulta pública. Recebo uma carta do conselho que diz: “Obrigado por ressaltar suas preocupações sobre o impacto da luz fria em pessoas com problemas de sensibilidade à luz. Temos recebido muitas ideias úteis e construtivas para futuras disposições de iluminação de rua. Tenha certeza de que todas serão levadas em conta antes da tomada de qualquer decisão.”

A carta, com seu fraseio cuidadoso, evitando se comprometer, desperta uma franca nostalgia. “Ressaltar suas preocupações sobre”, em vez de “explicar as dificuldades causadas por” é magistral — em outras palavras, você está afirmando que há um problema, mas não precisamos acreditar no que diz. Conheço muito bem esse recurso — era o meu trabalho, num contexto um pouco diferente, quando andava pelos corredores do poder como uma serviçal dos eleitos. Eu escrevia as “diretrizes”, para ajudar os ministros a responder perguntas espinhosas. Formulava parágrafos padronizados para serem usados nos setores de correspondência, nas respostas a cartas do público, como a que recebi.

Após o fim da consulta pública do conselho, passa-se algum tempo sem que eu tenha qualquer notícia sobre seu desfecho, e vou ficando nervosa. Conheço muito bem o desejo do funcionalismo público de que as coisas avancem sem percalços. Se tivesse recebido minha própria carta, eu simplesmente a guardaria num escaninho para as excentricidades e continuaria a pressionando, a menos que algo mais dramático acontecesse.

Escrevo para o representante local no conselho, pedindo ajuda para descobrir o que se passa. Ele age rápido e com eficiência, entrando em contato com os encarregados do projeto de iluminação de rua e pedindo que conversassem comigo. De início, eles enviam uma gerente de comunicações. É uma moça animada e bem vestida que me diz como será maravilhosa a nova iluminação. Vai ficar igualzinha à luz do dia, as cores serão como se estivessem à luz do sol, e a polícia poderá identificar com mais facilidade um bandido que esteja, por exemplo, de capuz roxo. A inclinação será para baixo, não para fora, e teremos menos poluição luminosa, o que será melhor para os astrônomos. O controle da luz poderá ser feito remotamente, e, depois da meia-noite, o conselho poderá diminuir a intensidade nos bairros com baixo índice de criminalidade.

Escuto tudo o que ela diz, então explico, com toda a paciência, que, infelizmente, essas características não resolvem o meu problema: se essas lâmpadas forem instaladas na minha área, não vou mais poder sair de casa. Pergunto se já foi tomada uma decisão final sobre o assunto. Encabulada, a gerente de comunicações admite que sim.

Eu já desconfiava. Mas ouvir a confirmação me faz sentir como se essa jovem agradável e elegante tirasse um pequeno revólver da bolsa chique de couro e, como estávamos sentadas uma de frente para a outra nas poltronas da minha sala de estar, me desse um tiro na barriga.

Sei que preciso voltar à luta. Por sorte, fiz a lição de casa. Consegui um guia para a Lei contra a Discriminação de Incapacitados, e está bem claro que ela se aplica a autoridades locais e a espaços públicos, dos quais as ruas devem ser um exemplo precípuo. A lei determina que os prestadores de serviços façam adaptações razoáveis para permitir o acesso de incapacitados. Digo que não estou reivindicando acesso ao condado inteiro ou mesmo à cidade, apenas solicitando que uma

área ao redor da minha casa mantenha a iluminação de sódio para que eu possa continuar a fazer uma caminhada diária. Mostro à jovem os diagramas de espectros de vários tipos de iluminação, inclusive um gráfico da composição da própria luz diurna. Explico que a luz no extremo azul do espectro tem uma frequência mais alta e que, portanto, é mais prejudicial às pessoas fotossensíveis, e que a iluminação como “a luz do dia” contém uma proporção muito maior desses comprimentos de onda “mais azuis”, com mais energia.

A jovem ouve a minha explanação teórica. Ela pergunta como posso saber que as novas lâmpadas trarão problemas se ainda nem foram instaladas. Infelizmente, eu já sei — algumas foram instaladas no final de uma das áreas próximas que visito nas caminhadas diárias ao anoitecer, para iluminar mais uma calçada. Passei por elas a título de experiência, animada por uma esperança irracional, e a noite seguinte foi uma tortura.

A gerente de comunicações diz que passará adiante o conteúdo da nossa conversa, mas que não pode assumir nenhum compromisso. E vai embora.

Os meses seguintes são horríveis. Não recebo notícias sobre o projeto, então preciso fazer uma coisa que odeio, pois fui criada aprendendo a ter consideração pelos outros e não armar escândalos. Preciso azucrinar as pessoas, telefonar, deixar mensagens, colocar meu representante no conselho na cópia de e-mails. Cada vez que a minha assistente acessa minha caixa de entrada, sinto o coração pular pensando na chance de ver à espera alguma mensagem que afete meu destino. Não havendo nenhuma, sinto ao mesmo tempo um enorme alívio e culpa. Mas depois entro de novo no dilema, tentando decidir se ligo outra vez ou se espero mais uma semana. Estarei pondo minha causa em risco por exagerar na defesa, ou haverá algum relógio invisível marcando meu tempo, cada vez menor?

Quando me preparo psicologicamente para telefonar, fico tremendo e, depois, preciso respirar fundo várias vezes e me deitar.

Meus interlocutores não sabem disso. Meus e-mails são sempre corteses e profissionais. Ao telefone, sou amigável e extremamente racional, mas sem dar a entender que vou desistir. Sei que não posso perder o controle nem uma vez: se permitir que as emoções que se agitam sob a superfície aflorem, corro o risco de ser rotulada de louca, neurótica, uma pessoa a quem não se dá ouvido, mas com quem é preciso *lidar*, alguém que deixou de ser um igual.

O dilema deve ser bastante familiar para qualquer um que descobre, de repente, por algum estranho revés das circunstâncias, que precisa tratar com o Estado. O Estado tem o poder de agir sobre você sem lhe pedir licença, o poder de conceder ou retirar, o poder ao qual só se é permitido pedir, jamais exigir.

Eles não vão acreditar que há algum problema se a aflição for pouca. Mas se for demais, será oficialmente um maluco.

Meu pai, violoncelista calmo e cordato, foi ao médico por anos por causa de suas dores de cabeça cada vez mais frequentes e de uma dificuldade crescente em mover os dedos da mão esquerda. A cada consulta, o médico lhe dizia que era estresse. Ele teve um desmaio durante uma turnê pela Alemanha, enquanto andava por uma calçada ao lado do rio Reno, devido a um tumor cerebral que crescera a ponto de paralisar todo o lado esquerdo de seu corpo. Dezesesseis meses depois, estava morto.

Percorro as ruas do meu bairro nas caminhadas vespertinas. Respiro o cheiro de jardins úmidos, folhas velhas, flores da estação, o vapor dos dias quentes, o perfume do vento. Assisto ao espetáculo diário do pôr do sol na tela celeste, que sempre se enche de desenhos inéditos das nuvens e das cores da luz crepuscular. Tento me convencer: aproveite o agora, aproveite

hoje, não pense no futuro quando tudo pode estar fechado a você, quando terá de depender dos outros para caminhar, quando será encaixotada e transportada para algum lugar afastado e sem iluminação.

Pergunto-me qual conselho de autoajuda se dá aos condenados à morte enquanto aguardam a resposta dos últimos recursos na justiça. Será que um defensor extremado do pensamento positivo recomendaria contemplar a possibilidade de falhar, caso isso abra uma porta para realidade? Sinto que tenho de dedicar algum tempo a ensaios mentais, para que o choque, se vier, seja menos catastrófico, uma vez que já terei passado por ele mentalmente.

Por fim, recebo um e-mail avisando que a gerente de comunicações se afastou do trabalho e que qualquer contato deve ser encaminhado ao diretor do projeto.

Entro em contato com o diretor do projeto. Com sensatez, ele pergunta se meu médico pode fornecer uma carta sobre o problema da luz fria, o que logo providencio. Depois de vários meses, recebo uma mensagem dele assegurando, em termos gerais, que não instalarão postes de luz que sejam “prejudiciais à minha saúde” em nenhum lugar “da vizinhança imediata da casa”.

Sei, pela vida pregressa, como as palavras podem ser capciosas. Sei que algo pode parecer um compromisso à primeira leitura, mas que no frígir dos ovos pode não ser nada disso. Não se trata de uma reflexão sobre a integridade dos indivíduos envolvidos, eles são apenas parte de um sistema habituado a espaços de manobra. Mas o saldo dos dez anos que passei em Whitehall é que estou cansada de qualquer coisa ou pessoa com a versão oficial. Estou interessada em obter detalhes específicos sobre os planos do conselho, e de maneira mais formal do que por e-mail.

Depois de mais alguns meses de e-mails e telefonemas, descubro que o diretor também saiu do projeto. Peço ajuda ao representante local mais uma vez. Algumas semanas mais tarde, sou contatada por um engenheiro-chefe, que me visita com um mapa na mão.

Ele diz que a iluminação fria fluorescente não é adequada a todo e qualquer lugar, e pede que eu indique no mapa os trajetos das minhas caminhadas para que instalem uma área especial com lâmpadas de sódio (ainda querem substituir as lâmpadas), mais ou menos como uma reserva natural para uma espécie exótica ameaçada de extinção. Diz que não pode garantir tudo o que estou pedindo, mas que sua meta é conseguir pelo menos uma parte.

Quase desmaio de alívio com esses sinais de inteligência e humanitarismo. Quero dar um abraço nesse sujeito grisalho e de fala mansa, meu salvador discreto e inteligente.

Entrego o mapa com as anotações, mas passo meses sem notícias concretas, exceto que estão muito ocupados definindo os termos do contrato. Eu me pergunto se o engenheiro sensato terá sido atropelado por outros elementos menos afáveis da burocracia. Estou preocupada porque continuo dependendo de garantias pessoais num projeto cujas datas de implantação estão se aproximando e cuja equipe mostra uma tendência acentuada a abandoná-lo.

Passaram-se dois anos desde a consulta pública. O longo período de incerteza, aliado ao esforço constante em vencer meus instintos naturais e continuar incomodando os outros, drenou aos poucos minhas forças. Li livros sobre formas de lidar com o estresse, aprendi a respirar levando o ar até os meus pés, a inspirar contando até quatro e expirar contando até nove, a respirar enchendo e esvaziando a barriga, a meditar concentrada na respiração. No entanto, ainda me sinto como um pedaço de papel amassado. Resolvo que é hora de tomar uma providência.

Envio e-mails aos escritórios de advocacia locais e escolho o único que me responde de forma inteligente. Uma advogada firme e rigorosa vem me visitar, faz um monte de perguntas e leva um monte de documentos. Ela redige uma carta com referências à Lei contra a Discriminação dos Incapacitados, à Norma para a Igualdade dos Incapacitados e à Lei dos Direitos Humanos.

Mas, no fim, a carta não é enviada. Começo a incluir a advogada entre os copiados nos e-mails e menciono que procurei assistência jurídica. O conselho envia uma planta da minha área, que mostra a posição, o número de referência e o tipo de todas as luzes de rua. As ruas e as calçadas em volta da minha casa estão circundadas por um maravilhoso brilho dourado. Além disso, o e-mail que acompanha o mapa afirma que a introdução das novas lâmpadas no meu bairro será marcada para o final do período de implantação, o que ainda vai demorar alguns anos.

Fico atordoada de alívio. Permito-me até uma modesta exultação. Mas minha experiência profissional anterior não me abandona. Arquivo todos os papéis numa pasta, digo à advogada para guardar os documentos e espero para ver se manterão as promessas feitas.

Casamento

Durante um longo período de esperançosa remissão em 2007, Pete e eu decidimos tentar o casamento outra vez. Sendo a noiva sensível à luz, o evento inteiro precisa ser reconfigurado. Consultamos os horários do pôr do sol na agenda e vemos que, no dia 6 de dezembro, o sol vai se pôr às 15h57. Assim, resolvemos que vamos nos casar nesse dia, às quatro da tarde.

Já não é viável fazer a cerimônia e a recepção num hotel. Preciso ter condições de controlar o tipo e a quantidade de luz no ambiente e me recolher periodicamente à toca. Pete examina o cartório de registro civil da cidade: é um pesadelo de fileiras refulgentes de luz fria e janelas de vidro.

Mas a igreja onde receberemos a bênção ainda é adequada. Ela é muito antiga, e o povoado que a cercava se mudou na Idade Média por causa da peste. Assim, fica no meio do campo, com poucas luzes em volta. Por dentro, é iluminada por uma série de lâmpadas de sódio bem no alto, entre as vigas do teto.

Pete frequenta essa igreja há muito anos. Quando chegou à região, procurou entre as igrejas anglicanas locais uma onde se sentisse em casa — ou, como dizem os entendedores, com a vela nem muito alta, nem muito baixa. Evitou a igreja que ficava mais perto de casa, um caixote de vidro e tijolos amarelos com luzes fluorescentes, onde a letra dos cânticos aparece em telas penduradas no teto e a congregação ergue os braços sem precisar se estorvar com hinários.

Minha formação religiosa é mais complicada. Minha mãe é judia (do judaísmo reformado, não do ortodoxo) e meu pai, originalmente presbiteriano da igreja escocesa, passou por uma

fase marxista e outra New Age antes de se converter ao catolicismo, dois anos antes de morrer. Na infância e na adolescência, nunca me senti pertencer a qualquer dos lados e, embora às vezes sentisse inveja do convívio comunitário coerente dos meus primos, gostava de poder recuar, observar de fora e desenvolver minha própria perspectiva. Nunca pensei em me casar na igreja, mas a lógica da situação vem se tornando inelutável. Se quisermos nos casar, parece que precisa ser na igreja. Levo um tempo para aceitar a ideia, mas finalmente concedo isso a Pete. “Mas vão me aceitar?”, pergunto-me. Escrevemos ao vigário explicando a situação, e fico contente em ver que a Igreja Anglicana considera seu dever cuidar de todas as almas existentes na terra, inclusive a minha, e, portanto, celebrará meu casamento mesmo que eu não seja cristã. Sou até autorizada a omitir “por Jesus Cristo, nosso Senhor” na hora de proferir os votos. É tudo extremamente sensato e civilizado.

Tenho um vestido de noiva. É de cetim azul, quase lilás, com bordados de flores subindo da barra. Mas não dá mais para usar só o vestido. A costureira faz um casaco apropriado, em tecido combinando, bem forrado, para eu usar por cima.

Também preciso de um chapéu. Resolvo adotar o princípio de que, se a pessoa vai ter de usar um chapéu no próprio casamento, que seja um chapéu espetacular. Na lista telefônica, encontro um sujeito chamado “O Chapeleiro Louco” que está disposto a me atender em casa. Juntos, bolamos um verdadeiro acontecimento chapelístico — da cor do vestido, com uma aba enorme e uma imensa flor de seda.

É uma criação esplendorosa. O único porém, como Pete e eu descobriremos no dia, é que a aba é tão grande que desencoraja qualquer intimidade. Não podemos ficar muito próximos nas fotos do casamento ou o noivo leva um cutucão do chapéu.

A recepção precisa ser menor e transferida para nossa casa. O lugar não é grande, então pensamos em conseguir mais

espaço alugando um toldo, que será afixado nos fundos da estufa e ocupará quase todo o jardim. Os convidados poderão se esquentar com aquecedores a gás e vigorosas danças escocesas. Na parte da frente da sala, haverá um bar na janela e as comidas ficarão nas mesas dentro da estufa, onde os convidados se servirão sozinhos.

Cinco semanas antes do casamento, piso numa serpente.

É bem comprida.

Andei tendo meses de melhora lenta, mas ininterrupta. Cheguei a f22 no fotômetro — o que significa que posso sair cerca de uma hora antes do pôr do sol e ficar fora pelo mesmo tempo depois do alvorecer.

Comecei a dar aulas de piano a crianças das redondezas, finalmente pondo em prática o que aprendi no curso. Parece que há demanda — logo estou com onze alunos, pensando em fazer um concerto informal para pais e amigos, seguido de chá e montes de bolo.

As aulas são minha ruína. Os alunos vêm depois da escola, dois ou três deles vários dias por semana. Criei o hábito de dar as aulas aos dois primeiros com a luz natural do dia e de acender a lâmpada do piano apenas para o terceiro.

No fim de outubro, terminando o horário de verão, os relógios voltam uma hora e o final da tarde fica mais escuro. Dou aulas a três alunos seguidos à luz do piano.

É demais.

Durante toda a noite, sinto como se passassem raladores de queijo pelo meu corpo, bem devagarinho. No dia seguinte, mal consigo sair do quarto escuro.

* * *

DUAS SEMANAS ANTES do casamento, ainda não apresento grande melhora. Pete e eu discutimos sobre o que fazer — cancelar o casamento pela segunda vez ou seguir em frente de todo modo.

Por fim, decidimos prosseguir. De pé na sala, faço uma declaração solene a Pete, olhando-o dentro dos olhos, segurando-o pelos cotovelos para que ele não se desvie. Digo que se a minha condição não melhorar após o casamento, entenderei se ele resolver se divorciar.

“Certo”, responde ele. “Mas vamos torcer para que não chegue a esse ponto.”

Envolvemo-nos num abraço e trocamos um beijo demorado.

Este é meu verdadeiro voto de casamento, o voto sombrio, que, se eu tiver de cumprir, destroçará meu coração. As promessas que farei no dia são simples e fáceis. Com o voto sombrio, rendo homenagem às forças que se movem, implacáveis, dentro do abismo escuro da vida, que torcem e rompem as coisas mais fortes e nobres. Em 99 entre 100 mundos possíveis, somos o casal ideal, mas este pode ser a exceção.

A quinzena se passa numa espécie de pesadelo surrealista. Fico o máximo de tempo possível no escuro, tentando estabilizar a pele, dando uma saidinha rápida para receber a entrega do chapéu, experimentar o casaco, falar ao telefone sobre o bolo (mal consigo lembrar qual devia ser a aparência dele). Todas as coisas que considerava importantes ficam de lado. A cabeleireira que vem em casa faz um corte de cabelo ridículo e se recusa a voltar para consertar, e não consigo enfrentar o incômodo de encontrar outra pessoa.

Na véspera do casamento, estou sentada no meu quarto no andar de cima, enquanto lá embaixo está um rebuliço. O pessoal que está instalando o toldo fica num entra e sai, exigindo que se corte pontas e ramos de várias árvores e arbustos para que o

toldo caiba. Chegam amigos para ajudar a mudar os móveis de lugar. A senhora da floricultura vem num carro cheio de folhagens e flores em tons de azul, rosa e branco, e começa a dispor os arranjos. Pete entra para me dar relatórios periódicos e me mostra fotos das novidades mais interessantes. Entre uma coisa e outra, escuto um audiolivro. É *Bravo Two Zero*.

No dia seguinte, ouço *Bravo Two Zero* também. Fico contente, porque a história de uma patrulha do SAS presa atrás das linhas inimigas na primeira Guerra do Golfo é no mínimo emocionante, além de verídica. Ela me ajuda a esquecer que hoje é o dia do meu casamento, que não está sendo como eu esperava, que não sei o que vai acontecer à tarde, quando puser toda a roupa e for para a igreja — se vou conseguir aguentar, mesmo com quase todas as luzes apagadas, ou quanta dor vai me acometer.

Durante a manhã do dia do casamento, o narrador é capturado por soldados iraquianos. É espancado, levado para o interrogatório, espancado de novo, exibido para uma multidão enfurecida, é convencido de que está prestes a levar um tiro ou a ser linchado e é espancado outra vez.

De repente, são três da tarde. Desligo as cenas de tortura. Ponho, apressada, o vestido e o casaco. Tomo várias cápsulas de betacaroteno, o que às vezes consegue abrandar as reações. No banheiro sem luz, espiando minha imagem turva no espelho, arrisco passar um pouco de maquiagem e ponho o chapéu. Quando desço, Pete abre a porta da frente de casa e a porta traseira do carro. Alguns pingos de chuva caem do céu cinzento, mas, no horizonte, nergas de faixas luminosas de um tom de rosa pálido, quase floral, passa, por entre as nuvens. Disparo pelos dois metros entre a casa e o carro e mergulho dentro da caixa de transporte, tentando preservar a posição da flor de seda.

— Certo — diz Pete. — Está aí dentro?

Eu me remexo toda, colocando o cinto de segurança e ajeitando as dobras recalcitrantes do feltro, para não pesarem

tanto na minha cabeça, mas continuarem a proteger as pernas e os pés.

— Tudo pronto — digo. — Tomara que não caia um toró. Vamos nessa!

Ele liga o carro e saímos pelo lusco-fusco incerto de dezembro.

* * *

NO FIM, A ADRENALINA e o absurdo me vencem. Minhas lembranças são aglomerados de intensos fragmentos doidos e cheios de alegria, como um conjunto de pisca-piscas: eu percorrendo a nave com Pete, ao som de *Wachet auf*, de Bach. A iluminação estranha da igreja, com a maioria das luzes centrais apagada, mas as laterais acesas. Velas brancas enormes no altar e velas menores em nichos de pedra e nos parapeitos das janelas. Eu quase desmaiando na hora de dizer os votos, numa súbita avalanche de emoção ao perceber que chegamos até ali. Depois, na festa, eu sendo rodopiada triunfante de uma ponta a outra sob o toldo, e passada de par em par, enquanto tentamos coletivamente acertar os passos da dança tradicional escocesa. Minha madrasta, na lista de espera para uma operação nos quadris, largando as muletas e se juntando aos demais na pista. Uma menina, filha de um dos colegas de Pete, saltando sem parar no pula-pula alugado para as crianças, o cabelo loiro esvoaçando. No meio da festa, a súbita preocupação com os rolos de papel higiênico (há setenta pessoas na casa), e Pam se dispondo corajosamente a ir até o mercado para comprar um fardo enorme de vários pacotes.

Lembro-me do animador que contratamos para puxar a dança, imenso, incrivelmente extrovertido, parecendo um retrato de Henrique VIII. Minha mãe, de veludo marrom, sentada ao piano e

tocando músicas escocesas. Lembro-me de que, no fim da noite, percebi que estivera tão ocupada falando com as pessoas que quase nem toquei na comida (só comi duas azeitonas e uma batata) e que não faço ideia se, depois de todo o cuidado em escolher o bufê, a comida prestava. Lembro-me de que subi duas vezes para o quarto com algumas companhias seletas, para dar descanso à pele e conversar um pouco no escuro. Lembro-me do perfume picante dos lírios rosados, quando, ao calor dos corpos, se abriram aos poucos em flores de longos cálices e espalharam seu perfume por todos os cantos da casa.

O eterno retorno

Continuo a escalar devagarinho a montanha da recuperação e a rolar outra vez até o sopé. Posso alcançar o estágio cinco, o três ou o dez, até que aparece uma serpente sob meus pés e perco todo o terreno que havia conquistado. Planos traçados com esperança durante uma trajetória ascendente se tornam absurdos na data em que deviam se concretizar, e é até difícil crer que alguma vez tenham parecido possíveis.

Por três vezes, combino de ir até o Stonehenge ao amanhecer, uma viagem muito adequada para alguém fotossensível, quando se pode pagar para entrar e andar entre as pedras. A procura é grande e é preciso fazer a reserva com vários meses de antecedência, além de preencher um formulário com os detalhes sobre “instrumentos musicais” e “qualquer cerimônia que venha a ser realizada”. Mas, toda vez que chega a data marcada, tudo mudou, minha pele está em chamas, a viagem é impossível. As coisas vivem sendo canceladas e desfeitas — desmarcamos os locais para a excursão de trailer, desconvidamos os convidados, desperdiçamos os ingressos para concertos.

Eu devia me acostumar. Mas não consigo.

Perco estações inteiras, e às vezes mais que só estações. Num ano, deixo o mundo em março, os ventos gelados açoitando os narcisos, e volto no calor abafado de junho. No ano seguinte, rego o jardim num anoitecer de maio, inspirando o perfume doce dos lilases e o cheiro ácido e penetrante do espinheiro, sentindo em tudo a expectativa vibrante do verão. Não volto a sair de casa até a época em que as folhas mudam de cor e toda a

exuberância apodrece no monte de compostagem ou pende flácida dos caules murchos. É como se eu abrisse uma porta secreta no tempo, entrasse num corredor lateral escurecido e não conseguisse encontrar a saída. Vou tateando o caminho, sem saber a distância que devo andar, até que de repente minha mão encontra uma maçaneta na parede, abre-se uma porta e estou outra vez na rota principal, mas muito mais adiante.

Quando olho para trás, esses blocos temporais são apagados da mente, riscados com uma caneta preta de ponta grossa, como se minhas memórias fossem documentos redigidos por um funcionário público rigoroso. Mas não é verdade que não conservo nada desses períodos de inatividade. Aquele verão perdido encontra um lugar na memória com rosas e maçãs. As rosas foi Pete quem cortou para mim — cintilavam escurecidas na sala acortinada, perfumando o ar sombreado. Eu levantava os vasos até o rosto, punha o nariz nas profundezas aveludadas e inspirava e inspirava, como se cada flor fosse a ponta de um tubo me ligando ao mundo. As maçãs, incontáveis, se empilhavam em caixas no chão da cozinha, enormes e reluzentes, aquecidas pelo sol e de uma perfeição assombrosa. Eu entrava na cozinha só para olhar. Pareciam um milagre inesperado, levemente inconveniente, dispensado à macieira por um anjo de passagem que estava num momento de boa disposição, sem saber da mulher dentro da casa, que bem que gostaria de um milagre para ela mesma.

Pete me mostra fotos durante esses períodos escuros, uma procissão de imagens luminosas numa telinha miúda. Ele as captura no mundo lá fora, prende-as na câmera como borboletas coloridas e estende sua coleta diante de mim, para mostrar o que viu.

É assim que compartilha comigo as paisagens que tanto amávamos na vida anterior. Por meio das fotos, me conecta às

suas viagens, conserva-me ao seu lado enquanto anda pelo mundo.

Céu azul sobre campos pontilhados de feixes de feno; um mar ondulante de papoulas; o verde salpicado de sol.

Luz baixa em faias outonais; folhas vermelhas na água; um fungo que parece porcelana numa toalha de musgo felpudo.

Por meio delas, acompanho o ritmo das estações e a alteração da qualidade da luz, enquanto o sol traça um arco alto e escarpado no meio do verão, então desce e traça os raios baixos na virada do ano. Por meio delas, vejo as várias plantas se enfolhando, florescendo, frutificando, cada qual na sua época; vejo as árvores exuberantes e gloriosas se consumirem, se transformando em rígidos dedos negros que cutucam o céu sombrio.

Uma bétula congelada numa trilha que some nas brumas. Desenhos espiralados no gelo sobre um lago. Cinco árvores esguias na neve, dançando.

Flocos de neve em abundância ao lado da água escura. Um narciso solitário, surpreendido pela neve. Prímulas multicoloridas, avançando.

O tempo se curva

Estou no jardim com minha amiga mais antiga, jogando badminton e atirando cada vez mais alto num céu azul-lilás. Começa o anoitecer de um dia abafado, o sol logo acima do horizonte, os últimos raios deslizando entre as sombras compridas, jogando brilhos incandescentes na folhagem. De um lado, o jogo é demarcado pelos vasos no pátio, do outro, pelos galhos esparsos da cerejeira. Não há rede — já é suficiente a alegria de ficar rebatendo, sentindo o prazeroso *tum* quando a base emborrachada da peteca acerta o centro das cordas da raquete.

Minha amiga está de sandálias e vestido de verão. Eu estou com chapéu de palha, um casaco feito por encomenda, camiseta de manga comprida, saia comprida, legging, meias e botas de amarrar. A temperatura do meu corpo sobe continuamente. O suor escorre pelo pescoço e pelas costas. A cada movimento, o tecido se agarra à minha pele como mãos úmidas e indesejadas. Mas não me incomodo. Estou ao ar livre, estou em liberdade, estou me movendo na superfície da terra.

Aparo a peteca com a ponta da raquete, e ela cai para fora.

— Droga, não consigo acertar de revés — digo. — Acho que entrou nessa moita.

Procuro entre os talos verdes e frescos, respirando a fragrância úmida do solo, até que vislumbro algo branco. Dou o saque para começar a próxima partida, e minha amiga rebate alto — mas então, precipitando-se para onde a peteca deveria estar, minha raquete só atravessa o ar pesado e vazio. O galho mais alto da cerejeira, estendendo-se sobre o gramado como um

folhudo braço repreensivo, agarrou a peteca no alto do voo e segurou-a firme.

— Caramba — diz a minha amiga. — Ficou presa.

Nós duas vamos até a árvore. Pegamos nos troncos ásperos bifurcados e sacudimos com força. Da árvore caem brotos e folhas direto na nossa cabeça. Um passarinho assustado sai depressa por um dos lados e pousa na cerca. A peteca continua em seu poleiro.

— A gente pode tentar atirando uma raquete — sugiro.

— Vai acabar ficando presa também — responde minha amiga.

De repente, o tempo se curva, os anos se dobram sobre si mesmos, tenho dez anos de idade e minha amiga, nove, e estamos em outro jardim, em outra época, descalças entre as margaridas, olhando para outra árvore e rindo. Há três petecas e duas raquetes mantidas em cativeiro dentro da sua copa trançada, totalmente fora de alcance.

Meus pensamentos vão para a criança que fui, no outro extremo da escuridão, ignorante quanto ao futuro, cheia de sonhos e esperanças. Sou tomada por uma tremenda sensação de continuidade, um puxão no plexo solar, como se eu estivesse presa à corrente de uma âncora gigantesca. Sob as deformações da solidão, as molas deixadas pelo desespero agudo, os resquícios viscosos do medo crônico (da morte dolorosa, da dissolução, da perda da sanidade mental), sob todas as incrustações do sofrimento, ainda sou aquela pessoa, meu cerne não mudou. E minha amiga, cujas memórias se entrelaçam às minhas, está ao meu lado, como prova e testemunha.

Afasto-me da árvore. Com uma das mãos segurando o chapéu, inclino-me para trás para calcular a mira. Então arremesso a raquete no ar abafado. Ela gira enquanto sobe, um último raio de sol batendo na armação prateada que desfecha um clarão de fogo. A raquete bate no galho isolado e a peteca se

solta. Raquete e peteca pairam um instante no céu lilás, um contorno de lua e uma estrela emplumada, antes de despencarem na terra.

Inesperado

— Hoje à tarde, encontrei uma coisa inesperada no jardim — diz Pete num sábado à noite, durante o jantar.

Ele cortou a grama, retirou as plantas sazonais dos vasos e cumpriu outras tarefas de fim de verão.

— Puxa! — exclamo. — O que era? Um javali selvagem?

— Não, nada disso. Sei que você gostaria que fosse, querida, mas não era.

— Uma rã, então.

O fundo do jardim dá para uma valeta com um córrego, e de vez em quando entram algumas rãs.

— Não. Pare de tentar adivinhar, você não vai conseguir. É a iúca. Está dando flor.

— Flor?

— Uma protuberância descomunal que já está com um metro e meio de altura.

— Que coisa mais extraordinária! Mas aquela iúca...

— ... não faz nada desde que comprei a casa, e isso foi há vinte anos.

De fato, a iúca sempre me pareceu uma planta feia e sem graça, se esparramando perto demais do caminho que sai da porta dos fundos como um par de pompons malévolos e pontudos, tendo de ser podada periodicamente para não espetar as coxas de quem passa. Pouco tempo atrás, até falamos em tirá-la dali, mas chegamos à conclusão de que seria muito difícil e precisaríamos usar roupa de proteção.

Não estou tão bem quanto no começo do verão, e temos de esperar bastante tempo depois do crepúsculo para eu poder sair.

Pete aponta o cacho de flor nascente: é mais grosso que meu pulso, cheio de pelotas e saliências, com uma cabeça empinada e pontuda.

— É um escândalo — comento. — Como foi que ficou desse tamanho sem que a gente notasse?

— Ela age na surdina — responde Pete.

— É bem sinistro.

E todos os dias, quando me arrisco ao jardim no fim do dia, com o céu já cinza, a coisa parece ter crescido mais uns centímetros e está criando brotos laterais, crivados de botões pálidos.

Uma semana depois, durante o jantar, Pete declara:

— Encontrei mais uma coisa inesperada no jardim, e nem tente adivinhar o que é.

— Bem, o que é, então?

— Outro cacho colossal brotando na iúca.

— Outro? Mas isso é ridículo. Eu olho todas as noites. Como não pude ver?

Saímos de casa, e lá está ele.

O par inesperado cresce cada vez mais, e os botões se rompem numa infinidade de campânulas brancas, como tulipinhas de ponta-cabeça, e um leve aroma de laranja. As hastes são mais altas do que eu, mais altas do que Pete — uns dois metros e meio, e continuam crescendo.

— Vou tirar uma foto dela — diz Pete, certa vez. — Mas você precisa aparecer, para mostrar a escala. Não vou usar flash. Vai ser uma oportunidade de experimentar a capacidade da minha câmera nova de operar com pouca luz.

— Você também devia aparecer — digo. — Pode usar aquela coisa de infravermelho do controle remoto.

Então ele vai buscar o equipamento e, voltando ao jardim, arma as pernas do tripé, que fica meio desajeitado na grama, e prende a câmera em cima.

— Agora, fique o mais perto possível dos cachos e faça um ar de surpresa.

Empenho-me ao máximo para seguir essas instruções sem que alguma folha em forma de espada acerte meu pescoço. Pete mexe nas regulagens, murmurando sozinho.

— Está ficando muito escuro — digo. — Você acha que vai dar certo?

— Deveria — responde ele, absorto. — É um aparelho de altíssima qualidade. Pronto.

Ele vem e fica atrás de mim, me abraçando pela cintura.

— A exposição será longa, então tente não se mexer.

Ele aperta o botão do controle remoto e a câmera responde com um “clique” de abertura. Ficamos imóveis durante um tempo interminável, até ouvirmos, aliviados, o “cloque” de fechamento.

Alguns dias depois, tendo brincado com o arquivo no computador, Pete imprime a foto e me mostra. Ali estamos nós, encerrados dentro dos verdes e cinzas tênues do lusco-fusco: eu de chapéu, casaco e botas, o rosto pálido sob uma aba em ponta, um sorriso enlevado e bobo; Pete alto e magro, de cardigã com zíper, um ar zombeteiro no rosto. Ao nosso lado, monstruoso, porém lindo, está um sinal floral em um gigantesco V — no nosso caso, infelizmente, não é um V de “vitória”, mas, ao menos por ora, contra todas as probabilidades, são dois dedos esticados para o destino.

Desde que posamos para as fotos do casamento, passaram-se seis anos e dez meses. E que anos! Rajados, malhados, listrados como uma estampa de leopardo complicada, com manchas alternadas de desespero e esperança. Meu voto sombrio, ainda não posto à prova, continua intacto. Só sei que será muito mais difícil mantê-lo.

Final

Pensei que essa história fosse ter um desfecho. Enquanto escrevia os últimos capítulos, experimentei um novo comprimido e os resultados iniciais foram bons. Julguei que a vitória sobre a escuridão seria o clímax da minha narrativa, um final feliz e edificante.

A vida não segue as estruturas narrativas da Arte. Corrompida pela ficção, ansiei a mudança e o desenvolvimento do enredo, e não levei em conta que as coisas têm a incrível capacidade de continuarem iguais. O novo comprimido me levou a mais um percurso pelos arredores, de onde não encontrei a saída. A despeito de todas as expectativas razoáveis, descobri que vidas impossíveis resistem.

Eis o que aprendi:

A verdade mais nobre é “o sofrimento existe”. Como toda a história é repleta das mais exóticas e multifacetadas manifestações, “Por que eu?” é uma pergunta que só um idiota faria. Os sensatos dizem apenas: “Por que não?”

Os grandes campos da cultura humana — a literatura, a religião e a filosofia — são guias mais sábios para enfrentar com graça o sofrimento do que as pseudopsicologias modernas.

É impossível prever como as pessoas reagirão à doença crônica até o momento em que ela chega. Amigos que você julgava que teria para sempre se afastam, perplexos e com repugnância. Outros, muitas vezes totalmente inesperados, tomam para si a responsabilidade de nos animar e, com grande beleza, dedicam-se a isso durante anos.

Em todas as coisas corriqueiras oculta-se a alegria, apenas esperando ser encontrada.

O amor é impermeável à razão.

E as palavras são maravilhosas.

Nota da autora

Como escrever sobre o fato de ter de viver totalmente no escuro? Quando comecei, em 2010, já mergulhada no quarto período de escuridão completa, o resultado não foi muito estimulante, tendo resultado em algo mais ou menos assim:

Segunda-feira: fiquei no escuro

Terça-feira: fiquei no escuro

Quarta-feira: fiquei no escuro

Mesmo eu, uma novata, percebi que, como literatura, faltava certo vigor.

Era evidente que teria de abandonar a abordagem cronológica, mas o que faria em lugar dela? Por fim, escrevi seções curtas, cada uma concentrada em determinado aspecto da minha vida sem luz. Assim, a primeira parte trata de episódios de diferentes períodos que passei no breu. Nesse estado, o próprio tempo se torna amorfo, em vez de linear. Perde-se a noção de há quanto tempo se está ali e não se sabe se desta vez será para sempre ou se, algum dia ou se em algum momento, será possível sair outra vez.

Na segunda parte, a escuridão começa a recuar, mas de forma parcial e sempre temporária. Não quis entediar a todos descrevendo cada lenta subida em direção à luz. Assim, fiz uma seleção dos passos mais importantes e significativos.

Para os interessados na ordem verdadeira dos fatos — por mais frustrante e enlouquecedora que seja —, incluí um diagrama no Apêndice ao final do livro.

Muitas pessoas foram generosas ao me autorizar a escrever sobre elas. Os nomes e alguns detalhes foram alterados para proteger a privacidade daqueles citados. Tomei a liberdade de reconstruir os diálogos para dar uma ideia mais completa da experiência, baseando-me no que consigo me lembrar das conversas. Eu não sabia (que bom) o que o futuro me reservava, por isso não anotei na época.

Apêndice

— O que você está fazendo, querida? O que são esses rabiscos?

— Estou bolando uma maneira de apresentar os altos e baixos da minha doença, sem que fique completamente tedioso e confuso.

— O que você precisa é de um gráfico — diz Pete.

— Um gráfico?

— É. Pegue as duas variáveis principais, o tempo e a fotossensibilidade, e marque uma e outra.

— Como assim?

— Bem, você bota o tempo como a abscissa...

— A o quê?

— A abscissa. — Ele traça umas linhas no meu caderno. — E a tolerância à luz como a ordenada.

— Quer dizer, a coordenada x e a coordenada y ?

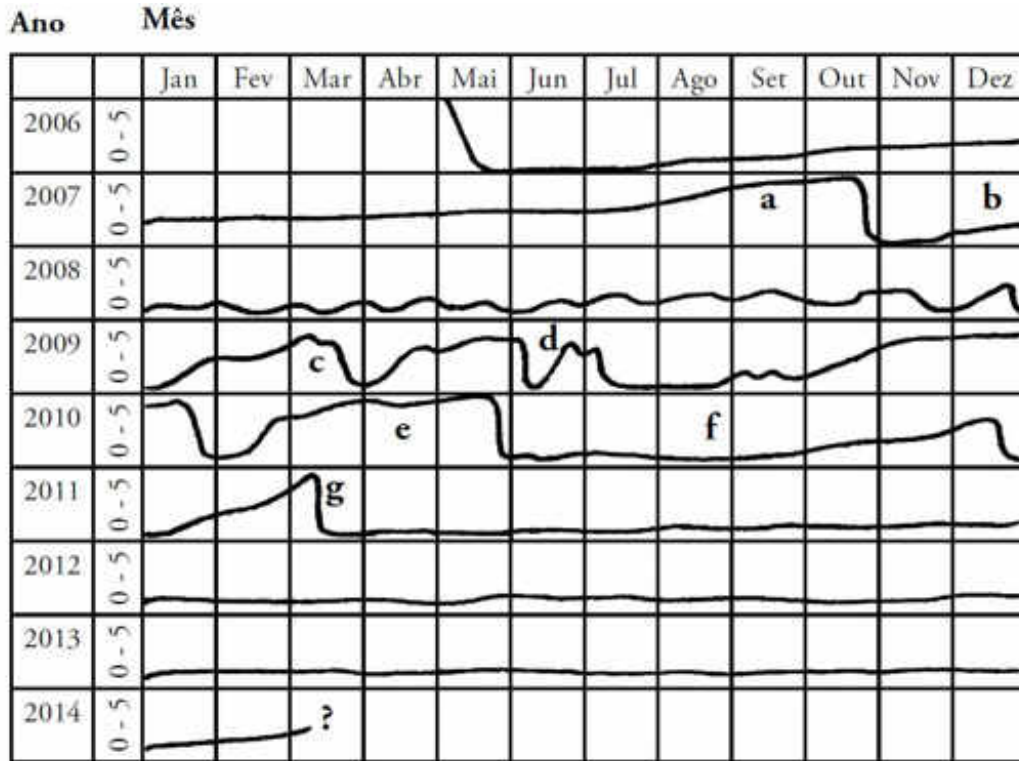
— Exato, é como se chamam em matemática.

— Puxa vida — respondo, animada —, eu nunca tinha ouvido a palavra abscissa.

Pete é a única pessoa que eu conheço que, mesmo totalmente despretensioso e modesto, volta e meia usa nas conversas cotidianas alguma palavra *inteiramente nova para mim* e depois bate o pé, insistindo que não entende por que tanto alvoroço e que, seja qual for a palavra, ela é “só uma palavra normal”. Devo confessar que acho isso bastante sensual.

Então coloco o tempo no eixo x e a tolerância à luz no eixo y , distribuo os vários anos, um abaixo do outro, para que o gráfico não fique fino e comprido demais, e o resultado é o seguinte:

Fig. 1: Variação da tolerância à luz ao longo do tempo numa mulher altamente fotossensível



NÍVEL DE TOLERÂNCIA À LUZ

5 = cortinas totalmente abertas no andar térreo, passeios começando uma hora antes do anoitecer e terminando uma hora depois do amanhecer
 0 = escuro total

PRINCIPAIS EVENTOS

- a. férias no trailer 1
- b. casamento
- c. férias no trailer 2
- d. Mottisfont
- e. férias no trailer 3
- f. início deste livro
- g. aumento na dose de esteroide

Agradecimentos

Nina Milton leu a primeira versão deste livro, fazendo comentários úteis e encorajadores. Minha mãe leu a versão seguinte e passou para sua amiga Babette, que passou para sua amiga Anna Goodall, que passou para Jane Finigan, na Lutyens and Rubinstein. Jane me escreveu uma carta maravilhosa, que me incentivou a seguir com o texto até chegar às dimensões de um livro propriamente dito, e agora é a minha agente.

Também gostaria de agradecer a Anna Steadman e Juliet Mahony, na Lutyens and Rubinstein, David Forrer na Inkwell Management, a Helen Garnons-Williams, Elizabeth Woabank e equipe, na Bloomsbury, e a Bill Thomas, Kristine Puopolo e equipe, na Doubleday. Helen e Kristine formaram uma dupla editorial de grande rigor e sensibilidade.

Eve, Lynda, Debbie, Dee, Jo e a srta. Edwards datilografaram várias partes em vários momentos, decifrando meus garranchos e os rabiscos dos intermináveis acréscimos e correções. Meus amigos, parentes e amigos de telefone me visitaram, ligaram, escreveram, fizeram rir e me permitiram manter a sanidade. Meu querido marido me deu mais do que é possível expressar em palavras.

Sobre a autora

ANNA LYNDSEY é um pseudônimo. A autora foi funcionária pública em Londres por muitos anos, até adoecer. Hoje vive em Hampshire, na Inglaterra.

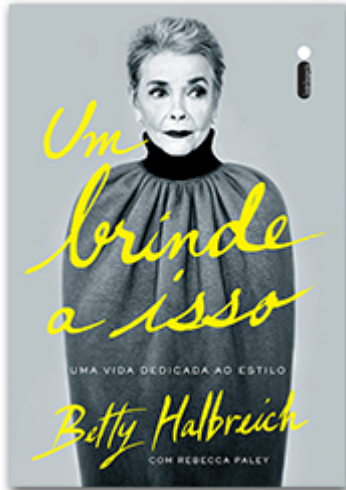
Leia também



Não sou uma dessas
Lena Dunham



A arte de pedir
Amanda Palmer



Um brinde a isso
Betty Halbreich
com Rebecca Paley